

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARIA SOUZA DOS SANTOS

**EDUCAR CRIANÇAS PEQUENAS PARA VALORES:
UMA PRÁXIS IMPREGNADA DE CUIDADO**

Porto Alegre

2013

MARIA SOUZA DOS SANTOS

Educar crianças pequenas para valores: uma práxis impregnada de cuidado

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Lísia Franciosi Portal

Porto Alegre

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237e Santos, Maria Souza dos
Educar crianças pequenas para valores : uma práxis impregnada de cuidado / Maria Souza dos Santos. – Porto Alegre, 2013.
134 f.

Diss. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS.
Orientador: Profª. Drª. Leda Lísia Franciosi Portal.

1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Valor (Educação).
4. Prática de Ensino. I. Portal, Leda Lísia Franciosi. II. Título.

CDD 372.2

Ficha Catalográfica elaborada por

Vanessa Pinent

CRB 10/1297

MARIA SOUZA DOS SANTOS

Educar crianças pequenas para valores: uma práxis impregnada de cuidado

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: _____/_____/ 2013

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Lísia Franciosi Portal (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Maria Inês Corte Victória (PUCRS)

Prof^a. Dr^a Maria Conceição Christofoli Pillon (PUCRS)

Dedico essa Dissertação à
minha família, pessoas
especiais com as quais Deus
me presenteou.

AGRADECIMENTOS

“Nenhum dever é mais importante do que a gratidão”.
(Cícero)

Meus agradecimentos e reconhecimentos:

- ⇒ A Deus, presença amorosa em minha vida, que com seu olhar de predileção me sustentou e fortaleceu, apesar dos obstáculos e adversidades, favorecendo-me mais essa oportunidade de crescimento pessoal e profissional.
- ⇒ Aos meus pais, Sr. Luiz e Sr^a. Esperança (in memoriam) verdadeiros mestres que sempre acreditaram em mim e mostraram-me o caminho do bem, da justiça e da honradez e com certeza celebram comigo esse momento.
- ⇒ Aos meus irmãos e demais familiares que, mesmo à distância, estiveram sempre presentes e fazem parte dessa conquista.
- ⇒ À Clara Vitória, Higor e Allan Rafael, as crianças pequenas de minha família.
- ⇒ Às Irmãs de minha Comunidade Religiosa pela compreensão de minhas ausências.
- ⇒ Aos Superiores da Província das Filhas da Caridade de Curitiba pela confiança e apoio.
- ⇒ À Eliane Rossa, Deonice Aparecida Garcia e Clístenes Natal Bósio, meus maiores apoiadores nessa pesquisa.
- ⇒ À Professora Dr^a Leda Lísia Franciosi Portal, minha orientadora, que, com grande alegria e interesse, aceitou orientar-me nessa pesquisa me acompanhando, incentivando, apoiando, iluminando e fortalecendo nos momentos mais difíceis que não foram poucos, me compreendendo e desafiando a não desanimar.

- ⇒ Aos Professores da Linha de Pesquisa Pessoa e Educação, pela socialização de conhecimentos, amizade e partilhas, que me enriqueceram no percurso da pesquisa.
- ⇒ Aos colegas de curso, pela partilha de experiências e momentos de estudo e confraternização vivenciados.
- ⇒ Ao Professor Dr. Gabriel de Andrade Junqueira Filho e Professora Dr^a Maria Inês Côrte Vitória, que tão gentilmente examinaram meu Projeto de Pesquisa e participaram da Banca de Qualificação sugerindo subsídios que a enriqueceram.
- ⇒ A Jordana WruckTimm, Mestranda em Educação na UCS, pelas produções conjuntas, apresentações em eventos, apoio e intercâmbios de materiais e ideias.
- ⇒ Às Professoras da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza que celebraram comigo cada passo dessa nova conquista.
- ⇒ Às crianças pequenas que participaram dessa pesquisa e a enriqueceram com suas partilhas, inocência e transparência em seu modo de ser e agir.
- ⇒ A todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram comigo nessa produção, meu muito obrigada. Que o Bom Deus recompense a cada um!

O Direito das Crianças

*Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.*

*Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar.
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.*

*Não é questão de querer
Nem questão de concordar.
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar.*

*Tem direito à atenção
Direito de não ter medos.
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.*

*Mas criança também tem
O direito de sorrir.
Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...*

*Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.*

*Descer do escorregador,
Fazer bolha de sabão,
Sorvete, se faz calor,
Brincar de adivinhação.*

*Morango com chantilly,
Ver mágico de cartola,
O canto do bem-te-vi,
Bola, bola, bola, bola!*

*Lamber fundo da panela
Ser tratada com afeição.
Ser alegre e tagarela
Poder também dizer não!
Carrinho, jogos, bonecas,
Montar um jogo de armar,
Amarelinha, petecas,
E uma corda de pular.
(Ruth Rocha)*

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e vinculada à linha de pesquisa Pessoa e Educação, teve como principal temática a educação de crianças pequenas para valores, por meio de uma práxis impregnada de cuidado. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi compreender a importância de uma educação para valores ofertada na Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, na qual atuo, no momento, como diretora, por meio de uma práxis de cuidado em suas dimensões: (autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado), tendo como base o valor supremo: o amor. Os aportes teóricos sobre Educação para valores foram sustentados por Silva (1986), Chalita (2001), Pérez Serrano (2002) Delors (2006) e Pérez Esclarín (2007) e sobre cuidado nas produções do Programa Cuidar de Belo Horizonte, de Gomes da Costa e Oliveira Lima (2002), nas teorias de Waldow (1998, 2004) e Junqueira Filho (2003, 2005). Utilizei como abordagem metodológica os princípios da Pesquisa Qualitativa, de cunho descritivo interpretativo (Triviños, 1987), e como técnica de coleta de dados a Roda de Conversa, fundamentada, principalmente em Warschauer (2001, 2004). Como resultado da pesquisa pude evidenciar, por meio da fala das crianças pequenas, ser preocupação da Instituição do estudo, em relação à importância de educá-las para valores, oportunizando que se tornem pessoas autônomas e solidárias, capazes de desenvolver atitudes de cuidado para consigo mesmas, com os outros, com o meio e com o cosmos, além de se tornarem mais fortalecidas em suas relações intrapessoais e interpessoais.

Palavras-chave: Educar. Criança Pequena. Valores. Práxis. Impregnada. Cuidado.

ABSTRACT

The present paper, performed in the Graduate Program in Education at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul and linked to on line search Person and Education, has as its main theme the education of young children to value through a praxis impregnated care. Accordingly, the aim of this work was to understand the importance of a values education offered at the Institution of Child Education Santa Luiza, in which I work, at the time, as a director, through a praxis of care in its dimensions: (self-care, care of others, care of nature and care of a superior relationship), based on the supreme value: love. The theoretical contributions on Education for values were sustained by Silva (1986), Chalita (2001), Pérez Serrano (2002) Delors (2006) and Pérez Esclarín (2007) and on care in Caring Program productions of Belo Horizonte, the Gomes da Costa and Oliveira Lima (2002), the theories of Waldow (1998, 2004) and JunqueiraFilho (2003, 2005). Methodological approach utilized the principles of qualitative research, a descriptive interpretive (Triviños, 1987), and as a technique for data collection was Rodas de Conversa, based mainly on Warschauer (2001, 2004). As a result of the research was able to show, through the speech of young children, the importance of educating them to values, causing people to become autonomous and supportive, able to develop attitudes of care with themselves, with others, with the environment and with the cosmos and strengthened its relations intrapersonal and interpersonal.

Keywords: Educate. Small Child. Values. Praxis. Impregnated. Care.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho da criança F	68
Figura 2 - Desenho da criança I	70
Figura 3 - Desenho da criança E	71
Figura 4 – Foto do local preferida da criança H.....	85
Figura 5 – Foto do local preferido da criança B.....	86
Figura 6 –Foto do local preferido da criança G	86
Figura 7 –Foto do local preferido da criança I	87
Figura 8 – Foto do local preferido da criança J	87
Figura 9 – Foto do local preferido da criança E	88
Figura 10 – Foto do local preferido da criança A.....	88
Figura 11 – Foto do local preferido da criança C.....	89
Figura 12 – Foto do local preferido da criança D.....	89
Figura 13 – Foto do local preferido da criança F	90
Figura 14 – Foto do local preferido da criança K.....	90
Figura 15 – Foto do local preferido da criança L	91
Figura 16 – Foto do local preferido da criança M	91
Figura 17 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Claudete	105
Figura 18 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Claudete	106
Figura 19 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Fernanda	106
Figura 20 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Michele	107
Figura 21 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Michele	107
Figura 22 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Michele	108
Figura 23 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Maria Cristina	109
Figura 24 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura	110
Figura 25 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura	111
Figura 26 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura	111
Figura 27 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura	112

LISTA DE SIGLAS

- ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento
- CEDICA – Conselho Estadual dos Direitos da Criança e Adolescentes
- CME – Conselho Municipal de Educação
- COHAB/RS – Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- FASE – Fundação de Atendimento Sócio Educativo
- GT – Grupo de Trabalho
- LDBEN– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- PMPA – Prefeitura do Município de Porto Alegre
- PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
- SMED – Secretaria Municipal de Educação
- UCS – Universidade de Caxias do Sul
- UNESCO – Org. das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA	18
2.1 EDUCAR CRIANÇA PEQUENA PARA VALORES	19
2.2 UMA PRÁXIS DE CUIDADO PERMEADA DE AMOR	21
2.3 O CUIDADO DA CRIANÇA PEQUENA NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA	28
2.4 DIMENSÕES DO CUIDADO EM EDUCAÇÃO	32
2.4.1 Autocuidado	32
2.4.2 Altercuidado	33
2.4.3 Ecocuidado	35
2.4.4 Transcuidado	36
2.5 CUIDANDO DE QUEM CUIDA	36
2.6 CUIDAR E EDUCAR OU EDUCAR E CUIDAR?	38
3 PROBLEMA DA PESQUISA E SEUS OBJETIVOS	41
3.1 OBJETIVO GERAL:	41
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	41
4 CARACTERIZANDO A ESCOLA, OS PROTAGONISTA E A PESQUISADORA	43
4.1 ESCOLA	43
4.2 OS PROTAGONISTAS DA PESQUISA	46
4.3 A PESQUISADORA	46
5 DEFININDO A METODOLOGIA	51
5.1 RODAS DE CONVERSA: UM MOMENTO DE ALEGRIA E DESCONTRAÇÃO	52
6 UM DESVELAR DE SIGNIFICADOS	58
6.1 AUTOCUIDADO: UM ATO DE AMOR PARA CONSIGO	58
6.1.1 Roda de Conversa: momento de escuta das crianças	59
6.1.2 Saber cuidar é uma atitude inata e a família é o sustentáculo da vida da criança	64
6.2 ALTERCUIDADO: CUIDAR DAS RELAÇÕES DE AMIZADE	73
6.2.1 A Escola Santa Luiza sob o olhar das crianças	79
6.3 ECOCUIDADO: CUIDADO DAS REDES QUE SUSTENTAM A VIDA	92
6.3.1 Água: Fonte que garante e sustenta a vida	93
6.3.2 Queimadas: prejuízo irreparável ao Meio Ambiente e à Saúde	97
6.3.3 Cuidar do lixo é cuidar da sobrevivência do Planeta	101

6.4 TRANSCUIDADO: UM JEITO DE EDUCAR A SENSIBILIDADE.....	112
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS EM ABERTO.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO..	129
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS	130
APÊNDICE C –TERMO DE AUTORIZAÇÃO	131
APÊNDICE D – CARTA DE ESCLARECIMENTO	132
APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	133

1 INTRODUÇÃO

“Todas as crianças pequenas devem ser cuidadas e educadas em Ambientes seguros de sorte que cresçam saudáveis, vivazes, com amplas possibilidades de aprender”. (UNESCO, Plano de Ação – Dacar, 2000, apud Didonet, p. 9)

Pesquisar a temática da infância na atualidade supõe um entendimento das diferentes representações que as crianças receberam no decorrer da história e a evolução do próprio conceito de criança. Nessa pesquisa, pretendo abordar questões relativas à criança pequena, sobretudo, na esfera escolar.

Na história geral da Educação percebe-se que a Educação da Infância foi menosprezada por um longo período. Na Idade Média, a criança não tinha nenhuma expressividade, era vista como um ser insignificante, ou mesmo “um adulto em miniatura”. “[...] no mundo das fórmulas românticas, e até o final do século XIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido...” (ARIÈS, 1981, p. 51). Até mesmo os trajes das crianças eram semelhantes aos dos adultos. O referido autor assim destaca:

A indiferença testemunhada até ao século XIII – quando não se tratava do filho de Nossa Senhora – perante as características próprias da infância, não se manifesta apenas no mundo das imagens: o traje prova a que ponto, na realidade dos costumes, a infância era tão pouco diferenciada”. Assim que a criança deixava de ser enfaixada, ou seja, assim que deixava de usar a tira de tecido que se enrolada, bem apertada, à volta do seu corpo, passava a vestir-se como os outros homens ou mulheres de sua condição. (ARIÈS, 1988, p. 79-80)

Salienta ainda outras semelhanças entre crianças e adultos:

Na mesma época em que brincava com bonecos, essa criança de quatro ou cinco anos atirava com arco, jogava às cartas, ao xadrez (com seis anos), aos jogos das pessoas crescidas, como “à bola e à raqueta”, ao jogo da barra e aos inúmeros jogos da sociedade. (ARIÈS, 1988, p. 98).

Práticas de atividades adultas eram comuns entre as crianças da época: “Observamos a mesma precocidade na prática da dança: vimos que Luís XIII aos três anos dançava a galharda, a sarabanda, a antiga *bourrée*”. (p. 119).

Na mesma época em que brincava com bonecos, essa criança de quatro ou cinco anos atirava com arco, jogava às cartas, ao xadrez (com seis anos),

aos jogos das pessoas crescidas, como “à bola e à raqueta”, ao jogo da barra e aos inúmeros jogos da sociedade. (ARIÈS, 1988, p. 98).

A infância era praticamente ignorada. Não se acreditava na sua inocência e nem se respeitavam seus sentimentos.

Na sociedade medieval [...] o sentimento da infância não existia... o sentimento da infância corresponde a uma consciência da especificidade infantil, essa especificidade que distingue a criança do adulto. (ARIÈS, 1988, p. 182).

Já no Século XVI, começa a ter-se um olhar um pouco mais voltado para a criança. Ela passa a aparecer no mundo da arte:

Por fim, a partir do século XVI, uma nova personagem entra em cena nos calendários: a criança. É certo que já surgia com frequência na iconografia do século XVI, em especial nos Milagres de Nossa Senhora. Mas continuara ausente nos calendários, como se essa tradição iconográfica já antiga tivesse por muito tempo hesitado em acolher essa figura retardatária. Nos trabalhos dos campos, as crianças não surgem ao lado das mulheres. Vemos algumas servindo à mesa no dia do banquete de janeiro...” (ARIÈS, 1988, p. 227).

Mas é somente a partir do Século XVII que a criança pequena começa a ser vista pela família como um ser com sentimentos e necessidades. Até então, após o nascimento, eram confiadas aos cuidados de amas. Quanto aos pais, estes, só iriam ter a companhia dos filhos quando já grandinhos e capazes de acompanhá-los em suas atividades de vida adulta como, por exemplo: jogos, caças e danças.

Ariès destaca esse novo olhar da família sobre a criança:

Esta preocupação nova com a educação instalar-se-á a pouco e pouco no coração da sociedade e transformá-la profundamente. A família deixa de ser apenas uma instituição de direito privado que assegura a transmissão dos bens e do nome, para assumir uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas. [...] os cuidados prestados às crianças inspiram sentimentos novos, uma afetividade nova... [...] os pais já não contentam com trazer os filhos ao mundo, com estabelecer apenas alguns deles, desinteressando-se dos outros. A moral do tempo impõem-lhes que deem a todos os filhos e, no final do século XVII, até às filhas (e já não apenas ao mais velho) a preparação necessária para a vida. (Ariès, 1988, p. 321-322).

Nesse último século, porém, há um crescente número de pesquisas sobre crianças de Educação Infantil. Além do desenvolvimento de programas mais estruturados de Cuidado e Educação na Primeira Infância, o que comprova a

preocupação com educação de qualidade para a criança e a qualificação dos profissionais que com elas trabalham, surgem, a cada instante, documentos relativos aos cuidados em relação a essas crianças.

Heywood, afirma que “a fascinação pelos anos da infância é um fenômeno relativamente recente” (HEYWOOD, 2004, p. 13).

Na contemporaneidade, a criança pequena vem ganhando relevância e destaque: há uma preocupação maior com ela, com a infância, com sua história. Pode-se dizer que, a criança tem um papel relevante na construção da realidade social. Ao contrário da Idade Média, agora a criança pequena ganha identidade histórica e pessoal, passa, gradativamente, de uma concepção de objeto à de protagonista.

Essa preocupação é motivada pelas transformações rápidas e intensas do mundo contemporâneo e os impactos que essas causam na vida social e, em decorrência, o surgimento do alto índice de violência, um problema que afeta as nossas escolas, famílias, comunidades e sociedade em geral.

Constantemente convivemos com atos violentos praticados até mesmo por crianças e adolescentes: violência que se manifesta nas mais diversas formas, causando danos na esfera familiar e social. Essas constantes mudanças culturais e econômicas afetam a vida dos jovens e dos adolescentes, mas, sobretudo, das crianças pequenas que são oriundas desse ambiente, chegando à escola, já desde a mais tenra idade, com relações afetadas e experiências dolorosas, que as levam a não saber respeitarem-se a si mesmas e ao outro como um ser em sua individualidade e sem os requisitos básicos para a convivência.

É missão da escola, educar para valores, para a convivência, para o respeito a si mesmo e ao outro, desenvolver uma nova forma de se relacionar; buscar um novo jeito de ensinar e de aprender; desenvolver um novo olhar sobre a criança e a infância. Essa nova forma de educar exige ousadia e criatividade.

A partir dessa ótica, penso ser urgente repensar a formação dos professores de crianças pequenas, pois, o Educador de Educação Infantil é o responsável por criar ambientes de ensino e de aprendizagem afetivos, saudáveis, prazerosos onde as relações professor-criança e criança-criança sejam agradáveis e propícias para o desenvolvimento da criança.

Trabalhar com Educação Infantil requer habilidades específicas, ser especialista, destaca Cirino (1999, p.24):

Uma infância que requer “especialistas” não é, certamente, uma infância qualquer, mas sim, uma que supostamente necessita de um séquito de “conhecedores para lhe revelar sua verdade”. Assim, a noção de infância na modernidade se particula dentro de uma política de verdades, amparada pela autoridade do saber de seus porta-vozes.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

O interesse por desenvolver essa pesquisa sobre a importância de uma educação baseada em valores para crianças pequenas surgiu a partir de minha trajetória como pesquisadora, Docente e Mestranda em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com vinte e cinco anos de magistério, dentre esses, nove anos dedicados exclusivamente à Educação Infantil na Periferia de Porecatu – PR e na Vila Farrapos, em Porto Alegre – RS.

Outro fator relevante foi minha atuação como Conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e Adolescente (CEDICA), no Estado do Rio Grande do Sul (Gestão 2009-2011), na qual pude conviver com situações de adolescentes em conflitos com a Lei e de tentativa de reabilitação dos mesmos, geralmente internos da Fundação de Atendimento Sócio Educativo (FASE), e provindos de famílias em que a fragilidade dos laços afetivos e a não afirmação de valores vivenciados na infância e adolescência os levam, muitas vezes, a ter atitudes explícitas de violência tais como: agressões físicas, furtos, roubos, assalto a mão armada, xingamentos, depredação do patrimônio público, entre outros, entrando assim em conflito com a lei e sendo considerados menores infratores.

Nesses casos, o Estado, buscando dar uma resposta ao ato infracional praticado por essas crianças e adolescentes e visando inibir uma possível reincidência, os encaminha para os centros de reabilitação onde são aplicadas medidas sócio-educativas. Nesses centros educativos, porém, a convivência com outros adolescentes, cada um com uma trajetória e uma história de vida que lhes são peculiares, a finalidade principal do programa que é a aplicação de uma proposta pedagógico-educativa, que possibilite ao adolescente reavaliar sua conduta, recuperar-se do ato infracional e da conduta incorreta e preparar-se para uma vida em liberdade, torna-se quase inviável. Poucos são os adolescentes que têm condições de serem reinseridos na sociedade e levarem uma vida normal.

Diante dessas reflexões, e, acreditando na urgência de uma Educação baseada em Valores desde a Educação Infantil a fim de que as crianças pequenas encontrem novos espaços de socialização e construção de sua identidade, ingressei no Programa de Pós Graduação da PUCRS como aluna de Mestrado em Educação com a intenção de realizar uma Pesquisa que tivesse o intuito de aprofundar a

temática educação de criança pequena para valores por meio de uma práxis de cuidado, que implica vivência do valor supremo: o amor.

O título dessa dissertação: **EDUCAR CRIANÇA PEQUENA PARA VALORES: UMA PRÁXIS IMPREGNADA DE CUIDADO**, expressa as minhas convicções como pesquisadora de que os primeiros anos de vida de uma criança são fundamentais para o seu desenvolvimento em todos os níveis: cognitivo, social, físico, espiritual, afetivo. Portanto, a prática do cuidado é de fundamental importância nessa fase de sua vida para oportunizar o equilíbrio em seu desenvolvimento.

Faz-se necessário, para ter maior entendimento da temática, evidenciar algumas significações dos principais termos que serão utilizados nessa produção.

2.1 EDUCAR CRIANÇA PEQUENA PARA VALORES

Educar para valores é uma tarefa complexa, cheia de riscos e incertezas, para a qual se necessita de uma formação adequada, assim como acalantar conscientemente a ideia de que é possível a mudança e a melhoria da sociedade (PÉREZ SERRANO, 2002, p. 16).

A palavra **Educar** vem do latim *educare*, ligado a *educere*, verbo composto do prefixo *ex* (fora) + *ducere* (conduzir, levar), e significa literalmente 'conduzir para fora', ou seja, preparar o indivíduo para o mundo; cultivar o espírito (POZZOLI, 1992, p.386). A finalidade principal da Educação de crianças pequenas nas Escolas de Educação Infantil é propiciar oportunidades e criar condições, por meio de uma prática educativa que favoreça o desenvolvimento de suas capacidades: físicas, cognitivas, estéticas, afetivas, espirituais, de relação interpessoal e inserção social, considerando as diferentes habilidades, interesses e maneiras de aprender. Também na Educação Infantil é que se inicia a preparação para a cidadania responsável e consciente.

“Educar é iluminar pessoas autênticas, livres e solidárias; é forjar vontades, alimentar espíritos, moldar corações” (PÉREZ E ESCLARÍN, 2007, p. 6).

O termo **Criança Pequena** utilizado nessa pesquisa, refere-se à criança de zero a seis anos (0 a 6), portanto, a criança de Educação Infantil. Nas produções referentes a crianças pequenas encontram-se apenas referências a bebês, crianças de creche crianças de zero a três anos (0 a 3). Nas últimas décadas, portanto, esse termo vem tomando expressão e sendo utilizado ao referir-se a crianças de

Educação Infantil, ou seja, criança de zero a seis anos (0 a 6). No Fórum Mundial de Educação, em Dakar, Senegal, de 26 a 28 de abril de 2000, essa expressão ganhou força, quando apareceu como motivação no Plano de ação.

Todas as crianças pequenas devem ser cuidadas e educadas em ambientes seguros de sorte que cresçam saudáveis, vivazes, com amplas possibilidades de aprender. (UNESCO, Plano de Ação – Dacar, 2000, apud DIDONET, p. 9).

Esse Plano responsabiliza os Governos em “formular políticas de cuidado e de educação para a Primeira Infância, [...] mobilizando apoio político e popular, promovendo programas flexíveis e adaptáveis para crianças pequenas, que sejam adequados para sua idade...” (UNESCO, Plano de Ação – Dacar, 2000, apud Didonet, p.9).

Machado (1999, p. 90), referindo-se à criança pequena, salienta:

A criança pequena é um ser humano completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerada como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em desenvolvimento porque estas características estão em permanente transformação. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando de peso e altura.

Em relação à palavra **Valor**, é um vocábulo derivado do latim *valor*. Destacam-se as definições que se relacionam com a temática aqui abordada: “qualidade que revela o préstimo ou serventia de algo; validade, legitimidade; importância, significação; conjunto de princípios, ideais e julgamentos morais”. (POZZOLI, 1992, p.1139).

Silva (1996, p. 12), atribui à escola a principal responsabilidade de educar para valores, pois é nela que a crise de valores se manifesta: “Sem dúvida, a escola constitui um dos centros onde essa crise valorativa se reflete e eclode”.

De fato, a educação para valores permeia as ações desenvolvidas em sala de aula e além dela. É na escola que a criança começa a ampliar suas interações interpessoais por meio das relações com os colegas.

A mesma autora (1995, p. 59), apresenta a organização dos valores, segundo a ética.

1. Valores úteis: adequados, inadequados, convenientes, inconvenientes, etc.,
2. Valores vitais: forte e fraco, decadente, criativo, etc.,
3. Valores lógicos: verdade, falsidade, demonstração, etc.,
4. Valores estéticos: belo, sublime, gracioso, feio, etc.,
5. Valores éticos: justo, injusto, misericordioso, etc.,
6. Valores religiosos: sagrado, profano, etc.

A Educação para valores a que se refere essa pesquisa trata-se dos valores básicos para a convivência em sociedade, o que Pérez Serrano (2002, p. 10) define como:

Cultivar as atitudes de abertura, um respeito pela diversidade, ensinando a reconhecer a injustiça, adotando medidas para superá-la, resolvendo as diferenças de maneira construtiva e passando de situações de conflito à reconciliação e à reconstrução social.

Educar as crianças para relações saudáveis, para conviver em harmonia, para serem construtoras da paz. Essa mesma autora, (p.11) enfatiza:

A educação para a convivência necessita de enfoques integrados e catalisadores. Implica que a educação preocupe-se com a dimensão da formação integrada de valores, conhecimentos e destrezas requeridas pela paz, a promoção dos direitos humanos, a democracia e o desenvolvimento.

Em suma, a educação de crianças pequenas para valores implica educá-las para conviver de forma saudável e harmoniosa consigo mesma, com as pessoas, a natureza e o cosmo.

2.2 UMA PRÁXIS DE CUIDADO PERMEADA DE AMOR

O vocábulo práxis, de origem grega, é uma concepção marxista definida por Vázquez (1997, p.5) como uma “[...] categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação”.

Falando dessa palavra, Konder (1992, p. 115) afirma:

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la,

transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática.

Na visão marxista, a práxis é concebida como um ato revolucionário, conflito de classes sociais. Cancian, em entrevista à Revista *Pedagogia e Comunicação*, contribui com uma importante reflexão:

O filósofo e cientista social alemão Jürgen Habermas agregou novos elementos ao conceito multifacetado de práxis. Na perspectiva de Habermas, a práxis é concebida como técnica científica que deve ser empregada para desvelar (ou desmistificar) a sociedade burguesa capitalista. Para Habermas, a práxis é a técnica de desvelar as relações entre ciência e poder, de colocar em evidência o sentido da pesquisa e a natureza das necessidades que a ciência satisfaz numa sociedade burguesa capitalista. (in CANSIAN, especial para a Revista *Pedagogia & Comunicação*, 17/10/2008, p. 3, online).

Nessa produção, porém, não desprezando os múltiplos conceitos da palavra práxis, vou ater ao seu significado enquanto práxis pedagógica presente na atividade docente, segundo a concepção de Freire, educador e filósofo brasileiro. Freire defende a concepção de educação para a liberdade, a autonomia, para a formação de uma consciência política. Uma prática pautada na ação-reflexão-ação.

Dessa forma, (Freire 2011a, p.20) salienta que, a condição inicial para que um ser possa comprometer-se é a sua capacidade de agir e refletir, de distanciar-se dele mesmo:

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se (FREIRE, 2011a, p.20).

Freire (1981, p. 145) destaca, ainda:

Mas se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é uma teoria e prática. É reflexão e ação.

Na concepção desse filósofo, a práxis é a reflexão e a ação transformadora da realidade. Somente o ser humano é capaz de refletir, criar e transformar, o que o difere dos demais animais.

A práxis pedagógica, presente na atividade docente, deve constituir um processo de politização e libertação da consciência. Isso pressupõe uma ação permeada de diálogo, crítica, afetividade e solidariedade. Esses elementos são enfatizados por Freire, que destaca: “[...] diálogo é a essência da ação revolucionária. [...], pois que não pode haver práxis revolucionária sem o diálogo. (FREIRE, 1981, p. 159).

Dessa forma, as Rodas de Conversa na Educação Infantil, constituem um importante momento do exercício de diálogo, da prática da criticidade, da solidariedade e da afetividade, elementos importantes destacados por Freire, como aportes fundamentais de uma educação para a liberdade e a autonomia.

Em relação à palavra **impregnar**, “provém da palavra *impraegnare*, de origem latina e quer dizer: fazer penetrar uma substância em; embeber, ensopar, encharcar; imbuir, encher; compenetrar-se”. (POZZOLI, 1992. p.610). Acredita-se que os valores aprendidos na infância vão impregnar-se no mais íntimo ser dessas crianças, influenciando na formação de sua personalidade e nas escolhas que, ao longo de sua trajetória de vida, lhes serão necessárias fazer.

A palavra **cuidar** é muito utilizada na área da saúde. Waldow (1998, p. 17), Doutora em Educação e em Enfermagem, uma das principais pesquisadoras dessa temática, destaca o sentido mais amplo do cuidar: “o cuidado como uma forma de expressão, de relacionamento com o outro ser e com o mundo, enfim, como uma forma de viver plenamente”.

O binômio educação e cuidado já começa a aparecer nas produções sobre a infância no campo da educação. O Dicionário da Língua Portuguesa, Larousse Cultural (1992, p. 297), traz a palavra “cuidado” como: vocábulo proveniente do latim *cogitare-cogitatus* e significa cura: cogitar, pensar. Diversos autores nos ajudam a compreender o termo cuidar, reforçando o sentido do mesmo. Dentre esses, podemos destacar: Cavalcanti (2004); Candioto (2008); Dalbosco (2006); Frota, Albuquerque e Linard (2007) e Boff (2008), que destacam uma visão mais humanística de cuidado.

Nesse estudo, pretende-se aprofundar o sentido da palavra cuidar em educação, sobretudo em suas dimensões: autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado baseado na prática do amor, como valor universal.

A revisão de literatura para essa pesquisa confirmou existir uma escassez de pesquisas sobre a teoria do cuidar em educação. Realizei primeiramente uma leitura flutuante dos trabalhos apresentados nas Reuniões Anuais da ANPED de 2008 a 2010, crianças de zero a seis anos. O termo “Leitura flutuante”, nessa produção, faz relação com o pensamento de Bardin (2009, p. 122) para quem: “A leitura consiste em estabelecer contatos com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. [...] Pouco a pouco, a leitura vai tornando-se mais precisa...”

Partindo da análise dos resumos das publicações selecionadas, destaquei as que abordavam questões relacionadas à educação para valores (cuidado: autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado). Pesquisei também no GT 08, as publicações relacionadas à Formação de Professores de Educação Infantil.

Além dessas fontes, garimpei: banco de dados da Capes e da Scielo e livros de autores que se dedicam à pesquisa sobre a temática em questão.

Percebi que, apesar de ter aumentado muito, no Brasil, o interesse por se realizar pesquisas com crianças pequenas, buscando compreendê-las em sua forma de ser e agir ainda são poucas as publicações sobre o *cuidado* dessas crianças. Pesquisadores, tanto na área da educação quanto da saúde, têm concentrado seus esforços em dar um novo sentido à Pedagogia da Infância, mas, olvidado a dimensão do cuidado. Comprova as reuniões anuais da ANPED de 2008 a 2010, nas quais há um leque de assuntos nas publicações que se referem diretamente à criança: Exclusão e Inclusão; Construção de Significado e Sentido; Educação da Criança em Meio Rural; Relação criança – adulto; Política Nacional de Educação Infantil; Brincar na Educação Infantil; Registros Pedagógicos na Educação Infantil; Linguagem e Brinquedos.

No que se refere ao cuidado, tanto na preservação da vida física quanto da afetiva, temas utilizados tanto na saúde quanto na educação e na psicologia ainda há muito a se pesquisar e descobrir. Apenas um artigo do material pesquisado se referia diretamente às questões de cuidado: “Cuidado ou educação? A prática educativa nas creches comunitárias de Curitiba”, de Elisabet Ristow Nascimento e Ademir Valdir Santos (2010).

O cuidador precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseadas em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades socioculturais (BRASIL, 1998, p.25).

Mayerroff, (1971, p. 47), filósofo norte americano, fala das implicações do cuidar:

Cuidar de alguém implica entendê-lo, adentrar o seu mundo, perceber-se fazendo parte deste mundo; implica vê-lo, tanto quanto possível, com seus olhos, em compreender como é a vida para ele e o quanto ele se esforça pra ser e do que ele precisa para crescer.

Esse novo olhar sobre a infância e a criança, a compreensão da criança como um ser em suas complexidades, singularidades e valores levam a acreditar em um novo mundo, passível de convivências amigáveis onde as pessoas respeitam e são respeitadas.

Chalita (2001, p. 13) defende a ideia de que, para se revolucionar a Educação, a solução está no afeto.

[...] um novo olhar para esse universo a ser descortinado. Um olhar de afeto, um olhar amoroso. Educação e afeto! O ato de educar não pode ser visto apenas como depositar informações nem transmitir conhecimentos. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor.

Junqueira Filho (2005) destaca o cuidado no planejamento das atividades para as crianças, por parte da professora. O autor fala da “Parte Cheia e da Parte Vazia” na preparação dos conteúdos para essas crianças. A Parte Cheia refere-se ao cuidado do professor na espera da criança que está por receber em sua sala. Ela tem que preparar algo pensado nessas crianças. Essa preparação se dá com base nas teorias que o professor tem sobre crianças, a faixa etária da turma que está por vir, dados coletados das fichas de anamneses, das fotos, etc. Porém, quando recebe os alunos, à medida que se conhecem, vão acontecendo as interações, as identificações, as parcerias; parte que o autor denomina de Parte Vazia:

Vazia dos conhecimentos da professora sobre aquelas crianças em particular, seus alunos e alunas, que se produzirão e serão produzidos mais um pouco em sua infância, escolaridade e humanidade pelas interações que passarão a estabelecer com os colegas da turma e com a professora, intermediados pelos conteúdos-linguagens da parte cheia do planejamento esboçado pela professora ou professor. (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 24)

O autor enfatiza também uma pedagogia que responda às paixões. Fala de um relacionamento direto da professora com as crianças, “ouvindo, observando, propondo, interagindo junto a elas...” (JUNQUEIRA FILHO, 2003, p. 48).

Dentre os teóricos pesquisados, alguns alertam sobre a importância de se educar crianças pequenas para valores, sobre as dimensões do cuidado e a importância da formação de professores de crianças pequenas. Dessa forma, as principais referências dessa pesquisa, serão as produções do Programa Cuidar, de Belo Horizonte, dos autores Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima e Antonio Carlos Gomes da Costa (in memoriam) e nas teorias de Waldow e de Junqueira Filho.

Acreditando ser a escola de Educação Infantil um espaço privilegiado de educação, a presente pesquisa abordará o tema cuidado em suas dimensões: autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado.

Gomes da Costa, mentor e fundador do Programa Cuidar, defende a importância de uma educação baseada no cuidado, levando em consideração as suas diversas dimensões. Em entrevista à imprensa, em 2007, ele defende a necessidade de uma educação que vise:

Uma nova postura diante de si mesmo e de sua circunstância baseada [...] em uma ética de amor, zelo e respeito pela vida em todas as suas manifestações, que se traduz em quatro cuidados básicos. Autocuidado (cuidar de si mesmo), altercuidado (cuidar do outro), ecocuidado (cuidar do ambiente em que vive) e transcuidado (cuidar dos significados, sentidos e valores que presidem a sua existência), [...] uma educação para valores. (GOMES DA COSTA, 2007, Entrevista à Revista pontocom/online).

O teólogo Leonardo Boff em seu livro *Saber Cuidar: A Ética do Humano – Compaixão pela Terra* (2008) fala do cuidado em todos os âmbitos:

Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exploração exacerbada da violência. Que o cuidado aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera humana e que prevaleça em todas as relações! O cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos (Boff, 2008, p. 191).

O mesmo autor, (2006, p. 76), acrescenta:

Só o resgate do cuidado poderá nos salvar. [...] O cuidado é sempre um gesto amoroso. É antes a mão que acaricia do que a mão que agarra. O cuidado é a mão que se estende na direção de outra mão para juntas moldarem um entorno humano que nos permita viver singelamente felizes neste belo e esplendoroso planeta.

Na contemporaneidade, muitos pesquisadores trouxeram uma nova perspectiva de olhar às crianças, passando a vê-las sob um novo ângulo. Wallon (1879-1962), médico, psicólogo e filósofo, foi o primeiro a buscar uma nova prática pedagógica, levando não só o corpo da criança, mas, também, suas emoções para dentro da sala de aula. Defendia a ideia de que a criança tem corpo e emoções. Segundo Wallon, quatro elementos se comunicam constantemente entre si: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

Outro destaque na teoria de Educação de Crianças foi o psicólogo bielorusso Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), expoente da chamada teoria socioconstrutivista ou sociointeracionista. Segundo Vygotsky o desenvolvimento humano se dá nas trocas entre parceiros sociais, por meio de processos de interação e mediação.

Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse alunado. (VYGOTSKY, 2001, p. 143)

Falar em educar e cuidar implica em falar em amor. O vocábulo **Amor** pode ter várias significações, na língua portuguesa. Assim como a maioria dos vocábulos, provém do latim. Conceitos populares traçam várias definições românticas para a palavra Amor. O conceito mais popular de amor envolve, de modo geral, a formação de um vínculo emocional com alguém, ou com algum objeto que seja capaz de receber esse comportamento amoroso e enviar os estímulos sensoriais e psicológicos necessários para a sua manutenção e motivação. É uma palavra muito fascinante, utilizada e admirada em todos os idiomas.

Chalita, (2003, p. 20), educador e membro da Academia Paulista de Letras, falando da amplidão da palavra amor, assim se expressa:

A palavra amor vem do latim amor, que quer dizer “amizade, dedicação, afeição, ternura, desejo grande, paixão, objeto amado. O registro histórico sobre a evolução gráfica do vocábulo indicam que o termo já aparece grafado como Amur no século XIV e aamor e hamor no século XV.

Esse mesmo autor, referindo-se ainda ao vocábulo, acrescenta: “... defini-lo é muito mais que uma simples demonstração de conhecimento linguístico, é antes de tudo uma empreitada desafiadora”.

Nesse estudo, além das numerosas acepções do dicionário, utilizarei também, a palavra Amor contida nos sábios ensinamentos de Jesus, nos Evangelhos: “... para que o amor com que me amaste esteja neles...” (Jo 17,26); “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” (João 15,12).

2.3 O CUIDADO DA CRIANÇA PEQUENA NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Quanto à história da legislação brasileira, percebem-se avanços importantes nas questões de proteção, educação e desenvolvimento da criança de zero a seis anos. A Constituição Federal de 1988 estabelece garantia efetiva dos direitos das crianças, determinando a Educação Infantil como “direito da criança” (art. 30 - VI e art. 211, § 2º). Da mesma forma, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei n. 8.069/90), reservou uma série de direitos à criança: Direito à Vida e à Saúde; à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, à Proteção, à Convivência Familiar e Comunitária; Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer. (ECA art. 7º, 15º ao 18º).

No campo da Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDBE – Lei Federal n. 9394/96, promoveu mudanças muito significativas a partir do ano de 1996. Decretou a Educação Infantil como “a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL - MEC, 1996, p. 16, seção II, art. 29). A Educação Infantil, nas Creches e Pré-Escolas, deixou de ser vinculada à assistência social, tornou-se oficialmente reconhecida como um direito das crianças e fazendo parte da Educação Básica.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) demonstram preocupação com suas Práticas Pedagógicas e com a elaboração de um Projeto Político Pedagógico como “plano orientador das ações da Instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educadas e cuidadas” (BRASIL, 2010, p. 13). O referido documento destaca ainda a importância de “as práticas pedagógicas, que compõem a proposta curricular da Educação infantil, devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras e garantir experiências que: promovam o conhecimento de si e do mundo...” (BRASIL, 2010, p. 25).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, RCNEI, 1998, organizado em eixos e âmbitos de experiência, é um documento que elaborado a partir de amplo debate com pessoas que trabalham com crianças pequenas. O referido documento foi editado em três volumes.

O primeiro volume aborda as questões sobre a criança, o cuidar, o educar, o brincar, o professor de Educação Infantil, o projeto educativo. Destaca as ações do cuidar e educar e as relações de afeto na Educação Infantil:

Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento tem constituído, portanto, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil. A elaboração de propostas educacionais veicula necessariamente concepções sobre criança, educar, cuidar e aprendizagem, cujos fundamentos devem ser considerados de maneira explícita. (BRASIL, 1998, v. 1, p. 19).

Cuidar de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

[...] é, sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão independente e mais autônoma. (BRASIL, 1998, p.25).

O segundo volume traz questões referentes à formação pessoal e social. Traz a importância da autoestima para o bom desenvolvimento da personalidade da criança.

A capacidade das crianças de terem confiança em si, próprias e o fato de sentirem-se aceitas, ouvidas, cuidadas e amadas oferecem segurança para a formação pessoal e social. A possibilidade de desde muito cedo efetuarem escolhas e assumirem pequenas responsabilidades favorece o desenvolvimento da autoestima, essencial para que as crianças se sintam confiantes e felizes. (BRASIL, 2010, vol. II, p. 11).

Começa, nessa proposta, a abrir um leque para as questões de alteridade: um olhar para o outro; a ver a criança como um ser relacional, um ator social:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (BRASIL, 2010, vol. II, p. 21).

O terceiro volume é relativo ao âmbito de experiência: Conhecimento de Mundo e contém seis documentos referentes aos eixos de trabalho orientados para a construção das diferentes linguagens pelas crianças e para as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Traz a importância de a criança pequena ampliar seu universo infantil explorando o ambiente físico e social, porém, sentindo-se protegidas e acolhidas:

Ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas. Nesse sentido, as instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmas, dos outros e do meio em que vivem. (BRASIL, 2010, vol. III, p. 15).

Além da Legislação Federal, cada Município tem a autonomia de criar suas leis de educação, cuidado e proteção.

Em Porto Alegre, a partir da Lei Municipal 8198/98, o Conselho Municipal de Educação (CME), órgão competente para normatizar sobre as especificidades da primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil, criou-se a Resolução 003/2001, de 25 de janeiro de 2001, que estabelece normas para a oferta de Educação Infantil no Sistema Municipal de Ensino. A referida resolução visava

regulamentar a Educação Básica, priorizando a Educação Infantil como um direito da criança. “A Resolução é baseada nos fundamentos da LDBEN, bem como na visão das crianças como sujeitos de direitos” (SUZIN, 2001, p.2).

De acordo com Brasil/MEC, 1998:

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como qualidade da alimentação e dos cuidados com saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. (Brasil/MEC, 1998, p. 24).

Nesse cenário atual, em que a criança pequena passa a ser protagonista de sua própria história e, conseqüentemente, vista como um ser com necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais, espirituais e sociais é indiscutível a contribuição da educação. É por meio dela que a criança adquire novos conhecimentos e desenvolve habilidades de relacionamento e convivência. Portanto, o momento histórico, requer uma Educação baseada em Valores, capaz de construir pessoas autônomas e preparadas para lidar com esse mundo de transformações.

Portal (2007, p. 287) questiona a crise de valores: “Vivemos uma crise profunda de Valores, relegando a um segundo plano nossas dimensões éticas e espirituais que nos fazem mais humanos” e defende uma educação que valorize o pluralismo, as relações e que compreenda a pessoa como um ser: social, racional, emocional e espiritual, para compreender seus limites.

Miranda (2008, p. 2) destaca a importância de a relação professor-aluno ser uma relação saudável, empática e afetiva:

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.

Complementa Rangel (1992, p.67) ao enfatizar que “o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de troca, de solidariedade, de respeito

mútuo”, pois, segundo a autora “não é concebível desenvolver qualquer tipo de aprendizagem, em um ambiente hostil”.

Essa nova forma de educar exige ousadia e inovação. Cabe à escola educar para a convivência, para o respeito a si mesmo e ao outro, para a solidariedade e a paz. Desenvolver uma nova forma de se relacionar; buscar um novo jeito de ensinar e de aprender; desenvolver um novo olhar sobre a criança e a infância. Justifica o interesse em investigar a Educação de Crianças Pequenas para Valores enquanto práxis impregnada de cuidado.

2.4 DIMENSÕES DO CUIDADO EM EDUCAÇÃO

Algumas novas tendências em educação vêm apontando mudanças significativas para o século XXI como as trazidas por Jacques Delors (1993-1996), no Relatório para a UNESCO, contidas em: Educação: um tesouro a descobrir (2006), e delineando caminhos para uma educação transformadora que além de cuidar do corpo preocupa-se com o cuidado dos sentimentos.

A prática de valores, num contexto educativo, deve atentar para aspectos significativos da vida da pessoa. Por isso, desde a infância, deve-se preocupar com uma educação que priorize todos os aspectos da vida.

Sendo o cuidado a valorização da vida em todas as suas dimensões, é importante refletir sobre a importância de cada uma dessas dimensões, salientando suas especificidades. Pode-se dizer que o cuidado implica na vivência de quatro outros cuidados básicos, a saber:

2.4.1 Autocuidado

Cuidado consigo mesmo (cuidado do corpo, da mente, dos sentimentos).

Autocuidado é o cuidado de si. É ter atenção sobre si próprio, buscando melhorar a qualidade de vida, satisfazendo, de forma saudável, as necessidades do corpo e da mente, a fim de ter uma vida equilibrada e prevenir doenças decorrentes da falta de cuidados para consigo.

Gomes da Costa e Oliveira Lima (2002, p.19) afirmam: “outra dimensão inovadora, em relação à qual se publica muito pouco no Brasil, encontra-se na

abordagem da questão do autocuidado”. Defendem o “autocuidado como valorização da vida em todas as suas dimensões”.

Esses mesmos autores reforçam “a necessidade de se desenvolver valores e habilidades de autocuidado buscando equilibrar cuidado do corpo, da mente e dos sentimentos” (p. 15).

Bub et al (2006, p. 155) reforçam a teoria do autocuidado e assim se expressam:

As ações de autocuidado constituem a prática de atividades que os indivíduos desempenham, de forma deliberada, em seu próprio benefício, com o propósito de manter a vida, a saúde e o bem-estar. Essas ações são voluntárias e intencionais, envolvem a tomada de decisões, e têm o propósito de contribuir de forma específica para a integridade estrutural, o funcionamento e o desenvolvimento humano.

2.4.2 Altercuidado

Cuidado do outro, das relações com o outro.

“Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei.” (João 15,12).

Para se falar de altercuidado, é mister entender antes o termo alteridade. Molar (2011, p. 62), pesquisando as diversas acepções do termo, chega à conclusão de que, em educação, a definição mais apropriada é a da filosofia para a qual a palavra alteridade, proveniente “do latim alteritas, quer dizer: ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”.

Reforçando a dimensão do outro, Waldow (2004, p. 188) salienta que “cuidar de outrem possibilita cuidar de si”. E ainda acrescenta: “O cuidado deve ser nutrido, cultivado, compartilhado”!

Na dimensão do cuidar do outro se destacará os seguintes aspectos. 1. A relação de cuidado criança e criança. 2. A relação de cuidado professor e criança. 3. A relação pais e crianças.

Segundo Waldow (1998, p. 51) [...] o cuidado nasce de um interesse, de uma responsabilidade, de uma preocupação, de um afeto, o qual, em geral, implicitamente inclui o materno e o educar que, por sua vez, implicam ajudar a crescer.

Cuidar do outro é função inerente à missão de mães e educadores e assim destaca a autora:

[...] a cuidadora (em geral, papel atribuído à mulher) dedica-se a prover, além da atenção e do afeto conforto e demais atividades que possibilitem o bem-estar, a restauração do corpo e da alma e a dignidade.

Convivemos no meio familiar, educacional, institucional, social e isto supõe a vivência de valores fundamentais para a convivência. Reforçado pelo Relatório Delors que reforça a necessidade de: “Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros”.

A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Desde tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para esta dupla aprendizagem. (DELORS, 2006, p. 98)

Falar em alteridade nos remete a pensar em relações interpessoais e relações sociais mais amplas que envolva família, escola, sociedade, amizade, vida afetivo-sexual, ética, cidadania, solidariedade social e sentimento humanitário.

O desenvolvimento social na Educação Infantil se dá, sobretudo, nos jogos e brincadeiras a criança aprende a perder, ganhar, respeitar o outro, descobrir as diferenças. Nessa fase a criança amplia seus laços de amizade, que se estendem além da família; aprende a conviver com seus pares, a respeitar e ser respeitada. Esse relacionamento é fundamental para a construção e fortalecimento do seu “eu”, em seu relacionamento com o outro.

A raça marcha adiante pelos pés das crianças pequenas. A criança de hoje será o cidadão de amanhã. [...] A criança é uma unidade e deve ser estudada [...], cuidada em toda a complexidade de sua conformação, e guiada na variedade sem fim de suas inter-relações. (THE CHILD, vol.1, out. 1910, apud MONARCHA, 2001, p.12).

Ensinar valores para crianças pequenas não é tão fácil assim, sobretudo neste momento em que vivemos uma profunda crise de valores entre os adultos. Como ensinar ser ético se ao seu redor ela só encontra atitudes nada éticas?

Mas é missão da escola. Tarefa que requer experiência, amor e dedicação, pois, desde o nascimento, a criança torna-se uma cidadã, adquire direitos e precisa aprender a conviver.

A alteridade requer a vivência da solidariedade. O dicionário define a solidariedade como: dependência mútua entre os homens; sentimento que os leva a

se auxiliarem mutuamente; relação mútua entre coisas dependentes; compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas pelas outras.

A solidariedade é uma virtude que deve impregnar todas as expressões da vida para que se desenvolva uma cultura de solidariedade e não apenas ações de solidariedade em momentos de catástrofes. Educar para a solidariedade é criar um sentimento de comprometimento com o bem do outro.

Chalita (2003, p. 181) defende a ideia de que “ser solidário é contribuir para uma ciranda contínua que preconiza, sobretudo, um vaivém coletivo de boas ações”. Segundo ele:

Solidariedade. Uma palavra de dimensões cada vez mais grandiosas. Irmã caçula – de corpo e alma – da fraternidade, da igualdade, da justiça e do amor. [...] exercício de bem-fazer. [...] Reunião de gestos, atitudes e ações capazes de tornar o mundo melhor.

2.4.3 Ecocuidado

Cuidado com o ambiente em que estamos inseridos, preocupação com as redes que sustentam a vida.

Sendo uma dimensão da educação, a Educação Ambiental é um processo educativo que visa formar cidadãos éticos nas suas relações com a sociedade e com a natureza. Durante a formação, cada indivíduo é levado a uma reflexão de seus comportamentos e valores pela aquisição de conhecimentos, compromisso e responsabilidade com a natureza e com as gerações futuras. (REIGADA & REIS, 2004. p. 150).

A Educação Ambiental para crianças pequenas deve abordar aspectos capazes de serem absorvidos por essa faixa etária. Se a criança aprende as questões básicas de respeito à natureza, a medida que for crescendo vai absorvendo, construindo e aprendendo novos conhecimentos. Práticas de educação ambiental como: plantar uma árvore, evitar o desperdício de água e de alimentos, economizar energia elétrica, entre outras, devem ser estimuladas nas escolas de Educação Infantil. As crianças pequenas respondem imediatamente a atitudes aprendidas, pois, são curiosas e gostam de sentir-se protagonistas de uma nova proposta.

2.4.4 Transcuidado

Cuidado com tudo aquilo que dá sentido à nossa vida – os grandes temas da existência humana – com as questões da fé, do sentido da vida, os valores transcendentais e os grandes ideais humanos, ou seja, a dimensão transcendente do existir humano.

Montanha, (2010, p. 24) referindo-se à questão espiritualidade na infância, diz: “Na mais tenra idade, a criança precisa ser acostumada a se relacionar com Deus com o objetivo de formar sua própria espiritualidade”.

Não existe um conceito único de espiritualidade. O termo espiritualidade envolve questões quanto ao significado da vida e à razão de viver. Não pode ser limitado a tipos de crenças, opções e práticas religiosas.

Espiritualidade envolve o mundo e tudo que o cerca. Muitas são as questões que angustiam e inquietam o ser humano: a criação do mundo, de onde viemos e para onde iremos após a morte, vida após morte, e outras questões que não encontram respostas na razão e na ciência. Nesse sentido, algumas dessas respostas são encontradas na espiritualidade. É fundamental que a criança faça a experiência de uma espiritualidade que a leve a ter atitudes de bondade, de compaixão, de justiça. Uma espiritualidade que vai acompanhá-la ao longo de toda sua vida.

2.5 CUIDANDO DE QUEM CUIDA

Embora não seja alvo dessa pesquisa cuidar de quem cuida, julguei importante trazer algumas considerações.

A preocupação com um curso de Pedagogia que forme profissionais mais humanos e comprometidos também está começando a ser alvo de interesse dos pesquisadores atuais. Referindo-se ao curso de Pedagogia, Cruz (2002, p.14) destaca que “é necessário buscar uma formação humanizadora de Educadores e Educadoras”. De fato, se não houver afetividade, humanidade na relação da criança com o adulto criará um distanciamento no relacionamento e, conseqüentemente, um bloqueio afetivo.

Por isso é importante refletir também sobre a pessoa do Educador de crianças pequenas e de outras pessoas responsáveis pelo cuidado nessa fase mais

importante de suas vidas. “Do ponto de vista da pesquisa, nas últimas décadas, vários grupos, em todo o mundo, tem investigado aspectos relativos à educação de crianças pequenas fora do lar”. (ROSSETTI-FERREIRA, et al, p.67, 2002).

Rocha (1999) aponta os avanços científicos que estão produzindo bases de conhecimentos e know-how necessários para subsidiar políticas educacionais e práticas de educação e cuidado infantil de qualidade, capazes de favorecer o desenvolvimento sadio das crianças.

Diante de tantos desafios da educação, hoje, os processos precisam ser ressignificados. É necessário formar pessoas de relação que saibam valorizar-se a si mesmo, ao outro, ao meio ambiente e ao transcendente.

Embora a Educação Infantil constitua uma modalidade importante no processo educativo e, alguns pesquisadores estejam se voltando para a investigação mais aprofundada dessa temática, a pessoa do educador de Educação Infantil ainda é muito subestimada.

É importante que esse profissional seja altamente qualificado porque trabalha com a mais importante etapa do desenvolvimento humano. O professor de Educação Infantil deve ter uma atuação que promova o desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões.

Waldow (2008, p. 87) salienta a importância de cuidar de quem cuida:

O ser humano é um ser de cuidado; o ser nasce com este potencial, portanto, todas as pessoas são capazes de cuidar e necessitam, igualmente, serem cuidadas. Porém, esta capacidade será mais ou menos desenvolvida de acordo com as circunstâncias, dependerá da forma como as pessoas foram cuidadas durante as etapas da vida. Vários fatores intervêm neste processo: ambiente, cultura, economia, política, religião, entre outros.

Nesse sentido, é urgente um olhar de carinho e diferenciação para com esse profissional, que além do domínio dos conhecimentos científicos básicos, precisa estar atento e conhecer as etapas de desenvolvimento das crianças e todas as suas necessidades.

É na infância que se desenvolve a relação afetiva entre criança/educador, criança/criança, portanto, o professor de Educação Infantil tem importante presença de um profissional com suas questões profissionais e emocionais bem resolvidas, que saiba valorizar o diálogo, a solidariedade, a partilha, a cooperação, a fim de ensinar as crianças pequenas a resolverem seus próprios conflitos, estabelecerem

relações harmoniosas, aprenderem a conviver, assumindo as responsabilidades de seus atos.

Na vida da criança, o professor, bem como os pais são referências de vida, sendo por ela imitados. Os valores aprendidos na Educação Infantil fundamentarão toda a sua vida.

2.6 CUIDAR E EDUCAR OU EDUCAR E CUIDAR?

Na antiguidade a criança pequena existia, porém, não aparecia. Esse ser anônimo, geralmente cuidado por amas, era praticamente invisível. As condições de saúde e higiene das crianças eram precárias. O índice de mortalidade infantil era muito alto devido à fragilidade dessas crianças pequenas.

Até o século XVII, o tratamento social dispensado à criança, nas famílias abastadas, era semelhante aos dos adultos. Estas eram apenas cuidadas. Rousseau faz uma crítica às amas de leite que mantinham as crianças enfaixadas para não lhes dar trabalho:

Devemos esperar grandes oposições por parte das amas de leite, para quem a criança bem enfaixada dá menos trabalho do que aquela que é preciso vigiar incessantemente. Aliás, sua sujeira torna-se mais perceptível numa roupa aberta, e é preciso limpá-la com maior frequência. Enfim, o costume é um argumento que jamais se refutará em alguns países, com a concordância do povo de todos os estados (ROUSSEAU, 1995. p. 43).

Quanto às crianças pobres, estas, muitas vezes, quando ainda recém-nascidas, eram abandonadas por suas mães em estado de miséria, e ficavam aos cuidados das instituições de caridade, que as recolhiam, geralmente nas grandes cidades. Eram as chamadas: Rodas dos Expostos ou Roda dos Enjeitados. As crianças abandonadas, recebidas nas instituições, eram criadas até mais ou menos os três anos de idade por amas de leite, mulheres pagas pela instituição para prestar esse serviço. As amas eram mulheres pobres e sem instrução, muitas vezes, as próprias mães que, por não ter condições de criar seus filhos, os abandonavam e, posteriormente se candidatavam como nutrizes.

O nome roda se refere a um artefato de madeira fixado ao muro ou janela do hospital, no qual era depositada a criança, sendo que ao girar o artefato a criança era conduzida para dentro das dependências do mesmo, sem que a identidade de quem ali colocasse o bebê fosse revelada.

A roda dos expostos, que teve origem na Itália durante a Idade Média, aparece a partir do trabalho de uma Irmandade de Caridade e da preocupação com o grande número de bebês encontrados mortos. Tal Irmandade organizou em um hospital em Roma um sistema de proteção à criança exposta ou abandonada.

As primeiras iniciativas de atendimento à criança abandonada no Brasil se deram, seguindo a tradição portuguesa, instalando-se a roda dos expostos nas Santas Casas de Misericórdia. Em princípio três: Salvador (1726), Rio de Janeiro (1738), Recife (1789) e ainda em São Paulo (1825), já no início do império. Outras rodas menores foram surgindo em outras cidades após este período. (GALINDO, Glossário online, 1986-2006).

Quanto às famílias pobres, mas que tinham condições de criar seus filhos, esses eram cuidados, geralmente pela mãe, numa vida rural.

Philippe Ariès, em sua obra clássica: *História social da Criança e da Família* (1981) retrata a evolução da importância da criança tanto para a família quanto para a sociedade desde a sociedade medieval até nossos dias, da invisibilidade à condição de ator social.

Hoje, quando a maioria das crianças pequenas frequenta a escola desde bebês, a discussão sobre elas, exige um olhar de carinho sobre o binômio: educar e cuidar ou cuidar e educar. Palavras indissociáveis na lida com crianças pequenas tanto na família quanto na escola.

As escolas de Educação Infantil (Creches) antes destinadas a cuidar da higiene física da criança (altercuidado) e ensiná-la a cuidar de si mesma (autocuidado), o que outrora era papel da família, hoje, ganham nova configuração: são as responsáveis por iniciar o caminho da educação das crianças pequenas, o que requer uma organização de maneira a contemplar prática pedagógica adequada para essa faixa etária. Não se trata apenas de cuidar de uma forma assistencialista, mas também educar preparando-as para a vida, o que justifica a indissociabilidade e a articulação do binômio cuidar e educar.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RICNEI (1998) ressalta a importância de professores preparados para lidar com essa etapa tão especial da educação:

O trabalho direto com as crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla e profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e

buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. (BRASIL, 1998, v.1. p. 41).

As ações de cuidado da criança pequena realizadas na escola podem e devem ser transformadas em ações educativas. É impossível educar sem cuidar e cuidar sem educar.

[...] O cuidado está pautado na necessidade do outro. Isso significa que quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas deve estar receptivo, aberto, atento e sensível para perceber aquilo que o outro precisa. Para cuidar é necessário um conhecimento daquele que necessita de cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega (KRAMER, 2005, p.82).

Enquanto o cuidado exige um olhar sobre as necessidades essenciais das crianças, a educação requer a criação de situações significativas de aprendizagem a fim de desenvolver habilidades cognitivas, socioafetivas e psicomotoras. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) destaca a importância do educar em Educação Infantil:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, vol.1, p. 23).

Nesse conceito de Educação apresentado pelo Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil podemos ver inclusas as dimensões do cuidado. Essas concepções reforçam minha crença da impossibilidade de cuidar sem educar e educar sem cuidar, da indissociabilidade do cuidar e educar. Portanto, podemos dizer que ao cuidar se educa e ao educar se cuida.

3 PROBLEMA DA PESQUISA E SEUS OBJETIVOS

Diante desse cenário, onde as violências sociais constituem um grande desafio para a educação contemporânea, surge meu questionamento: como se dá a educação de crianças pequenas, para valores, enquanto práxis impregnada de cuidados, na Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, nas classes de Jardim B?

3.1 OBJETIVO GERAL:

Refletir sobre as dimensões do cuidado por meio de uma educação baseada em valores, ofertadas na Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, a fim de propiciar situação que desenvolva na criança pequena uma atitude de gradual avanço no sentido da autonomia, da responsabilidade em assumir seu próprio desenvolvimento, buscando uma convivência social harmoniosa tendo como base o cuidado em seus princípios do amor.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1) analisar a importância de uma educação para valores propiciados nas classes de Educação Infantil da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, Jardim B.
- 2) ouvir as crianças pequenas para conhecer o que pensam e sentem sobre as questões referentes ao cuidado na família e na escola.
- 3) identificar, na compreensão da criança pequena, como se dão as questões referentes ao cuidado na família e na escola.
- 4) identificar, na percepção e no imaginário da criança de Educação Infantil, sua compreensão sobre a importância do (da):
 - a) valores do cuidado.
 - b) higiene corporal.
 - c) relações de amizade na escola e família.
 - d) escola/ambiente escolar como espaço de partilha, aprendizagem e convivência.
 - e) ação do homem na transformação do meio ambiente.

f) desenvolvimento da consciência ecológica no que diz respeito à coleta e reciclagem do lixo.

Perceber a compreensão da criança sobre a importância de se ter uma boa higiene corporal tanto na vida familiar como na escola.

5) Analisar, por meio da fala da criança, se ela se sente cuidada na esfera familiar e escolar e, se a mesma desenvolveu a habilidade de cuidar do outro.

6) Proporcionar momentos de reflexão sobre a importância e gratidão pelo dom da vida, do respeito às diferenças que existem em cada ser como complementaridade, e a contemplar as maravilhas criadas, bem como preservar as mesmas.

4 CARACTERIZANDO A ESCOLA, OS PROTAGONISTA E A PESQUISADORA

Esse capítulo visa apresentar a escola onde a pesquisa foi desenvolvida, os protagonistas da pesquisa, a pesquisadora e sua experiência no campo da educação.

4.1 ESCOLA

O *locus* da pesquisa foi a Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, Escola de Educação Infantil, localizada na Vila Farrapos, no município de Porto Alegre, cuja mantenedora é a Obra Social Santa Luiza, entidade sem fins lucrativos, de Assistência Social e Educação Infantil. Fundada em 27 de novembro de 1959, apedido do então Cardeal Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, visava atender as necessidades dos moradores da Vila Dona Teodora e arredores.

Na Vila Dona Teodora, na época de sua fundação, o ambiente caracterizava-se por um conglomerado humano, permeado por promiscuidade, propício à proliferação de germes causadores de tuberculose, sífilis entre outras doenças, acompanhadas de alto índice de desnutrição. Os moradores eram desempregados ou subempregados e residiam em moradias feitas de sucatas.

Como essa situação social ia se agravando cada vez mais, a Igreja Católica, preocupada com a qualidade de vida daquela comunidade, decidiu tomar providências. Dom Vicente Scherer, então Cardeal Arcebispo de Porto Alegre, solicitou junto à Província das Filhas da Caridade, com sede em Curitiba, Paraná, irmãs para realizar um trabalho organizacional e promocional junto àquele povo, uma vez que o carisma da Congregação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo é o Serviço de Jesus Cristo no Pobre. A Província viu no convite um pedido do bom Deus.

Assim, em 29 de novembro de 1959, dia do 326º aniversário de fundação da Companhia das Filhas da Caridade, chegaram Irmã Maria José Trevisan, acompanhada de mais três irmãs para a tão desafiadora missão. A princípio, o trabalho começou em domicílios. Sonhava-se em construir uma sede própria que com muita luta e sacrifício foi autorizada junto à Prefeitura e com alguns recursos instalou-se com um pavilhão de madeira, na Rua Dona Teodora nº 944.

Graças à ousadia das duas irmãs esse povo, quase esquecido, passou a ter noções de cidadania e ensaios de direitos humanos mais assegurados.

Como as dificuldades de manutenção eram muitas, as Irmãs conseguiam parcerias junto à sociedade civil e outras organizações. Após dois anos de atividades informais, a Obra ganhou personalidade jurídica passando a chamar-se **OBRA SOCIAL SANTA LUIZA**, com data de fundação em 27 de novembro de 1959.

Sucessivas inundações e enchentes marcaram a cidade de Porto Alegre ao longo da história. Houve episódios graves que afetaram grande parte da cidade. A mais catastrófica enchente se deu na primeira quinzena de maio de 1941, quando as águas invadiram o Centro e diversos bairros mais próximos do Lago Guaíba do sul ao norte da cidade, resultando na perda de tudo, dos moradores da Vila Dona Teodora.

Em 1965, a população marginalizada da vila ficou desabrigada. Em 1967, o rio Guaíba ficou 3,13 metros acima do nível normal. Em 1973, o Município voltou a sofrer com as chuvas intensas e, as pessoas da vila perderam, novamente, suas casas e tudo o que possuíam.

Em 1974, os moradores da Vila Dona Teodora foram removidos para terrenos da COHAB/RS, na Vila Farrapos. Uma nova Obra Social precisava ser construída. Pessoas físicas e jurídicas colaboraram com nova construção, oficialmente inaugurada, em 27 de novembro.

Tendo-se tornado conhecida, pelas prestações de auxílio, principalmente nas enchentes, a Obra Social Santa Luiza começou a firmar alguns convênios para manter e ampliar seus atendimentos. Muitas organizações Estaduais, Municipais e Religiosas colaboraram com auxílios especiais para o desenvolvimento da ação social junto ao povo das Vilas Dona Teodora, Farrapos e arredores.

À medida que o tempo passava, a obra ia sendo ampliada, prestando-se atendimentos no Centro de Cuidados Diurnos, no Centro Esportivo e, orientação às mães. Os trabalhos eram muitos e as dificuldades foram gradativamente surgindo. Sentiu-se a necessidade de redimensionar e qualificar melhor o atendimento oferecido, assim, a partir de 1983, a Obra Social Santa Luiza transformou-se em Creche Conveniada com o Município de Porto Alegre. Firmou um convênio com a PMPA/SMED e passou a atender somente crianças de quatro meses a seis anos. Os demais públicos-alvo, até então atendidos, foram encaminhados à outras instituições da região.

O Programa Convênio Creches Comunitários foi um dos ciclos de 1998 do Programa Gestão Pública e Cidadania, do Governo Municipal de Porto Alegre, iniciativa conjunta das fundações Getulio Vargas e Ford, com apoio do BNDES.

Beltrão (1999, p.3) explica:

“O Convênio Creches Comunitárias é um programa desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), junto às creches comunitárias em todas as regiões da cidade, através do qual a municipalidade de Porto Alegre repassa recursos financeiros e presta assessoria pedagógica com vistas a viabilizar o atendimento a crianças de 0 a 6 anos e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade do atendimento prestado. Constitui-se, atualmente, na principal forma de atenção educacional a esta faixa etária no que se refere à cobertura do público-alvo”.

Se por um lado, o conveniamento com a SMED representou progresso, por outro, gerou preocupações. Percebeu-se que, a equipe de colaboradores da Obra Social Santa Luiza, não estava suficientemente preparada para enfrentar as mudanças pela qual passaria a organização. Como o Município de Porto Alegre, para regulamentar a Educação Infantil, criou em 2001 a Resolução 003/01, que determinava o nível mínimo de formação dos Educadores para as Creches Conveniadas, foi apoiada nessa legislação, que a Obra Social Santa Luiza passou a qualificar seus profissionais.

O caminho foi incentivar os colaboradores a buscar qualificação profissional por meio de palestras, leituras e debates. A Entidade conseguia recursos para qualificá-los, uma vez que, o nível mínimo de escolaridade para ser educador em uma Creche Conveniada era o Ensino Fundamental e um curso de Educador Assistente.

Como as Creches do Município de Porto Alegre vinham sendo gradativamente substituídas por Escolas de Educação Infantil, no mês de agosto de 2009, a Obra Social Santa Luiza recebeu a certificação de Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, deixando de ser uma Entidade de Assistência pura e passando a ser Escola de Educação Infantil em turno integral.

Hoje, a Instituição de Educação Infantil Santa Luiza conta com um quadro de profissionais qualificados: duas coordenadoras pedagógicas habilitadas em pedagogia e 22 Educadoras, todas com o curso de Educador Assistente ou Magistério. A Instituição atende a 220 crianças de 04 meses a 05 anos e 11 meses e é assim organizada: quatro turmas de berçário com crianças de 04 meses a 02

anos; oito turmas de maternal com crianças de 02 anos a 04 anos e quatro turmas de Jardim com crianças de 04 anos a 06 anos.

As crianças permanecem na Instituição em turno integral: das 07h30 às 17h30 e recebem atendimento em todas as suas necessidades. A maioria das crianças é de família em situação de vulnerabilidade social. Nos finais de semana, feriados prolongados e recessos, essas crianças precisam receber atendimento em turno parcial ou alimentos para levar para casa por não terem o que comer, retornando, muitas vezes, magras, pálidas e desanimadas.

É no ambiente da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza que elas, além de receberem educação, carinho e cuidados, aprendem os valores essenciais para a convivência humana, no exercício de uma práxis impregnada de cuidado e baseada no amor.

4.2 OS PROTAGONISTAS DA PESQUISA

O público alvo desse estudo são as crianças que cursaram o Jardim B, última etapa da Educação Infantil, em 2012, na Instituição de Educação Infantil Santa Luiza. Por ser uma escola da periferia há muita rotatividade de crianças, pois seus pais, desempregados ou subempregados, mudam-se com frequência. Para que se possa evidenciar os resultados esperados, optei por selecionar apenas as crianças que iniciaram na escola antes de completarem um ano de idade e que, concluíram o Jardim B em 2012, com seis anos completos. Assim, de um número de 39 crianças que frequentaram o Jardim B, apenas 13 participaram da pesquisa, sendo oito meninos e cinco meninas.

4.3 A PESQUISADORA

Nasci em Toledo, Paraná. Sou a terceira dos nove filhos de meus pais. Uma família unida da qual tenho profunda influência e grande orgulho. Meu pai, nascido em Recife, muito cedo veio para São Paulo em busca de uma vida melhor. Infelizmente, não teve oportunidade de estudar, embora fosse autodidata, sobretudo em Matemática. Homem honrado e corajoso vivia a incentivar os filhos a estudar. Minha mãe cursou até a terceira série quando criança, continuando seus estudos

depois de muito tempo, quando os filhos já estavam crescidos. Era uma mulher alegre, inteligente, muito zelosa e amorosa.

O início de minha caminhada escolar foi marcado por muita paixão e encantamento. Entrei para a escola aos seis anos e estudei na Fundação Educacional de Toledo – Paraná até a sexta série. Apesar de ser uma escola renomada, era bastante tradicional. Ensinava-se à base da memorização, sem socialização dos conhecimentos. Decorava-se tabuada, datas, sem mesmo compreendê-las. Por ser portadora de uma memória privilegiada, sempre fui destaque merecendo premiações em provas e concursos. Infelizmente, por dificuldades financeiras, a Fundação teve que fechar a segunda fase do ensino fundamental, passando a atender somente a Educação Infantil e de primeira a quarta série. A sétima e a oitava séries estudei em uma escola estadual que privilegiava o conteúdo. A aprendizagem era centrada nos professores encarregados de “transmitirem” os conhecimentos. Uma escola voltada para a preparação para o vestibular. Tudo isto me questionava. Havia de ter uma escola diferente!

Concluída a oitava série, chegou o momento de pensar em uma carreira, pois na época, o ensino médio era profissionalizante. Em minha cidade havia os seguintes cursos: Magistério, Secretariado, Saúde, Técnico em Contabilidade e Iniciação à Administração de Empresas. Como a escola não preparava para esta escolha, pois não se preocupava com as aptidões dos alunos, a tarefa ficou a cargo de minha mãe. Sabiamente ela me aconselhou a optar pelo Magistério, pois ela já percebia que, apesar da minha pouca idade já me destacava como educadora catequizando crianças e, além do mais, no Magistério se preparava também para ser uma “boa mãe”.

Na verdade, minha vocação para a docência já havia começado desde muito cedo, quando ainda criança. Embora bem pequena, ouvia minha mãe contar sobre meu avô paterno que era agricultor e professor rural. À noite, após uma exaustiva jornada de trabalho na agricultura, ministrava aulas a seus filhos e aos filhos dos vizinhos que não tinham condições de deslocamento e acesso às escolas da cidade. Eram tempos difíceis, mas ele apostava naqueles jovens e na possibilidade de torná-los homens letrados. Apesar de ter um professor autodidata, muitos daqueles jovens, incluindo meus tios, tiveram carreiras de sucesso. A missão docente de meu avô durou cerca de quinze anos. A dupla jornada de trabalho, a falta de recursos na lavoura e as preocupações do dia-a-dia, renderam-lhe um acidente vascular

cerebral. Encerrou-se a trajetória de um homem simples, brilhante e exemplar. Tão simples e tão humilde quanto viveu, morreu no anonimato. Esses relatos deixavam-me muito feliz e desejosa de seguir seus passos. Impossível não reconhecer esse dom legado de meu avô.

Entre os cursos possíveis, optei pelo Magistério, curso ministrado em um colégio da Rede Vicentina de Educação, pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Uma escola aberta que utilizava recursos variados para motivar a aprendizagem. Aprendi a trabalhar em equipe, a conviver, se bem que, estas qualidades já me eram peculiares. Os professores eram muito sábios e próximos dos alunos. Formei-me Professora, um orgulho para a família.

“Ensinar exige alegria e esperança”.(FREIRE,Paulo, 1996, p. 43)

O mundo da educação era fascinante. Encantava-me cada vez mais. Iniciei meu trabalho como docente em uma Escola da Rede Pública, de Toledo. Uma instituição educacional comprometida com a formação profissional permanente de seus professores, sobretudo a dos iniciantes. As reuniões semanais de formação e reflexão e as partilhas entre colegas foram fundamentais para que eu pudesse encontrar respostas para os principais problemas educacionais do dia-a-dia, transformando-os em desafios.

A educação humaniza e personaliza o homem quando consegue fazer com que ele desenvolva plenamente o seu pensamento e a sua liberdade. A educação faz o homem não instrumento, mas sujeito de sua vida. Ela só será completa e autêntica, se capacitar o homem para humanizar o seu mundo, produzindo cultura, transformando a sociedade e construindo história (PUEBLA 1024, 1979, p.286).

Diante dessa concepção de educação da Igreja Católica, e dos apelos do mundo atual, fiz minha opção por ser uma Educadora Religiosa e ingressei na Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Formei-me em Letras, pois desejava ser professora de Literatura Infantil. A produção para a infância era algo que fazia eco dentro de mim. Como a disciplina de Língua Inglesa e suas literaturas correspondentes eram obrigatórias durante dois semestres, busquei aulas particulares e acabei me encantando pelo aprendizado de uma nova língua. Decidi especializar-me em Português e Inglês.

A princípio, o curso não me encantou muito, pois, não respondia às minhas inquietações. Como já tinha a compreensão de que a qualidade da educação

depende do comprometimento e da qualificação dos professores, terminado Letras, decidi cursar Pedagogia, um curso mais questionador e reflexivo.

Como religiosa, fiz a experiência de trabalhar em várias escolas do Paraná e Rio Grande do Sul. Fui professora da primeira fase do Ensino Fundamental por muitos anos. Depois atuei como professora de Língua Inglesa trabalhando com turmas desde o Maternal até o Ensino Fundamental completo. Como tenho paralisia da corda vocal direita, causada por traumatismo, devido a um acidente ocorrido no sétimo mês da gestação de minha mãe, o que causou lesão irreversível do nervo laríngeo, tenho voz bitonal e, a utilização excessiva da mesma, com o passar do tempo, obrigou-me a deixar a sala de aula, apesar dos exercícios de terapia da fala para fortalecer a corda vocal ilesa.

Em 2002, afastei-me totalmente da sala de aula e passei a trabalhar como Coordenadora Pedagógica. Um novo desafio, pois, a função do coordenador pedagógico exige um conhecimento aprofundado do conjunto da escola. Acredito que aqui começou minha carreira de pesquisadora. Apesar de ter cursado Pedagogia, não me sentia preparada para a nova missão. Comecei a pesquisar, sobretudo, Educação Infantil, área em que passei a atuar e a buscar os mais diversos caminhos de preparo para essa nova etapa da minha vida: livrarias, congressos, exploração do acervo da biblioteca, além de consulta aos pares.

Em 2005, vim morar em Porto Alegre. Vi abrir-se diante de mim uma enorme possibilidade de aprofundar minhas pesquisas, mas o medo e a insegurança não deixaram de se fazer presentes. Passei a atuar como Coordenadora Pedagógica na Escola de Educação Infantil Santa Luiza, local onde desenvolvi minha pesquisa.

Passada a ansiedade, estando já adaptada à nova realidade, decidi dar continuidade aos meus estudos ingressando, como aluna especial, no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, em nível de Mestrado. As disciplinas que cursei me abriram uma nova visão e me despertaram para a necessidade de aprender sempre mais.

Em 2011, ingressei definitivamente como aluna do Mestrado visando desenvolver essa pesquisa com crianças de Educação Infantil. Escolhi a Linha de Pesquisa Pessoa e Educação por “dedicar-se ao estudo da Educação e seus entrelaçamentos com a saúde, a espiritualidade e as histórias de vida” e, que, a meu ver, seria a que iria responder minhas inquietações. Outro aspecto fundamental é que, sendo minha pesquisa com crianças pequenas, teria a possibilidade de ouvir

seus interesses em descobrir o mundo que as cerca, valorizar suas criatividade e aprendizagens e aprender com elas.

Desde 2009, atuo como diretora dessa mesma escola. A passagem de coordenadora pedagógica a diretora dessa escola foi um facilitador para o desenvolvimento de minha missão. Além de conhecer a equipe de trabalho, os pais e as crianças, conheço também toda a comunidade onde a escola está inserida, os problemas que a cercam e a caminhada por ela empreendida na busca de soluções para os problemas que se apresentam. O que foi nova foi a função de ser articuladora e mediadora dos interesses da escola com a comunidade por meio do Orçamento Participativo, Rede de Parceria, Fórum das Entidades e a participação em todos os organismos de defesa e garantia de direitos das crianças.

Para me inteirar mais desse novo universo, tornei-me Conselheira Estadual dos Direitos das Crianças e Adolescentes no Rio Grande do Sul (CEDICA), gestão 2009-2011. Por meio de fóruns, congressos, cursos e discussões com os demais conselheiros, acompanhei de perto a busca das escolas em favorecer uma educação que levasse os alunos a desenvolverem uma cultura de não violência e paz.

No momento atual, em que busco estudar a criança pequena, há muitas pesquisas sobre elas, porém, sabemos muito pouco acerca de suas vidas, seus interesses e sentimentos. Os pesquisadores Graue e Walsh, (2003, p.17), afirmam: “A bibliografia relacionada com crianças mais pequenas está repleta de relatos de estudos em que as crianças foram objeto de escrutínio”.

5 DEFININDO A METODOLOGIA

Apesar de, a partir do século XX a criança ter passado a atrair a atenção de estudiosos de algumas áreas, ainda são escassas as produções nas quais as crianças ganham voz e vez. Souza (2010, p.11) destaca:

O que é inovador é o aumento na produção científica que toma crianças como sujeitos, não para avaliá-las ou definir alguma de suas peculiaridades, mas para conhecer o que elas pensam e sentem sobre temas que lhe dizem respeito.

Na perspectiva de tomar parte nesse universo inovador, analisei a fala das crianças de seis anos, em Rodas de Conversa, garantido-lhes o direito de expressar seus pensamentos e sentimentos. Foi uma tarefa não muito fácil. Cruz, citada por Souza (2010, p. 11), define a escuta de crianças como: “uma tarefa complexa e necessária”.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi a abordagem qualitativa de cunho descritivo-interpretativa. Segundo o pesquisador Antônio Chizzotti, (1991 p.79), “a abordagem qualitativa parte do princípio de que há uma reação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” o que se adéqua ao propósito da minha pesquisa.

Outro fator de relevância da pesquisa qualitativa é que essa metodologia não visa a comprovações estatísticas dos resultados alcançados, que são, nessa abordagem, de uma amplitude imensurável. Muitos autores defendem a riqueza da pesquisa qualitativa por sua multiplicidade de significados, aspirações, motivos, atitudes, crenças e valores, entre eles, Minayo (1994, 2000).

O cunho descritivo interpretativo dessa pesquisa encontra amparo na proposta de Roda de Conversa que teve como objetivo ouvir o que as crianças sabiam sobre um determinado assunto, como se sentiam em determinadas situações, o que apreciavam e o que não apreciavam, para a partir de suas falas, registradas em vídeos, descrevê-las, analisá-las e interpretá-las.

Para Triviños (1987), a interpretação dos resultados são frutos da totalidade de uma especulação que tem como sua base a percepção de um fenômeno em um contexto. A escolha da temática a ser explorada é fruto da inserção do pesquisador

no ambiente a ser pesquisado, o que possibilitará uma rica coleta de dados visando sua descrição, análise e interpretação das informações obtidas. Segundo esse mesmo autor (1987, p. 138),

O pesquisador qualitativo, considera a participação do sujeito como um dos elementos do seu fazer científico, apoia-se em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece informação.

Justifica-se a opção pela abordagem qualitativa por exigir observação intensiva do ambiente natural por parte do pesquisador, no ambiente onde a pesquisa é desenvolvida. Utilizei como técnica de coleta de dados, Rodas de Conversa, fundamentada, principalmente em Warschauer que fala da importância da roda ao longo da história de nossas vidas, salientando:

Essa configuração em roda facilita a comunicação. Os sujeitos conseguem se olhar, e, com isso, as interações acontecem com mais facilidade. Ocorrem trocas de olhares, trocas de argumentos, trocas de críticas, trocas de experiências. Quando se está em roda, as trocas acabam sendo inevitáveis; conseguimos por meio dela conhecer um pouco outro, observando seu comportamento, suas reações e manifestações. (ALBUQUERQUE e GALIAZZI (2001, p. 388).

5.1 RODAS DE CONVERSA: UM MOMENTO DE ALEGRIA E DESCONTRAÇÃO.

As Rodas de Conversas, conversas em roda ou simplesmente rodinhas são práticas comuns na Educação Infantil. A roda possibilita o olhar face a face, discutir problemas, resolver conflitos, atenuar diferenças, trocar ideias, partilhar conhecimentos. Uma metodologia que dá voz às crianças. É um recurso muito utilizado por Educadores Infantis e seu conceito é multifacetado em suas concepções.

Warschauer (1993, p.46) define o conceito de Roda de Conversa como:

Ato de reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, as vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante.

Busquei, para essa pesquisa, referência nessa autora que acredita serem as Rodas de Conversa, oportunidades formativas na escola e fora dela. Em sua obra

principal, a autora registra sua experiência em duas salas de 4ª série, onde atuou como professora nos anos de 1986 e 1987 (Warschauer, 1993).

Algumas de suas ideias convenceram-me por utilizar essa metodologia nessa investigação: “A escola é um mundo de contrastes, habitado por outras histórias além da documentada” (WARSCHAUER, 1993, p.30).

A autora defende ainda: “[...] construir o conhecimento implica em abrir espaço na sala de aula para a recriação. A criatividade aparece como fato decisivo, ocupando não apenas o espaço da sala de artes, mas todos os cantos da escola.” (p.32).

As Rodas de Conversa por mim utilizadas aconteceram sempre a partir de uma atividade realizada com as crianças, de acordo com a temática a elas apresentada no início de cada um de nossos encontros. Como as crianças pequenas têm dificuldades de permanecer muito tempo em uma mesma atividade e, julgando que poderiam cansar-se de realizar muitas rodas apenas para falar de um determinado assunto, a saber: cuidado, o que poderia enfraquecer o trabalho, elaborei um roteiro das Rodas de Conversa realizadas sempre a partir de alguma atividade lúdica: músicas, desenhos, vídeos, montagens com massinha de modelar, fotografias, entrevistas com pessoas da escola, a fim de favorecer uma socialização de experiências, fluir a conversação e a partilha das ideias, para possibilitar à criança expressar-se, narrando seus conhecimentos e vivências sobre o assunto em pauta. Esses recursos são denominados como “atividades prazerosas e desafiadoras”, por Warschauer, (1993, p.134) e importantes na recriação, assim por ela expressada: “O que percebia nas crianças era a busca de viver essas experiências através do lúdico, das brincadeiras de interpretar papéis, da descoberta dos papéis que desempenhávamos na escola, sendo aluno ou professor. (p.137).”

A autora destaca um outro fator importante na rotina dos encontros das Rodas de Conversa, assim partilhando:

[...] a relação com o conhecimento pode ganhar outro sentido: o do cuidado com o Outro e com o Ambiente, enfrentando as contradições, os antagonismos e a complexidade do real, o que só pode ser feito coletivamente, através de múltiplos pontos de vista, do diálogo e do aprender a conviver com o diverso (2001, p.16-17).

A sequência dos encontros das Rodas de Conversa foram se tornando cada vez mais agradáveis e prazerosos. As crianças participavam com alegria, traduzindo-se em um momento de trocas, de sentarmos no chão sobre o tapete da biblioteca, local escolhido para nossos encontros, ou ao redor da mesa redonda onde podíamos nos ver face a face e falar sobre o assunto em pauta.

Warschauer fala da importância do registro dessas falas, tanto por parte do professor quanto por parte dos alunos. Decidi por registrar esses momentos em vídeo gravação a fim de não deixar nenhum detalhe despercebido, podendo usá-los no momento de análise e interpretação.

Um facilitador na realização das Rodas de Conversa foi o fato de as crianças serem todas da mesma idade e frequentarem o mesmo espaço escolar, embora com a heterogeneidade de experiências vividas fora e dentro da escola. O enriquecimento maior se deu a partir das vivências dessas crianças em suas famílias e outros espaços que as mesmas frequentam e que constituíram ideias muito interessantes nessa pesquisa.

Souza (2010, p.15) afirma que: “o interesse para a realização da pesquisa não parte da criança e, ao contrário, do pesquisador, para ela é uma proposta nova e nem sempre muito clara”.

A mesma autora reforça a ideia da importância de se realizar as atividades em grupo, defendendo que:

Uma das formas de diminuir possíveis constrangimentos decorrentes da desigualdade entre pesquisador e crianças é a realização de atividades em grupos. Estando entre pares a criança sente-se mais à vontade e essa condição também favorece a emergência de interações (verbais ou não) entre as crianças: a partir do que é trazido por um colega, lembram-se de algo, concordam ou refutam opiniões dadas, fazem gozações, etc. que agregam informações importantes. (SOUZA, 2010, p. 15).

Ainda sobre a dinâmica de sentar-se para conversar, Díez Navarro, (2004, p. 195) afirma que:

Reunir-se para falar é um dos atos mais característicos e saudáveis que acontece entre as pessoas. Mas, neste tempo de urgências de “para ontem”, de “eficácia”, isto está se transformando num costume frágil, com risco de extinção.

Complementa Filártiga, (2001, p. 13) ao referir-se à dinâmica de grupos:

[...] o homem é por natureza um ser social, nasce e vive em grupos e a vida em grupo cria a oportunidade de vivenciar experiências que contribuem para o seu conhecimento e crescimento pessoal, a partir de descobertas de si mesmo e dos outros.

A cada nova roda uma recriação. A alegria das crianças, suas produções e partilhas, reafirmaram em mim as convicções de que educar exige paciência e amor. É um ato prazeroso para ser eternizado naqueles a quem damos um pouco de nós e recebemos um pouco delas.

Foram realizadas nove sessões de Rodas de Conversa nas quais participaram treze crianças de Jardim B, divididas em duas turmas, de acordo com a turma que frequentam, o que facilitou a discussão devido se conhecerem bem umas as outras e conviverem por aproximadamente seis anos.

As Rodas de Conversa tiveram uma sequência lógica, conforme a temática a ser desenvolvida nessa pesquisa: autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado.

Cada Roda de Conversa foi preparada e avisada com antecedência com a finalidade de criar na criança uma expectativa pelo encontro e o prazer da participação, uma vez que foram realizadas no horário das atividades escolares o que seria normal se alguma criança dentre elas preferisse ficar na sala de aula.

Essa metodologia possibilitou o desenvolvimento da pesquisa e obtenção de dados reais sobre o como a criança de seis anos se percebe cuidada na escola e na família e como se torna cuidadora a partir das atitudes dos adultos que têm a responsabilidade de cuidar dela, bem como o conceito de cuidado que já desenvolveram em seu cotidiano.

Boff, (2012, p. 26) afirma: “O cuidado faz-se presente também em nível social e pessoal. Ele está presente nas duas pontas da vida: no nascimento e na morte. A criança sem o cuidado não existe”.

Esse mesmo autor, fala das dimensões do cuidado, as quais abordei em minha pesquisa: “O cuidado é exigido praticamente em todas as esferas da existência, desde o cuidado do corpo, dos alimentos, da vida intelectual e espiritual, da condução geral da vida”...(p. 27).

Ouso afirmar que o cuidado é a valoração da vida em todas as suas dimensões. Embora, desde os primórdios da humanidade, o cuidado se faça presente, o referido tema se apresenta como epocal, justificado pelas crises pelas quais passa a humanidade.

“Mais que uma técnica, o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a Terra e para com os seres humanos” (BOFF, 2012, p. 21).

As Rodas de Conversa foram assim organizadas:

Quadro 1 – Tabela das Rodas de Conversa

TEMA DA RODA DE CONVERSA	OBJETIVOS
AUTOCUIDADO – Cuidado corporal, cuidado do outro e/ou de outrem.	Perceber a compreensão da criança sobre a importância de se ter uma boa higiene corporal tanto na vida familiar como na escola, verificando por meio de sua fala, se ela se sente cuidada tanto na esfera familiar quanto escolar e, se a mesma desenvolveu a habilidade de cuidar do outro ou outrem.
ALTERCUIDADO – Relações interpessoais: Família	Perceber na convivência familiar as relações de cuidado que nela se dão.
ALTERCUIDADO – Relações Interpessoais: Amigos	Verificar a compreensão da criança sobre importância de se ter boas relações de amizade na escola, família e vizinhança, cultivando bons hábitos de convivência, respeitando as diferenças e expressando sentimentos.
ALTERCUIDADO – Relações Interpessoais: Escola	Observar se as crianças percebem e valorizam a escola/ambiente escolar como espaço de partilha, aprendizagem e convivência e se gostam de para ele ir.

<p>ECOCUIDADO – Cuidado com as redes que sustentam a vida: água, conservação do solo, preservação da natureza.</p>	<p>Verificar se as crianças de Educação Infantil preocupam-se com a conservação do meio ambiente praticando em seu dia-a-dia, em casa e na escola, atitudes de proteção aos animais, cuidado com o desperdício e poluição da água e do ar, conservação do solo e preservação da natureza de modo geral.</p>
<p>ECOCUIDADO – Cuidado com as redes que sustentam a vida: transformação do meio ambiente, poluição do ar, queimadas, prejuízos à saúde, desequilíbrio da natureza.</p>	<p>Verificar se as crianças percebem a ação do homem na transformação do meio ambiente, principalmente no que diz respeito às queimadas, poluição, suas consequências para a saúde das pessoas e o desequilíbrio da natureza.</p>
<p>ECOCUIDADO – Cuidado com as redes que sustentam a vida: coleta seletiva, reciclagem, conservação do meio ambiente.</p>	<p>Avaliar se as crianças desenvolveram consciência ecologia, no que diz respeito à separação do lixo, coleta seletiva, reciclagem, e atitudes de conservação do meio ambiente em geral.</p>
<p>TRANSCUIDADO - Cuidado com tudo aquilo que dá sentido à nossa vida.</p>	<p>Proporcionar momentos de reflexão sobre a importância e gratidão pelo dom da vida, do respeito às diferenças que existem em cada ser como complementaridade, e a contemplar as maravilhas criadas, bem como preservá-las.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

6 UM DESVELAR DE SIGNIFICADOS

Esse capítulo visa apresentar os resultados obtidos das análises e interpretações das Rodas de conversa realizadas com as crianças.

6.1 AUTOUIDADO: UM ATO DE AMOR PARA CONSIGO

Da análise das Rodas de Conversa, em relação às diferentes dimensões do cuidado, passo a descrevê-las e interpretá-las.

“Seguramente um dos grandes desafios existenciais consiste em cuidar de si mesmo. Somos o mais próximos dos próximos e, ao mesmo tempo, o mais complexo e mais indecifrável dos seres.”(BOFF, 2012, p. 137).

Nesse primeiro encontro, apresentei às crianças a proposta das atividades, falei da autorização dos pais para que elas participassem da pesquisa e da professora para saírem da sala de atividades e participarem da pesquisa. Pedi também a elas seu consentimento para integrarem o grupo deixando bem claro que poderiam desistir, caso quisessem.

Souza, (2010, p. 15) recomenda:

Alguns cuidados adicionais, portanto, precisam ser tomados. Por exemplo, dar especial atenção à questão ética do consentimento e da manutenção da participação das crianças: após obter autorização de seus responsáveis, agir de modo que elas não se sintam constrangidas a participar da pesquisa, deixando bastante clara a possibilidade de elas aceitarem ou não o convite que lhes é feito; e ficar atento para perceber se as crianças estão confortáveis e interessadas nessa participação ao longo de todo o processo da pesquisa, mesmo que a desistência de alguém não seja conveniente para seus objetivos.

Como todas se manifestaram favoráveis à participação, falei a elas que teríamos vários encontros, que falaríamos sobre questões referentes ao cuidado de si, do outro, do meio ambiente e das relações. Lançada a ideia do cuidado, provoqueei-as sobre seus conhecimentos prévios sobre a temática.

Para se discutir a questão do autocuidado, realizamos uma sessão de Roda de Conversa com o objetivo de perceber a compreensão da criança sobre a importância de se ter uma boa higiene corporal tanto no ambiente familiar como escolar.

6.1.1 Roda de Conversa: momento de escuta das crianças

O estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças (PINTO;SARMENTO, 1997, p. 25).

Em uma conversa bem descontraída, perguntei-lhes o que entendiam por cuidado. As expressões principais que surgiram foram: *“cuidar de carros, cuidar de animais: coelhinhos, gatos, borboletas, aranhas, formigas, joaninhas; do material escolar: cuidar dos livros, dos cadernos; da higiene da casa”*, o que denota uma preocupação mais ampla, mais abrangente no que diz respeito ao cuidado.

Para pensar a temática da primeira Roda de Conversa: autocuidado - higiene corporal, tema trabalhado na Instituição de Educação Infantil Santa Luiza desde o Berçário ao Jardim B, última etapa da Educação Infantil, a partir da assistência de um vídeo de Ivan Cruz sobre “Animação com Massa de Modelar”, optei por realizar com as crianças uma atividade de modelagem. As crianças ficaram encantadas com o que se pode fazer com essas massinhas de modelar. Então, fiz a proposta de que elas construíssem um cenário de um momento em que elas cuidam de sua higiene pessoal, em casa ou na escola. Coloquei à disposição delas todo o material necessário e deixei que trabalhassem.

Na construção desse cenário de um momento de cuidado pessoal, em casa ou na escola, a maioria destacou o banho, a escovação de dentes e a arrumação de cabelos como fundamentais para se ter boa saúde, confirmando o que foi por elas expressado anteriormente. Mostraram-se preocupadas com aparência física e com os relacionamentos.

“Devemos escovar os dentes para não termos bichinhos nos dentes” (Criança G).

Waldow, (2004, p. 26) assim destaca: “Como um modo de ser, o cuidar é um estado de existência humana e de alta significância nos relacionamentos com os outros seres humanos e com o mundo”.

Notei ainda que as crianças disseminam em casa os aprendizados da escola e que possuem consciência da importância do ato de tomar banho e escovar os dentes sentindo prazer em realizá-los.

“Eu tomando banho, pra poder ficar limpinha, pra poder ficar cheirosa” (Criança A).

Destacaram também a importância da higiene das mãos e dos pés como mantê-los limpos e com unhas cortadas. *“Lavar bem as mãos. Lavar bem os pés. Cortar as unhas” (Criança E).*

Outro aspecto da higiene pessoal destacado foi a higiene dos cabelos a fim de evitar pediculose (piolhos) e ficar limpinhos, cheirosos e bonitos tanto para permanecer em casa quanto para vir à escola ou passear.

“Eu fiz a minha mãe arrumando meu cabelo” (Criança E).

“A minha mãe arrumando meu cabelo para eu ir na pracinha” (Criança B).

Um fator que chamou à minha atenção na realização da modelagem foi a confecção de objetos usados na execução da higiene corporal: sabonete, escova de dentes, pasta, pentes, chuveiro.

“Eu fiz eu com minha escova.

Escova de dente. Agora vou fazer a pasta” (Criança G).

“Eu fiz a escova de dente, aqui é o sabonete e aqui sou eu embaixo do chuveiro”. (Criança H).

As crianças têm consciência da importância de um banho utilizando os objetos que são necessários para a higiene completa do corpo. Ao relatar suas experiências, esses detalhes se fazem presentes em suas falas e expressões artísticas.

Quanto ao banho, ainda, apareceram expressões que denotam a preocupação com a saúde, com a aparência física, mas também do prazer do ato de tomar banho e de ficar limpinha.

“Aqui eu tomando banho, é muito legal, divertido. Eu tomo banho pra ficar limpinha e cheirosa” (Criança C).

É relevante ressaltar a compreensão que as crianças de Jardim B já têm sobre a importância da higiene pessoal para evitar doenças, ter uma boa saúde a partir de hábitos de higiene saudáveis.

Costa e Souza, (2010, p.13) assim se expressam, ao falarem da importância de se ouvir o que as crianças têm a falar sobre determinados assuntos: *“Quando encontramos caminhos adequados para que as crianças se expressem, descobrimos que elas têm informações preciosas a nos revelar”.*

Partindo-se da compreensão que o autocuidado é um valor que está impregnado na criança, percebeu-se que as crianças já adquiriram uma certa autonomia na realização desses hábitos de higiene.

Falando de autocuidado, Waldow, (1998, p. 128) ressalta: “O enfoque no autocuidado é questionável em algumas culturas, sobretudo naquelas que, em seus hábitos familiares e de trabalho, caracterizam-se, por nutrir a dependência e a condição de ser cuidado por alguém”.

Essa posição da autora encontrei presente na fala das crianças. Apesar de um número pequeno, apenas três disseram preferir ser cuidadas por outra pessoa, nas questões de higiene corporal, no caso o pai e a mãe.

Houve ainda destaques importantes de outros aspectos mencionados, em menor escala: dormir e tomar água.

“Precisa dormir. Tomar água”. (Criança F).

Acredito que a ideia de dormir e tomar água aqui apresentada por uma das crianças não é compreendida como cuidado em si, mas relacionada à saúde. Na escola, as crianças são estimuladas a realizarem um momento de descanso após o almoço, o “soninho” e também a tomar água. Em cada sala há um filtro de água. Esses dois hábitos são diariamente motivados pelas Educadoras, para se ter boa saúde, boa memória e aprender bem.

As Educadoras orientam os pais que incentivem seus filhos a fazer uma breve parada de descanso no início da tarde nos finais de semana, e, se possível, tirarem um cochilo após o almoço. Além de dar continuidade à rotina escolar, o cochilo da tarde faz bem à saúde das crianças, ajudando-as a recuperar as energias perdidas nas atividades realizadas no período da manhã e melhorando seu funcionamento mental.

O segundo ponto em destaque foi o fato de as crianças citarem o ato de tomar água como um fator de cuidado. A meu ver, parece que elas já compreendem a necessidade de cuidar da saúde do corpo se reidratando, pois, ao longo do dia, na execução das atividades, nosso organismo perde água e, caso não a repormos, poderemos ter problemas intestinais, de desidratação e mau funcionamento do organismo em geral. Após cada atividade de pátio, pracinha, saída a campo, as crianças são levadas ao bebedouro e incentivadas a tomar água.

Emergiram também outros assuntos, fora do contexto da pesquisa, mas que precisam ser olhados com carinho. Esses assuntos foram repassados às professoras e elas realizaram, posteriormente, Rodas de Conversa sobre os mesmos a fim de ouvirem as angústias das crianças, melhor esclarecerem suas dúvidas e apontar possíveis soluções.

Destacarei aqui, alguns desses assuntos.

Uma preocupação demonstrada pelas crianças foi o cuidado do mundo:

“Tem que cuidar do mundo” (Criança G).

O cuidar é uma preocupação crescente na vida adulta e pode-se perceber que também as crianças já têm uma percepção da necessidade de se cuidar, preservar, sobretudo, no que diz respeito às questões ambientais.

A noção de cuidado do mundo, do Planeta é assunto emergente nos programas de televisão, documentários, revistas e livros didáticos da atualidade, diante da crise ecológica na qual estamos submersos, o que faz com que as crianças, ainda bem pequenas, já tenham uma ideia da necessidade desse cuidar do planeta, embora não compreendam a amplitude do termo cuidado do mundo. Boff (2012, p.155) destaca: “Cuidar da Terra é cuidar de sua beleza, de sua paisagem, do esplendor de suas florestas, do encanto de suas flores, da diversidade exuberante de seres vivos da fauna e da flora”.

Alguns aspectos das questões ambientais trazidas pelas crianças, vamos discutir quando relatarmos as Rodas de Conversa sobre Ecocuidado, nas quais elas puderam partilhar seus conhecimentos a respeito desse assunto.

Questionadas sobre como se sentem cuidadas em casa, quem as cuida e como são cuidadas, as respostas foram muito parecidas. Geralmente, quem cuida da criança é o pai, a mãe, a avó ou um outro familiar. Na ausência desses, elas são confiadas a pessoas ligadas à família.

“Como que a mãe cuida de mim? O que a mãe faz pra cuidar de mim? Ela dá comida, ela deixa escovar os dentes, ela deixa ler livrinhos”. (Criança D).

“Ela deixa a gente brincar”. Leva a gente pra pracinha. (Criança F).

“Minha mãe dá banho, corta as unhas”. (Criança M).

“Fiz minha mãe arrumando meu cabelo antes de eu ir jogar bola” (Criança J).

Finalizando essa sessão, decidi ouvir das crianças como elas se sentem cuidadas também na escola. Minha finalidade era ver a percepção da criança sobre os cuidados recebidos pelas Educadoras, Coordenadoras e demais pessoas que trabalham diretamente com elas. Lancei-lhes a seguinte pergunta: E aqui na escola, vocês também são cuidados por alguém?

Imediatamente surgiram as mais variadas respostas:

“Somos cuidados pela profe Laura, pelas irmãs e a Janete”. (Criança D).

“A Janete é a mais linda da creche”. (Criança F).

Apesar de reconhecer que são cuidadas pelas professoras, pelas Irmãs e pela Coordenadora Pedagógica, elas destacam que as Irmãs e a Coordenadora são muito bravas.

“Vamos deixar bem limpinho senão a (coordenadora) xinga a gente, quer dizer, a irmã. Porque todas as irmãs são bravas - disse a Criança D. E completou: “A (coordenadora) é muito, muito, muito brava.”

Acredito que o ser brava aqui destacado pela criança é o fato de a escola ter regras, de ser exigido delas certa organização, o que conflita com a permissividade total encontrada na maioria das famílias devido aos pais trabalharem fora e não terem tempo para elas ou quererem compensar a ausência dando-lhes total liberdade, o que se reflete na escola, como dissemos na introdução dessa dissertação. Essa dualidade vivida pelas crianças acaba provocando nelas um choque de valores que, ao serem questionadas, exigidas, elas passam a ver nessa atitude, geralmente amorosa, um ato de braveza.

Não querendo justificar, o que fugiria ao objetivo dessa pesquisa, mas, trabalho na referida escola, que é referência em Educação Infantil, na Região Humaitá/Navegantes, atendendo mais de duzentas crianças e mantendo uma extensa lista de espera. A Equipe Pedagógica brava, na visão da criança, pode-se entender aqui, como uma equipe disciplinar, exigente, mas, acima de tudo extremamente amorosa, comprovada pelo gosto, expressado pelas crianças, em irem e ficarem na escola.

Se por um lado, uma criança diz: “A (coordenadora é muito, muito, muito brava),” (Criança D) por outro, outra criança destaca: “A (coordenadora) é a mais linda da creche”. (Criança F). Isso demonstra que a pessoa da coordenadora é vista por elas de uma maneira diferente.

Algumas falas das crianças fundamentam a percepção das mesmas sobre como se sentem cuidadas pela escola:

“Fazendo trabalhinho ela nos ajuda a ficar mais inteligente. A profe ensina que quando alguém falar tem que escutar”.(Criança D).

“Ela cuida penteando os cabelos, dando aquelas coisas que vocês compraram pra levar pra casa (trata-se do material escola – cada criança do Jardim B recebe uma pasta e m kit de material escolar e, semanalmente levam para casa para que os pais possam acompanhar). (Criança D).

Ainda referindo-se à professora:

“Ela fala que é pra ficar quietinho e esperar o almoço. Ela fala pra comer tudo o que tem no prato e quem não gosta bota no canto do prato”. (Criança A).

Percebi nessa Roda de Conversa as preocupações das crianças em relação ao cuidado, sobretudo do cuidado de si.

Boff, (2012, p. 144) preconiza:

Cuidar de si é preocupar-se com seu lugar no mundo, na família, na comunidade, na sociedade, no universo e no desígnio de Deus. Cuidar de si é reconhecer que Deus lhe deu um nome que é só seu, que o define e pelo qual Ele mesmo se revela e o chama para si.

Concluindo, poderia dizer que as crianças da Educação Infantil, apesar de muito pequenas ainda, já incorporaram em suas ações a necessidade e importância de desenvolver hábitos saudáveis de alimentação, higiene e estilo de vida, mesmo sabendo que: “um dos grandes desafios existenciais consiste em cuidar de si mesmo. Somos os mais próximos dos próximos e, ao mesmo tempo, o mais complexo e mais indecifrável dos seres”. (BOFF, 2012, p. 137).

Ainda fundamentando em Boff, (2012,p.143)poderia dizer: “Cuidar de si mesmo é amar-se, acolher-se, reconhecer nossa vulnerabilidade, saber perdoar-se...”

Um dos grandes desafios de nossa era, em minha concepção, é levar nossas crianças a se preocuparem consigo mesmas, sem, no entanto, torná-las egoístas, narcisistas, hedonistas, voltadas a um culto exagerado do eu ao invés de solidárias, amigáveis e altruístas.

6.1.2 Saber cuidar é uma atitude inata e a família é o sustentáculo da vida da criança

Dando continuidade às nossas Rodas de Conversa, agora já com um diagnóstico da compreensão das crianças sobre cuidado em geral e autocuidado: cuidado de si, apresentei a elas a proposta do dia. Pedi que desenhassem um momento da família que elas gostassem bastante com o objetivo de perceber na convivência familiar as relações de cuidado que nela se dão. Era a primeira Roda de Conversa de um circuito de três rodas sobre o altercuidado: (cuidado do outro) com os seguintes temas: família, amigos, escola.

Para essa Roda de Conversa, optei por utilizar a técnica do desenho, como uma “atividade prazerosa e desafiadora” (Warschauer, p. 54, 1993) e por ser uma

atividade muito comum na Educação Infantil, a qual as crianças sentem prazer em realizá-la. Minha intenção era acompanhar toda a execução da atividade e não apenas o produto final.

Distribuí o material com a ajuda das crianças, e deixei-as trabalhar na elaboração de seu desenho. A variação dos recursos utilizados na introdução das Rodas de Conversa, na minha concepção, ajuda na discussão das crianças sobre o tema em pauta. Bauer e Gaskell (2011, p. 80) denominam esses recursos como materiais de estímulo:

Os moderadores podem usar recursos de livre associação figuras, desenhos, fotografias e mesmo dramatizações como materiais de estímulo para provocar ideias e discussão, como uma estratégia de fazer com que as pessoas usem sua imaginação e desenvolvam ideias e assuntos.

A temática família, assunto da primeira Roda de Conversa desse circuito, parecia apresentar-se como um dos temas mais difíceis de ser trabalhado pelo fato de algumas das crianças fazerem parte de “famílias geridas apenas por mães (família matrifocal), que são responsáveis pelo sustento da casa e dos filhos” (GOMES DA COSTA E OLIVEIRA LIMA, 2002, p. 31, vol. 3), o que poderia fazer com que as crianças ficassem inibidas ao falar de sua família por ser, às vezes, bem diferente das demais.

Corsaro, (2011, p. 119) concorda com essa realidade quando afirma: “outra grande mudança na organização familiar das sociedades ocidentais é o visível aumento do número de famílias compostas só por mães”.

O conceito de família, hoje, é multifocal. Diferentemente da família de tempos idos formada pela tríade: pai, mãe e filhos, há diversas configurações de família. Explicitando sobre a mudança desse conceito, Gomes da Costa e Oliveira Lima, (2002, p. 31, vol.3) assim se expressam:

O conceito de família nos parece óbvio: um agrupamento de pessoas ligadas por laços consanguíneos, normalmente formado por pai, mãe e filhos, e que vivem numa mesma casa. Entretanto, essa definição diz respeito a apenas um tipo de família, a família nuclear. No Brasil, são diversas as possibilidades de arranjos familiares que não se enquadram nesse perfil.

Durante a execução da atividade observei a concentração das crianças que realizaram o trabalho em silêncio. Quando precisavam de um material emprestado,

solicitavam-no de forma tão silenciosa de modo a não atrapalhar a criança ao lado, o que demonstrou certa habilidade na arte de conviver e trabalhar juntos, além de um profundo respeito pelo outro.

Do ponto de vista de Pérez Serrano, (2002, p. 11) “na sociedade atual, valoriza-se cada vez mais a capacidade de diálogo, de relação, de comunicação, em suam, de convivência”.

Terminados os desenhos, nos sentamos em roda para a socialização das produções de onde viriam aspectos importantes e fundamentais para a análise de resultados. Compartilhando os desenhos produzidos, as crianças verbalizaram informações significativas que me levaram a compreender o contexto histórico-cultural de cada criança uma.

Foi um momento muito rico. As crianças já estavam acostumadas a ouvir, pedir a vez, e falar na sua vez. A partilha começou com a criança D que se candidatou a iniciar a fala. Combinamos que, ao terminar de falar, a criança escolhesse um colega pra dar continuidade ao assunto.

A criança D desenhou vários momentos isolados. Apontando seu desenho, ela disse:

“Esse é meu pai. Ele não mora tão longe da minha família. Ele é desgrudado da minha mãe. Eles não namoram mais. Esse é meu tio quando ele era bebê. Essa é a minha avó cuidando do meu tio e essa é a minha mãe grávida de mim.

A criança D não considerou seu pai membro da família pelo fato de ele ter saído de casa e ela ter ficado com a mãe, a avó e o tio.

Os autores Gomes da Costa e Oliveira Lima, (2002, p. 32) falando da importância da família para a formação da vida da criança, independentemente do tipo de estrutura que ela se constitua, dizem:

É no seio familiar que são tecidas as primeiras relações sociais da criança, permitindo-lhe criar modelos de interação. Com outras pessoas fora do universo familiar. Estas relações iniciais com as pessoas significativas dos primeiros anos de vida constitui a base que irá moldar os relacionamentos futuros. Se a criança desenvolve, com seus familiares, um vínculo de confiança, forte e estável, ou seja, se ela se sente amada, cuidada e valorizada, tenderá a desenvolver relacionamentos significativos, estáveis e satisfatórios na adolescência e na vida adulta.

A criança D escolheu a criança K para dar continuidade. Essa iniciou sua fala dizendo:

“Aqui é a minha irmã, aqui é o nome da minha mãe, aqui é o coração e aqui é a minha mana. Aqui é minha mãe”. (Criança K).

A criança K também preferiu desenhar alguns momentos isolados e não um momento da família que ela gostasse bastante. Ela destacou um momento em que estava com a mãe e a irmã, brincando, e ela ganhou um presente da irmã, uma coroa. A criança K escolheu a criança L para dar continuidade à fala. Nesse momento, a criança F reclamou que as crianças estavam escolhendo só as meninas.

A criança L mora apenas com a mãe. Ela desenhou um momento que iria acontecer no final do ano: o Natal, festa em que os parentes viriam e celebrariam junto com ela e a mãe.

As entrevistas foram feitas em outubro, mês em que a escola já começa trabalhar projetos de Natal porque os parceiros e apoiadores da escola solicitam que as crianças escrevam cartinhas ao Papai Noel e vêm à escola fazer fotos das crianças vestidas de Papai e Mamãe Noel. Isto faz com que as crianças comecem a vivenciar um clima natalino e focar suas atenções nesta solenidade de final de ano.

Assim, a criança K se expressou:

“Eu desenhei eu, a minha mãe, a minha avó, meu avô, minha tia. E o Gabriel e o Arthur, e a minha outra tia e o tio Levi”.

Quem são o Arthur e o Gabriel?

“São os meus primos”.

Nesse momento, a criança M perguntou: *E o seu pai?*

Ela fez de conta que não ouviu. Ela mora apenas com a mãe e não conheceu o pai.

Perguntado a ela sobre o porquê desenhou esse momento que ainda iria acontecer e ela disse:

“É que a minha avó vai vir para cá e aí eu desenhei toda a família” (Criança K).

Feita a sua apresentação, ela chamou a criança H que prontamente se pôs em pé e começou a falar. A criança H é filho único e mora com o pai e mãe que trabalham e conseguem dar a ela um padrão de vida melhor em relação a maioria das crianças. Nessa família há o respeito pela alteridade do outro, diálogo e decisões partilhadas, o que faz com que essa criança apresente um elevado nível de maturidade comparando-a as demais crianças da mesma faixa etária. Ela assim se manifestou:

Aqui eu estou andando de bicicleta com meus amigos. Essa bicicleta eu ganhei no outro Natal. Aqui eu jogando videogame. Ah! Eu me esqueci de desenhar o restante!

Perguntei se ele gostaria de falar um pouco mais sobre a família e ele continuou sua oralidade com muita desenvoltura:

Meu pai é meu amigo, a gente brinca junto.

Quem mais faz parte da sua família? – perguntei.

Minha mãe, meu tio e meu avô.

Você quer falar sobre eles? – indaguei mais uma vez.

Eu vou falar sobre meu avô. Ele é ferreiro. Ele trabalha na ferraria que é lá na casa dele.

A criança H ficou orgulhosa em falar da profissão do avô que é uma referência em sua vida e é ele que ensina a profissão aos filhos. Essa concluiu a sua fala, dizendo: “Meu tio também trabalha em casa”.

Logo indicou a criança F para falar de seu desenho.

Figura 1 - Desenho da criança F



Fonte: Foto capturada pela autora.

A criança F iniciou sua exposição dizendo:

“Aqui estão as nuvens, aqui está o sol, aqui está a minha casa e aqui estou eu na piscina com minha mãe. E aqui é a mangueira que leva a água. E aqui está o meu pai trabalhando. E aqui está a minha irmã. Ela está doente e não pode tomar banho de piscina. Eu adorei a piscina que minha mãe comprou para mim. Ela comprou pra eu tomar banho no verão”.

Notei uma riqueza de detalhes e vocabulário nesse pequeno parágrafo que relata a fala da criança F. Uma capacidade especial de criar quadros mentais e retratá-los com muita delicadeza, sensibilidade e perspicácia manifestada em sua arte: sol, nuvens, pai, mãe, mangueira, verão, irmã doente.

Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reinterpreta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário... (MARTINS, M. et al, 1998, p.57).

Por meio do desenho, as crianças puderam expressar sua criatividade e manifestar a sensibilidade para com o mundo que as cerca retratando toda a beleza que seus olhos veem.

Continuando a roda, a criança F pede que a criança M dê sequência na atividade. Essa desenhou o tia, a avó, um amigo, a mãe dele, o primo e ele. Disse que esqueceu de desenhar a mãe.

“Quem mora com você lá em casa?”

O meu padrasto e a minha mãe.

Eu morava com a minha avó. E agora eu moro com minha mãe”

Essa criança não quis mais falar e pediu para a criança C falar sobre o momento que escolheu para desenhar.

“Eu desenhei só o meu pai. Eu me esqueci de desenhar minha mãe e eu.

Eu tenho uma mana. Ela já cresceu e agora tem um filho.

Mas qual momento da sua família você mais gosta?

Eu gosto mais do meu pai. Porque ele me dá dinheiro todo dia. “Ele dá dinheiro pra eu comprar comida pra comer”.

Nesse relato deu para perceber que a criança optou por escolher um momento junto à pessoa que garante seu sustento, no caso, o pai. Ela enfatiza a escolha quando afirma: “ele dá dinheiro pra eu comprar comida pra comer”. Isso demonstra que, a criança pequena, necessita de cuidados no que diz respeito ao seu sustento, além de carinho e proteção.

A criança G desenhou um castelo com antenas e a mãe indo ao supermercado e ela ficando em casa.

As crianças transitam entre a realidade e a fantasia. São capazes de criar personagens, ambientes e acontecimentos imaginários. Muitas vezes, suas criações advêm das histórias da literatura infantil. O mito e a fantasia passam a fazer parte de

seu mundo real. É lógico que esses irão desaparecer à medida que elas forem crescendo e se apropriando mais da realidade vivida.

A criança I relatou que o momento que mais gosta em sua família é a hora do jantar. Geralmente é nessa hora que a família consegue se reunir.

Figura 2 - Desenho da criança I



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu fiz eu descendo a escada pra ir jantar.

E aqui está a mesa cheia de cadeiras.

E quem senta-se à mesa para jantar com você?

A Duda (sua irmã gêmea), minha mãe, o meu tio e a namorada do meu tio.

O meu irmãozinho, o grandinho, aquele. O pequenininho fica no carro.

E ele já pode comer papinha.

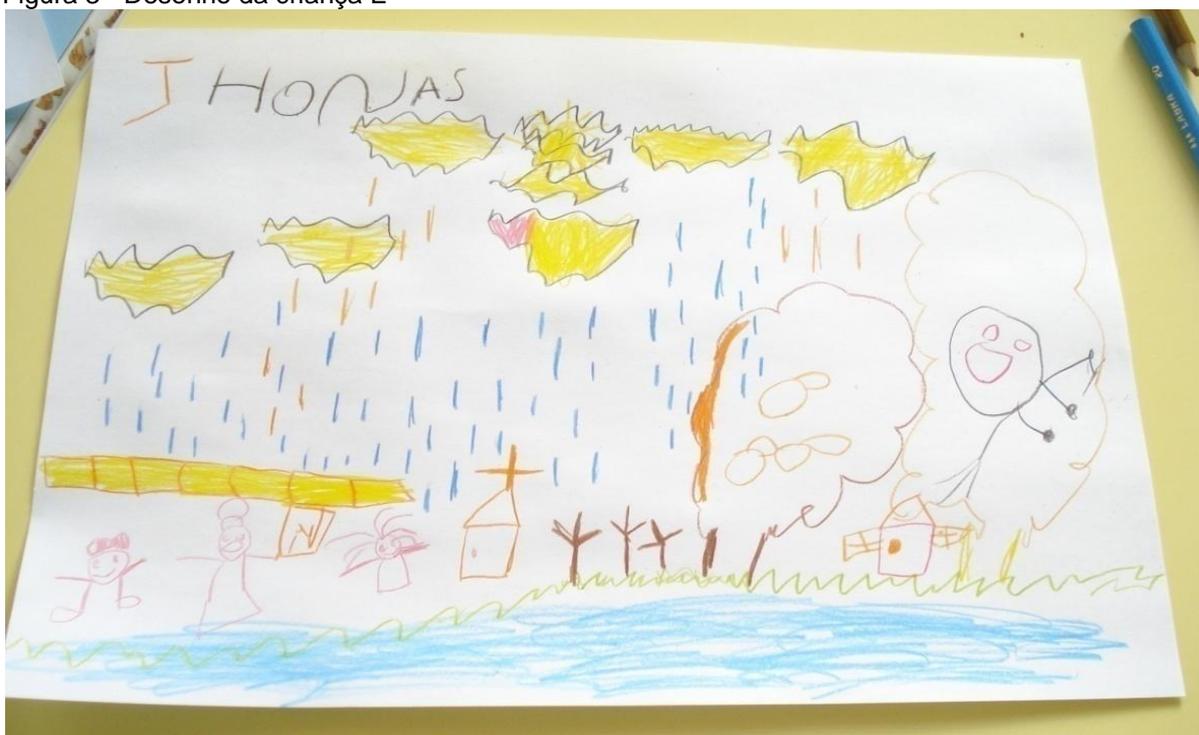
Crescemos ouvindo nossos pais falarem que o momento da refeição é um momento sagrado. Um momento de comunhão (comum+união). É nessa hora, que geralmente a família se encontra. A mesa tem poder de potencializar a comunicação entre as pessoas da família, celebrar suas alegrias e sucessos, estreitar laços.

A vida moderna, agitada, cheia de compromissos, muitas vezes rouba das famílias esse momento, fadando a família ao cansaço e distanciamento entre seus membros.

A criança I destaca a mesa cheia de cadeiras, símbolo da partilha dos alimentos e de si próprios, da união entre as pessoas. Momento de alegria e de celebrar o prazer de estarem juntos.

A criança J, por sua vez, desenhou um quiosque, ela, a mãe e o pai indo passear na casa da avó, no sítio onde tem animais. É uma criança que demonstra um profundo amor pela natureza.

Figura 3 - Desenho da criança E



Fonte: Foto capturada pela autora.

A criança E desenhou um momento da família indo à Igreja.

“Aqui é eu, aqui é minha mãe, aqui é minha avó. E a gente “fomos” na Igreja.

E daí o sol estava indo embora, daí choveu. Daí tinha duas árvores, daí tinha isso. E daí tinha meu pai aqui. E aqui está o meu irmão.

Você escolheu um momento em que sua família está indo à Igreja.

Você gosta de ir à Igreja?

Gosto.

Por quê?

Por causa que a gente fica legal na Igreja.

O que tem de legal na sua Igreja?

Tem coisa pra rezar.

Olhar um bom livro (Escolinha Dominical). E depois a gente vai embora.

É salutar os pais incentivarem seus filhos a desenvolverem uma espiritualidade desde pequenos. As crianças aprendem com os adultos. Mas, quando a família tem alguma religiosidade, é importante também a iniciação da criança na crença dos pais. Desde pequenas elas aprendem a apreciar e celebrar a beleza da existência humana e da criação: “E Deus viu que tudo era bom” (Gn 1, 25).

Pode-se perceber a sensibilidade da criança E nos detalhes de seu desenho e em seu próprio relato: sol, chuva, árvores. Desde pequenas as crianças têm um senso de curiosidade muito aguçado e perspicaz. São apreciadoras do que é bom e belo. Porém, esta capacidade que lhes é nata, precisa ser alimentada para que não fique sufocada e, possivelmente, morta.

Finalizando, a criança H desenhou o pai jogando bola com ela. Sabe-se da importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Quando os pais se dão tempo para brincar com seus filhos, esses tendem a apresentar melhores resultados em seu desenvolvimento. A interação pais e filhos por meio da brincadeira é fundamental para potencializar o aprendizado das crianças, desenvolver a autonomia, fortalecer as relações afetivas.

“Eu fiz eu jogando bola com meu pai.

Ele é legal. Ele me leva na pracinha”.(Criança H).

Duas dentre as crianças, na hora da socialização, disseram ter se esquecido de desenhar pessoas da família que desejariam ter desenhado. Isso se deu devido ao envolvimento com a cena pensada. Percebi que todas têm um momento familiar em que se sentem bem e do qual gostam de falar. Os momentos foram os mais variados possíveis e as pessoas envolvidas foram as que estavam mais próximas delas naquele momento.

Apesar da dificuldade inicial em falar da família, pouco a pouco elas foram se soltando e, bastou uma começar para que todas falassem com desembaraço. As combinações feitas na primeira Roda de Conversas não precisaram ser lembradas em nenhum momento, o que me deixou muito feliz e realizada com a atuação das crianças.

Apesar de eu já ter contato com as crianças por ser a diretora da escola e visitar as salas com muita frequência, o fato de estar com um grupo selecionado poderia causar estranheza e inibir a participação. Ao contrário, nessa Roda de Conversa os percebi bem mais abertos, solidários e acolhedores entre si.

Pérez Serrano, (2002, p. 9) ressalta que: “aprender a conviver exige [...] cultivar as atitudes de abertura, um interesse positivo pelas diferenças e um respeito pela diversidade...”

A mesma autora, ainda, destaca:

A convivência cria-se, desenvolve-se e cultiva-se; não é algo que nos seja dado; exige tempo, cuidado, recreação e, sobretudo, presença, estar com e sentir com o outro. [...] Aprender a viver juntos, “a conviver”, desenvolve potencialidades do ser mais profundo e originário da pessoa (p.11).

Para mim, enquanto pesquisadora, esses momentos foram muito preciosos. Estar a sós, com um grupo de crianças pequenas, ouvindo o que elas tinham a dizer, sobre si, sua família, constituiu uma experiência magnífica e enriquecedora, o que nenhum curso ou seminário havia me dado anteriormente. As falas dessas crianças, suas inquietações, “verdades” e questionamentos, agregaram uma riqueza muito grande em meu ser de Educadora.

Diante dessa nova experiência, concordo com Costa e Santos in Souza (2010, p. 13) que diz:

A escuta das crianças torna possível conhecer e confrontar um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos. [...]. as crianças podem acrescentar informações novas e importantes, que ampliam o nosso conhecimento sobre a realidade.

Agradei às crianças pela riqueza da partilha e agendamos nossa próxima Roda de Conversa na qual falaríamos sobre os nossos amigos e que para isso contaríamos com a participação da Professora Laura que nos faria uma contação de história. Ficaram radiantes com a proposta e ansiosas pelo nosso próximo encontro.

6.2 ALTERCUIDADO: CUIDAR DAS RELAÇÕES DE AMIZADE

Para essa Roda de Conversa contamos com o recurso da contação de história que, além de ser um recurso que desperta a criança para o hábito da leitura, constitui um momento de prazer motivador e desafiador desenvolvendo na criança a curiosidade e a criticidade, provocando nelas sentimentos e sensações reais ou fantasiosos.

Graidy e Kaercher, (2011, p. 81) assim se expressam, ao falar da importância da contação de história no ambiente de crianças pequenas.

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meios das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através do que os outros contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos e sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para através dessa prática, compartilhar.

Conforme combinado, a sequência de nossas Rodas de Conversa aconteceu com a presença da professora Laura que, com o dinamismo que lhe é peculiar, enriqueceu nosso encontro com uma contação de histórias, utilizando casinha de fantoches, dedoches e um minúsculo livrinho de história. Contou para as crianças a história: Duas boas amigas:

Numa tarde de verão, uma bela pomba se aproximava do riacho para beber água. Na margem, ouviu gritos:

- Socorro! Não sei nadar!

A pomba viu uma formiga que, no meio do rio, pedia ajuda.

- Não se preocupe! Exclamou a pomba.

- Vou ajudá-la e logo você estará salva.

Com um galhinho, a pomba tirou a pobre formiga da água.

Mais tarde, a formiga soube que um caçador andava à procura de pombas e correu para avisar a amiga.

Então, o que a formiga fez? Foi lá correndo, com seus passinhos de formiga, o mais rápido que ela podia, porque a pomba estava longe, e disse:

- Amiga pomba, eu soube de um caçador. Fuja, fuja o mais rápido, voe pra longe!

E a pomba virou para a formiguinha:

_ Que bom! Você me salvou! Vou fugir. Não quero que o caçador me pegue.

Enquanto isso, a formiga que devia um favor à pomba, para distrair o caçador, entrou em sua bota e lhe fez coceguinhas no pé.

As duas se encontraram algumas horas depois.

- Muito obrigada, formiguinha – disse a pomba – Você me salvou a vida!

- Eu lhe devia um favor – respondeu a formiga. _ De agora em diante poderemos contar uma com a outra.

- De agora em diante, nós podemos contar uma com a outra e seremos boas amigas.

Terminada a apresentação, a professora Laura perguntou às crianças:

O que é ser amigo, para vocês?

A resposta a essa pergunta veio imediatamente: “*é abraçar, conversar, brincar, ajudar, fazer as pazes, não xingar, não bater, dar um beijo, passear juntos*”. Um conjunto de definições do que é ser amigo na concepção das crianças de seis anos que já começam a desenvolver a consciência do que representa uma relação.

Nesse período da infância, a criança pequena começa a ter seus primeiros contatos sociais, relacionando-se com pessoas de fora da família. Inicia um tempo de experiências prazerosas diferentes e surgem os primeiros desentendimentos. Isso justifica a resposta da criança M que diz: “*ser amigo é fazer as pazes*”. Por outro lado, as amizades ajudam a criança a aprender a conviver cultivando atitudes de escuta e abertura ao outro, partilha, respeito pela diversidade e pelos pensamentos opostos, e o cultivo de uma série de valores que a criança necessita desenvolver para poder viver junto e relacionar-se bem. É na convivência com os amigos que a criança começa a experienciar o ganhar e o perder, por meio das brincadeiras e, principalmente, aprende a descobrir as diferenças entre o certo e o errado e a respeitar o ponto de vista do outro, embora nem sempre concorde com a opinião alheia.

Na infância, os amigos, além de experienciarem a companhia começam a ganhar a configuração de confidentes. As relações de amizades são mais saudáveis, desinteressadas, afetuosas e seguras.

Talvez, devido ao enredo da história apresentada, a criança M tenha dito que “*ser amigo é disfarçar o amigo, dizer pra ele sair daquele lugar para não ser capturado*”. Essa expressão demonstra a preocupação com a proteção do amigo.

Dalla Costa e Fornari Diez (2012, p.8) abordam essa questão da alteridade que busca a preocupação com o outro antes da preocupação consigo mesmo, quando assim se expressam: “A relação para alcançar a alteridade é dada pela exterioridade sendo uma preocupação não para comigo, mas para com o Outro. Nesse sentido o foco é o movimento de acolhida do outro e não de posse ou domínio”.

É importante que, tanto a escola quanto a família, valorizem a necessidade das crianças de fazerem amizades dando-lhes a oportunidade de se relacionarem com outras crianças, facilitando momentos para a acolhida, o passeio juntas, as brincadeiras, permitindo manifestações de suas escolhas, quando possível. Causa grande dor às crianças quando não são respeitadas em seu direito de brincar. A criança F assim se manifestou:

“Eu nunca fui passear com meus amigos porque a minha mãe não quer”.

Geralmente, os adultos escolhem pelas crianças. Na escola, os grupos, pares, equipes, são predeterminados pelos professores. Em casa, os pais selecionam os amigos das crianças, não favorecendo, muitas vezes, a convivência com a diversidade. Dessa forma, a criança nem sempre tem possibilidade de fazer suas próprias escolhas e responsabilizar-se por elas.

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, em 1993, já manifestava essa preocupação com educação para a alteridade:

Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Desenvolver esta atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida. (DELORS, 2006, p. 98).

Outras respostas bem interessantes à pergunta o que é ser amigo, foram: *“dar um beijo, pedir para passear juntos, se divertir, ler livros com os amigos, tirar o amigo de uma furada”.*

Percebi nessas respostas o quanto a criança valoriza a questão da amizade e a pessoa do amigo. Ela desenvolve o senso de proteção: *“tirar o amigo de uma furada”.* A convivência na escola fortalece o processo de socialização das crianças e os vínculos estabelecidos fora do núcleo familiar.

Perguntei às crianças se elas têm um amigo ou amiga do qual gostam muito. Todas manifestaram ter um amigo ou amiga especial. Curioso destacar que, ao falarem de amigos, as crianças se recordam de festa. Assim, festa de aniversário passou a ser o assunto de uma boa parte de nossa Roda de Conversa. Iniciada pela criança I todas as outras relataram momentos em que receberam presentes, acolheram amigos para a festa de aniversário e brincaram felizes.

Procurei trazê-las de volta ao assunto em pauta perguntando-lhes o que fazem com os amigos quando estão juntos.

“Eu gosto de brincar com meu amigo. Eu gosto de brincar de bola” (Criança I).

“Eu gosto de comprar um sacolé. Um picolé”. (Criança B).

“Quando eu estou com meus amigos eu gosto de brincar de boneca. Quando a filha do homem, meu amigo, quando ela vai à minha casa, ela tem uns carrinhos que são iguaizinhos e eu brinco. Eu brinco com elas. Tem uma que tem um problema nos ouvidos e ela fala tudo errado. Eu brinco com ela” (Criança D).

As crianças, desde cedo, começam a perceber o diferente. São mais abertas a estar, conviver e interagir com crianças com deficiência, são capazes de constituir ligações fortes com essas crianças, tornando-se, até mesmo, responsáveis em inseri-las em seu universo social.

Brazelton e Sparrow, (2003, p. 255) afirmam que: “crianças de quatro e cinco anos se tornam mais conscientes das existências de diferenças entre eles mesmos e os outros”. Essa afirmação podemos perceber nas relações das crianças do nosso cotidiano em escolas de educação infantil. As crianças sentem-se responsáveis umas pelas outras como socializa a criança D no relato acima: *“Tem uma que tem um problema nos ouvidos e ela fala tudo errado. Eu brinco com ela”*.

As demais crianças disseram gostar de brincar com os amigos: desenhando e lendo livrinhos. Demonstraram ter prazer em estar com eles, relacionando-se e realizando algumas atividades e brincadeiras. As amizades sólidas, desenvolvidas na infância, tornam as crianças autoconfiantes e seguras.

Brazelton, (2002, p. 24) salienta:

Quando há relacionamentos seguros, empáticos, sustentadores, as crianças aprendem a ser íntimas e empáticas e eventualmente a comunicar seus sentimentos, refletir sobre seus próprios desejos e desenvolver seus próprios relacionamentos com seus iguais e com os adultos.

Explorando um pouco mais a história contada pela professora Laura, perguntei às crianças a parte da história que mais tinha gostado, tendo surgido as mais variadas respostas:

“Eu gostei da parte que a formiguinha falou para a pomba que tem que fugir porque o caçador quer pegar umas pombas. Foi muito legal. Eu gostei de todas as partes” (Criança I).

“Eu gostei mais da parte que a formiguinha entrou no sapato do caçador, porque eu adoro página de terror” (Criança B).

“Eu gostei quando a pombinha salvou a formiguinha porque eu gosto quando alguém pode ajudar alguém” (Criança G).

“Eu gostei da pombinha porque eu adoro pombinhas” (Criança H).

Continuando nossa conversa, perguntei-lhes se já haviam ajudado a algum amigo.

“Eu ajudei meu primo a não cair da escada que é bem perigosa”. (Criança E).

“Ajudei meu irmão a descer a escada porque ele vai descendo assim sentado, e vai se empurrando com as pernas” (Criança I).

Boff, (2012, p. 35) fala do cuidado enquanto relação amorosa.

Cuidado é uma atitude de relação amorosa, suave, amigável, harmoniosa e protetora para com a realidade pessoal, social e ambiental. Metaforicamente podemos dizer que o cuidado é a mão aberta que se estende para a carícia essencial, para o aperto das mãos, os dedos que se entrelaçam com outros para formar uma aliança de cooperação e união de forças.

Houve também o relato da experiência de uma criança que nunca precisou ajudar a alguém, mas que maravilhou-se com as experiências dos amigos.

Um outro momento muito rico em partilhas foi quando lhes perguntei sobre a gratidão pelos amigos. Vocês agradecem a Deus pelos amigos que têm? O que vocês fazem para agradecer?

“A gente faz uma oraçãozinha por ele” (Criança B).

“Pedindo a Deus para curar meu amigo” (Criança I).

“Eu rezo de noite por todos que eu gosto, da família e meus conhecidos” (Criança H).

Aqui podemos perceber o cuidado como fator de suma importância para suavizar a dor do outro. Boff, (2012, p. 63) fala da importância do cuidado na hora da dor, do fracasso e também das alegrias.

“Cuidado é não permitir que o desespero e o desamparo tolham o sentido da alegria de viver [...] dando-nos coragem para enfrentar obstáculos, resiliência para suportar fracassos, alegria para celebrar os sucessos...”

Gomes da Costa e Oliveira Lima, (2002, p. 39) enriquecem falando da diferença entre o cuidado com os seus pares e o cuidado dos adultos, assim se expressando: “O outro que é um par (compartilhar brincadeiras, sonhos, amizades e desavenças) é diferente do outro que é um adulto (orienta, ensina, imita, pune e protege)”.

Para o pesquisador César Candiotto, (2008, p. 91), cuidado “diz respeito à atitude diferente consigo, com os outros e com o mundo; indica a conversão do olhar

do exterior para o próprio interior como modo de exercer a vigilância contínua do que acontece nos pensamentos”. Destaca ainda que:

O cuidado refere-se à arte de viver, a ser desenvolvida ao longo da existência, desdobrando-se nas funções de luta (preparando para suportar eventuais acidentes, infelicidades e desgraças que lhe possam ocorrer), de crítica (para corrigir os maus hábitos) e de terapia (tarefa fundamental do cuidado de si, o saber cuidar do corpo e da alma)

Waldow, (2004, p.21) pesquisadora da área da enfermagem, assim define cuidado:

Cuidado é um processo, um modo se relacionar com alguém que envolve desenvolvimento e cresce em confiança mútua, provocando uma profunda e qualitativa transformação no relacionamento. [...] é ajudar o outro crescer e se realizar.

Concluindo nossa Roda de Conversa perguntei-lhes sobre o que eles faziam para agradecer aos amigos e fui surpreendida com as mais inteligentes respostas:

“Apertar a mão, dar um abraço, fazer essas coisas. Tirar da furada. Furada é quando você está em apuros e você chama os amigos” (Criança M).

Garcia e Costa Pereira, (2008, p. 26) definem o processo da escolha das amizades entre as crianças:

Com a idade, as amizades das crianças demonstram mais estabilidade, mais altruísmo recíproco e mais conhecimento pessoal íntimo. Os amigos participam de mais tipos diferentes de interações do que não amigos. As crianças em processo de fazer amigos têm mais probabilidade de se comunicar claramente, se auto-revelar mais frequentemente e resolver mais eficazmente conflitos.

O cultivo da amizade na infância é fundamental para o desenvolvimento social das crianças. É por meio das relações de amizade que as crianças pequenas desenvolvem a capacidade de colocar-se no lugar do outro (empatia), para sentir com o outro; enriquece seu diálogo, aprende a buscar o consenso, a solucionar conflitos e desenvolver atitudes de cooperação.

6.2.1 A Escola Santa Luiza sob o olhar das crianças

Teoricamente falando, todos têm um discurso pronto quando o assunto é escola de Educação infantil. Geralmente ouvimos que é um espaço de convivência,

de liberdade, de preocupação com o universo da criança pequena visando proporcionar a elas um ambiente agradável, prazeroso, propício ao desenvolvimento de suas potencialidades. Um mundo mágico, quase perfeito.

Na visão da criança pequena, nem sempre esse universo é tão mágico assim. A escola vista por elas, muitas vezes, opõe-se às percepções tradicionais do adulto que, já tem um conceito preestabelecido de infância e escola para a infância. Convivendo com o grupo de crianças selecionadas para essa investigação, durante o período em que aconteceram as Rodas de Conversa, resolvi escutar quais eram suas percepções sobre a escola que frequentaram durante quase seis anos. Reservei uma Roda de Conversa especificamente para esse assunto. Elas, sentindo-se com liberdade de expressar-se tendo direito à voz e participação, revelaram fatos do cotidiano da educação infantil a partir de seu ponto de vista.

Viera da Cruz (2008, p. 79), em: “A Escola vista pelas crianças” de Oliveira-Formosinho, 2008, ao falar da importância de dar voz às crianças, assim se expressa:

Na área da Educação Infantil, as informações que as crianças podem dar são relevantes para se conhecer melhor o que se passa nas instituições de cuidado e de educação de crianças pequenas e também entender como elas vêem os processos que aí se desenvolvem, como se sentem, o que temem, o que desejam na sua experiência educativa.

Como já era outubro, aproximavam-se as festas de final de ano, assunto do qual eles gostavam muito de falar. Muitas vezes o assunto Natal veio à tona. Mas, aproximava-se também a festa de despedida da turma, da escola de Educação Infantil. Embora a escola desenvolva um projeto visando preparar as crianças para a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, essa passagem ainda é muito dolorosa. Os próprios pais se encarregam de colocar medo e apreensão nas crianças ao utilizarem expressões como: *“no próximo ano você vai ter que ficar sentadinha na carteira”*. *“Você vai ter que estudar muito, vai ter provas”*, entre outras.

Nossa roda de conversas sobre a escola não necessitou de nenhum recurso para sua introdução por se tratar de uma temática fácil e sobre a qual as crianças tiveram muito assunto a partilhar. Lancei-lhes algumas questões: Como é sua escola? Como vocês se sentem na escola? O que você mais gosta na sua escola? Por quê?

Para a primeira questão fizemos uma tempestade de ideias. Todos podiam ir falando o que lembrassem. Reuni aqui as respostas das crianças sobre essa questão. Como é sua escola?

“É legal. Eu gosto dela”. (Criança I)

“É cheirosa”. (Criança B)

“É espaçosa e bonita”. (Criança I)

“A minha escola é divertida. É muito legal”. (Criança I)

“A minha escola é legal. Eu leio livrinhos, eu brinco com os outros, eu brinco com os meus colegas. (Criança E).

“Minha escola tem brincadeira, tem atividade”. (Criança M).

“É cheia de brinquedos”. (Criança D).

“É limpinha. A Jô vive limpando a escada, vive limpando a biblioteca. Vive limpando tudo”. (Criança I).

As crianças falavam da escola enquanto espaço físico. O documento do MEC: Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil, 2006, uma elaboração em parceria com vários profissionais envolvidos em “refletir e construir/reformar os espaços destinados à educação das crianças de 0 a 6 anos” (p. 3), assim se expressa, ao referir-se a questão espaço físico das instituições de educação infantil:

[...] busca ampliar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir o ambiente físico destinado à Educação Infantil, promotor de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e que facilite a interação criança–criança, criança–adulto e deles com o meio ambiente. O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível para todos.

A questão seguinte visava levar as crianças a expressarem seus sentimentos. Vieira Cruz, na apresentação da Obra: Ouvindo crianças na escola, da organizadora Rebello de Souza, diz que: “coube à psicologia o estudo das emoções, dos sentimentos humanos” (2010, p.7). Hoje, também a pedagogia, a sociologia e outras ciências se ocupam do estudo da criança enquanto sujeito social histórico.

A questão: *“Como você se sente na sua escola?”*, dirigida às crianças selecionadas para essa investigação, teve o intuito de deixá-las se expressar, conhecer o que pensavam e sentiam sobre o virem para a escola e nela permanecer de oito a dez horas e conhecer suas percepções sobre a vida diária escolar. A maioria das respostas evidenciou o quão feliz as crianças se sentiam no espaço escolar. Vejamos:

“Eu me sinto muito bem”. (Crianças K, D e E).

“Eu gosto muito dela. Eu me sinto bem nela. Eu gosto muito dela. Ela me deixa mais feliz e mais alegre”. (Criança L).

“Parece bem maravilhoso”. (Criança M).

“Eu me sinto com muita energia”. (Criança F).

“Eu me sinto bem. É legal. A escola tem bastante coisa pra brincar, não é Zambica?” (Criança I).

É fundamental que a escola de educação infantil seja um ambiente em que a criança pequena sinta prazer em frequentá-lo. Um espaço que favoreça a interação com outras crianças, relação com o diferente, atividades lúdicas diferenciadas, que tenha uma proposta pedagógica apropriada para a Educação Infantil, que valorize as vivências das crianças e suas experiências extra escolares, enfim, um espaço facilitador de bons relacionamentos. Pois, ao contrário dos primórdios onde as crianças pequenas eram cuidadas apenas na família, hoje, a maioria das crianças de zero a seis anos frequenta a escola em turno integral, chegando às vezes, a permanecer na escola por dez horas, o que é o caso de a maioria das crianças dessa investigação. A fim de ouvir das crianças como se sentiam no ambiente escolar, dando continuidade à Roda de Conversa, perguntei-lhes: *O que você mais gosta na sua escola?*

Muitas respostas bem interessantes foram surgindo e, com elas, um diagnóstico de como a escola se apresentava para as crianças.

“Eu gosto muito da parte lá de baixo, eu gosto de brincar lá porque lá tem mais brinquedo”. (Criança M).

“Eu gosto da sala de aula, da biblioteca, da minha sala e do pátio, porque é uma coisa muito maravilhosa”. (Criança C).

“Eu gosto muito da escola, ela é bem legal. Tem brincadeira legal e a gente faz trabalhinho que é muito legal”. (Criança D).

“A minha escola é divertida. Eu gosto da pracinha. Eu gosto de ir lá no salão brincar. Ganhar presente, ganhar merenda”. (Criança K).

“Eu gosto da pracinha. Na pracinha tem muito brinquedo. Tem até balanço”. (Criança C).

“Eu gosto mais daquela pracinha de areia porque tem uma pontezinha” (Criança A).

“Eu gosto de ler livrinhos. Eu não sei ler livrinhos, mas eu gosto de ver livrinhos, de brincar, de me divertir na pracinha, de ver vídeo, ver fita, ver DVD. Ver desenho, brincar com os bonecos, gosto de ouvir música, desenho, gosto de ver Pica-Pau, gosto de ver Mônica”. (Criança I).

“Eu gosto de brincar. Eu gosto mais de ver livrinho, de ir na pracinha. Eu gosto mais de ir lá no pátio, eu gosto de fazer uma atividade” (Criança E).

“Eu gosto de fazer atividade, gosto de almoçar, de brincar na pracinha aqui de trás. Eu também gosto quando a gente sai todo mundo pra ir na pracinha lá da frente. Eu gosto quando a profe arruma nosso cabelo. Eu gosto quando a profe cuida da gente na sala”. (Criança G).

Tendo em vista o objetivo traçado para essa Roda de Conversa, pude perceber que as crianças gostavam do ambiente da escola e sentiam-se atendidas em suas necessidades essenciais. Pela voz das crianças seria possível, a uma pessoa desconhecida, traçar o perfil da escola.

Na sequencia, busquei saber das crianças o que elas não gostavam na escola. De início temi que elas não ficassem à vontade para falar pelo fato de eu ser a diretora da escola. Como se sabe, as crianças da pré-escola já tem conhecimento suficiente para discernir o que os adultos querem ou não saber, dessa forma, são seletivas em suas respostas. Mas, como já estávamos trabalhando juntos há alguns dias e nossas Rodas de Conversas eram bem descontraídas, elas sentiram-se à vontade para falar. Procurei valorizar as coisas que elas mais gostaram: “Eu gostei, tem várias coisas da nossa escola que vocês gostam muito. Eu vou perguntar pra vocês, agora, se tem alguma coisa que vocês não gostam, o que vocês não gostam e por quê”.

“Coisa que eu não gosto é quando eu fico de castigo porque eu perco tempo de brincar. Aí quando todo mundo está brincando, eu perco tempo”. (Criança M).

“Eu não gosto de descer a escada porque dá dor nas pernas. Eu não gosto quando os meus colegas dão em mim e quando eu dou neles. Quando eu pego eles pra pentear os cabelos, eles não gostam e a profe me xinga”. (Criança I).

Infelizmente, o castigo ainda permanece no imaginário de professores de Educação Infantil como forma de disciplinar a criança. O castigo físico, porém, ao contrário do que se pensa, não leva a criança a obedecer a regras estabelecidas, seguir rotinas, disciplinar-se. Ela o vê como perda de tempo de aprendizado, e segregação de seu direito de brincar, o que de fato o é.

A brincadeira na Educação Infantil ajuda a criança a desenvolver a capacidade criativa, imaginária.

“Eu não gosto de dormir, é muito chato, eu fico acordada, eu não consigo dormir”. (Criança D).

“Eu não gosto de dormir. É chato”. (Criança K).

“Eu não gosto de comer e de dormir porque eu tenho sempre vontade de vomitar”. (Criança C).

“Eu não gosto do soninho, a gente perde muito tempo”. (Criança A).

A hora do soninho é, muitas vezes, refutada pelas crianças da pré-escola pelo fato de elas serem maiores, os períodos de descanso muito longos ou a falta de preparo para esse momento. Além de ser uma necessidade fisiológica própria dessa idade, o descanso intraturnos é fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças pequenas. Como essas crianças permanecem na escola durante todo o dia, é fundamental realizar um momento de relaxamento e descanso. Cabe à escola propiciar um momento agradável, descontraído e em espaço amplo e arejado. Quanto aos que querem ficar acordados, é necessário providenciar um espaço onde possam realizar atividades calmas e silenciosas. O soninho não pode ser obrigatório.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, abordando a importância do sono e repouso para as crianças, assim preconiza:

O atendimento das necessidades de sono e repouso, nas diferentes etapas da vida da criança, tem um importante papel na saúde em geral e no sistema nervoso particular. As necessidades e o ritmo de sono variam de indivíduo para indivíduo, mas sofrem influência do clima, da idade, do estado de saúde...(1998, vol.2, p. 59).

O referido documento aborda ainda, fatores que contribuem para um repouso agradável e restaurador:

Temperatura agradável, boa ventilação, penumbra, oferta de colchonetes plastificados forrados com lençóis limpos e de uso exclusivo de cada criança (ou esteiras conforme a idade das crianças, o clima e os hábitos regionais) também são cuidados para um sono e/ou descanso seguro e reparador (RCNEI, 1998, vol. II, p. 60).

Outras respostas intrigantes são do reconhecimento delas da importância de não magoar ou machucar os colegas ou danificar os pertences próprios ou alheios.

“Eu não gosto quando os colegas batem em mim, e eu não gosto quando eu bato neles. Eu não gosto também quando eu machuco eles. Eu não gosto quando eu machuco eles, quando eu dou soco neles”. (Criança G).

“Eu não gosto quando os meus colegas dão em mim e quando eu dou neles. Quando eu peço eles pra pentear os cabelos, eles não gostam e a profe me xinga”. (Criança I).

“Eu não gosto quando meus colegas me batem, me chamam de gordo baleia. Eu não gosto quando meus colegas me beliscam só porque eu sou fofo” (Criança B).

“Eu não gosto de quebrar meus brinquedos. Não gosto de rasgar os livrinhos, de dar chute nos outros porque eu não me sinto bem quando eu brigo.” (Criança E).

A normatização para a construção das escolas de educação infantil já prevê que sejam isentas de escadas, que o prédio ofereça segurança e proteção às crianças. Mas, a maioria das escolas de educação infantil funcionam juntamente com o ensino fundamental ou são prédios adaptados, o que é o caso da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza.

Houve uma criança que relatou a questão das escadas:

“Eu não gosto de descer a escada porque dá dor nas pernas”.

Como o refeitório e a sala do repouso ficam no primeiro andar, as crianças são obrigadas, várias vezes ao dia, subir e descer escadas.

Para finalizar nossa Roda de Conversa, exibi em datashow, no salão de eventos, as fotos que as crianças haviam tirado, de seu lugar preferido na escola. Ao verem sua foto no telão, a primeira reação é de alegria. Assim, cada criança, ao ver sua foto, em seu lugar preferido, relatava às demais o porquê de ter escolhido aquele lugar.

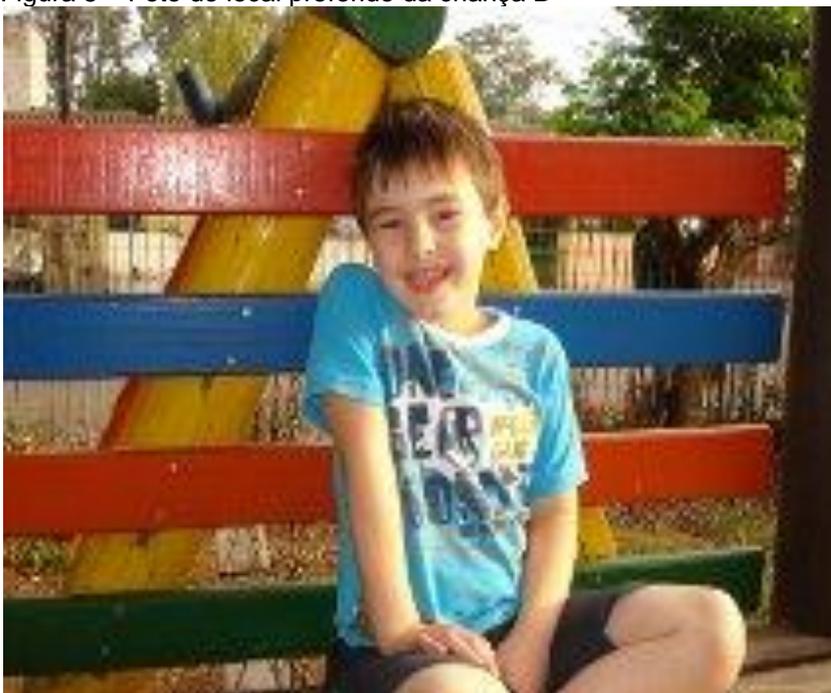
Figura 4 – Foto do local preferida da criança H



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu escolhi a minha sala porque a gente joga joguinho na mesa e a gente faz rodinha. E a gente brinca e daí... A gente faz trabalhinho e lê livro. E monta os jogos.

Figura 5 – Foto do local preferido da criança B



Fonte: Foto capturada pela autora

Eu escolhi a praça da frente porque eu gosto de ir com meus colegas. É uma pracinha bem bonita e gostosinha.

Figura 6 –Foto do local preferido da criança G



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu gosto mais da capela porque dá pra pensar aqui, às vezes de Deus. Dá pra rezar, dá pra pensar em Jesus, Deus. Ele curou as pessoas que morreram, que se feriram.

Figura 7 –Foto do local preferido da criança I



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu escolhi o salão como meu lugar preferido, porque é divertido, dá pra fazer um montão de atividades aqui. E pode colocar um montão de bola aqui.

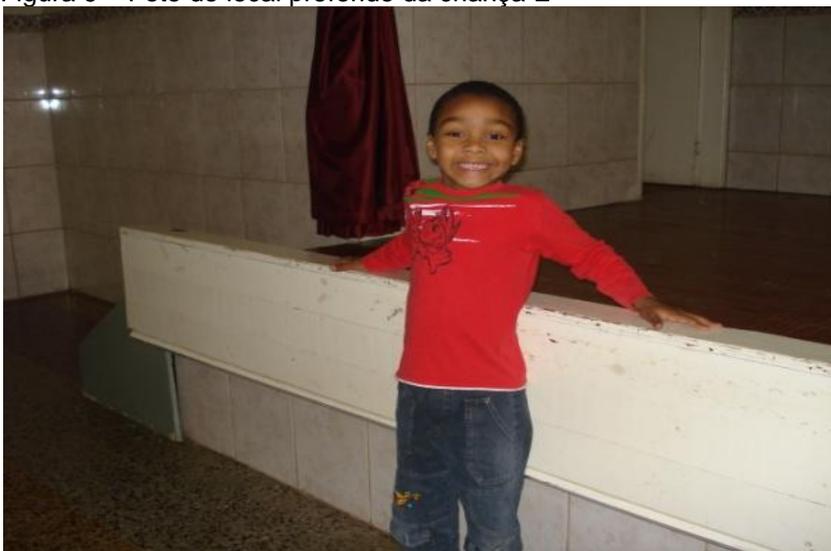
Figura 8 – Foto do local preferido da criança J



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu escolhi a praça da frente porque ela é bem legal. Ela tem as coisas legais e. Ela tem balanço legal. Ela tem traves legal. Quando eu era pequeno eu já eu brincava aqui.

Figura 9 – Foto do local preferido da criança E



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu escolhi o salão porque ele é muito grande. Dá pra brincar, dá pra trazer balão, dá pra ensaiar, dá pra trazer os legos pra brincar. Pra botar boneca, pra botar carro, pra botar moto. Um mercadinho dá pra montar. Um robô.

Figura 10 – Foto do local preferido da criança A



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu gosto da capela porque eu posso agradecer ao Papai do Céu pelos meus pais e minha escola, e também porque eu nunca mais fiquei doente.

É bom de rezar lá e pedir pelas criancinhas lá da África. Como que é o nome daquela cidade que tem uma escola igual a nossa e que a gente reza por ela?

Moçambique.

Ah! Ta bom.

Figura 11 – Foto do local preferido da criança C



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu gosto de brincar aqui (Sala de Artes) porque dá pra se sujar. Tem pia, tem mesinha e dá pra brincar com argila e massinha.

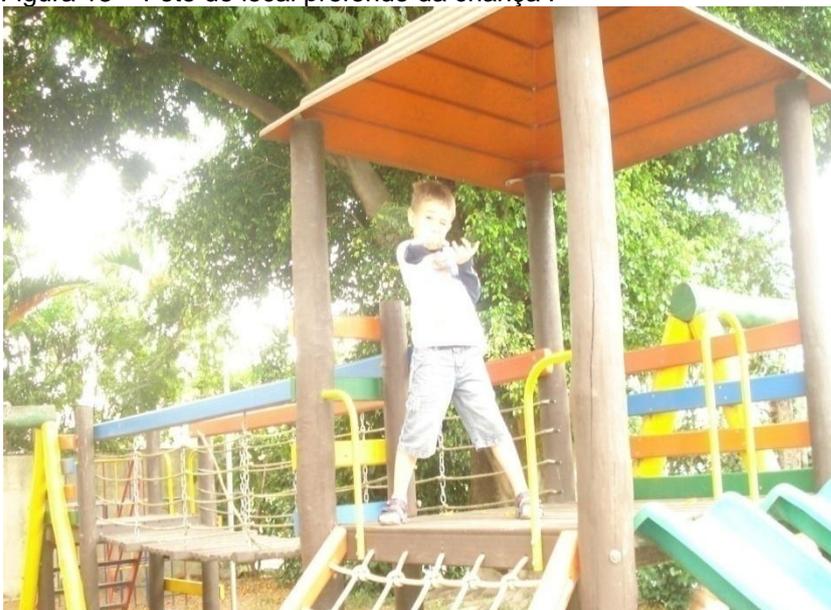
Figura 12 – Foto do local preferido da criança D



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu adoro brincar na frente da escola porque é bem grande e dá pra ver tudo o que passa na rua. Tem a garagem de brinquedos e muitas bicicletinhas. Dá também pra brincar de casinha, de roda e de pega-pega.

Figura 13 – Foto do local preferido da criança F



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu gosto de brincar na casinha do Batman na pracinha do salão. Tem sombra e banquinhos. É bem gostoso lá. As Profes cuidam da gente pra não se machucar.

Figura 14 – Foto do local preferido da criança K



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu gosto muito da casinha da boneca. Dá pra brincar com as minhas amiguinhas. Quando eu chego, de manhã bem cedinho eu entro lá um pouquinho e quando vou embora eu entro de novo. Quando a profe leva a gente na frente eu só fico lá com as minhas colegas.

Figura 15 – Foto do local preferido da criança L



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu gosto de brincar de amarelinha no pátio da frente. Todo mundo que passa e chega na creche vê a gente brincando. Não pode brigar lá na frente. Eu pulo, pulo até cansar. Aí chega a hora do lanche e eu to com muita fome e a profe diz que é porque eu pulo muito que me dá muita fome.

Figura 16 – Foto do local preferido da criança M



Fonte: Foto capturada pela autora.

Eu amo a creche inteira. Mas vou ficar com a pracinha da frente. Ela é bem bonita. Tem brinquedos. Eu gosto da roda, mas eu gosto também da cadeia. A profe diz que tem que cuidar pra não cair. Vai um por vez porque alguém pode empurrar o outro de lá de cima. Mas quando ela vira às costas, a gente vai de dois e ela já grita...

No outro ano eu vou ficar com saudades daqui, da minha escolinha querida.

Concluindo essa Roda de Conversa, percebi que as crianças tinham um carinho muito grande pela escola e já sentiam muito ter que deixá-la. É na escola de educação infantil que elas aprenderam a relacionar-se, a respeitar a individualidade, a partilhar, a conviver. É nessa escola que elas adquiriam a base para novos aprendizados.

6.3 ECOCIDADO: CUIDADO DAS REDES QUE SUSTENTAM A VIDA

“Cuidar da Terra é cuidar de sua beleza, de suas paisagens, do esplendor de suas florestas, do encanto de suas flores, da diversidade exuberante de seres vivos da fauna e da flora” (BOFF, 2012, p.155).

A Educação Ambiental para crianças pequenas deve abordar aspectos capazes de serem absorvidos por essa faixa etária. Se a criança aprende as questões básicas de respeito à natureza, à medida que for crescendo vai absorvendo, construindo e aprendendo novos conhecimentos. Práticas de educação ambiental como: plantar uma árvore, evitar o desperdício de água e de alimentos, economizar energia elétrica, entre outras, devem ser estimuladas nas escolas de Educação Infantil. As crianças pequenas respondem imediatamente a atitudes aprendidas, pois, são curiosas e gostam de sentir-se protagonistas de uma nova proposta.

Sendo uma dimensão da educação, a Educação Ambiental é um processo educativo que visa formar cidadãos éticos nas suas relações com a sociedade e com a natureza. Durante a formação, cada indivíduo é levado a uma reflexão de seus comportamentos e valores pela aquisição de conhecimentos, compromisso e responsabilidade com a natureza e com as gerações futuras. (REIGADA & REIS, 2004. p. 150).

Para trabalhar as Rodas de Conversa sobre as questões ambientais, utilizei como recurso motivador, a música. Em ambientes de Educação Infantil a música constitui uma das linguagens da arte. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil salienta a importância da música na educação de crianças pequenas: “A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social”. (RCNEI, 1998, vol. 3, p. 49).

O referido documento aborda também a presença e importância da música nas mais variadas situações do cotidiano: “A música está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, música para dançar, para chorar os mortos, para conclamar o povo a lutar” [...]. (RCNEI,1998, vol. 3, p. 47)

6.3.1 Água: Fonte que garante e sustenta a vida

Introduzi nossa Roda de Conversa com a música: “Que será de mim?”, de Maria Sardenberg.

Eu só tenho este mundo pra morar para crescer
Se eu não cuido deste mundo onde é que vou viver?

Se eu não cuido da água que será do peixinho?
O que será de mim, que será de mim?
Se eu não cuido da água, que será de mim?

Se eu não cuido da terra que será da plantinha?
O que será de mim, que será de mim?
Se eu não cuido da terra, que será de mim?

Se eu não cuido do ar que será da avezinha?
O que será de mim? Que será de mim?
Se eu não cuido do ar, que será de mim?

Preservar a natureza é reconhecer o valor da vida.
Preservar a natureza é retribuir o amor de Deus.

A partir da música, que as crianças foram logo cantando e dançando, pois elas já conheciam a música apresentada, haviam trabalhado com ela na Semana do Meio Ambiente, foi lançada a proposta de nossa Roda de Conversa.

É comum acompanharmos as músicas marcando os seus ritmos. Geralmente usamos os pés, mas também pode ser com mão em palmas e batidas, com o estalar dos dedos ou ainda mexendo com o corpo, tentando encontrar uma sintonia entre nós e o ritmo. Quando isso acontece, a impressão que temos é de que a música nos governa, conduzindo-nos por uma estrada imaginária cercada de emoções. (COSTTA, 2012, p. 31).

Passada a euforia da dança, da música, do ritmo e compasso, começamos a explorar a letra da música que era a finalidade para a qual a utilizamos. Comecei

afirmando: “Nossa música fala, se eu não cuida desse mundo, onde é que eu vou viver”. Como podemos cuidar do mundo?

Todas estavam ansiosas por falar, assim, precisamos organizar as falas. Elas começaram a falar sucessivamente sobre: cuidar das arvorezinhas, das flores, da natureza. Nesse primeiro momento elas focaram suas ideias nas plantinhas.

“Tem que cuidar das plantinhas, dar água pra elas não morrer. A terra tem que molhar”. (Criança G).

Continuando nossa conversa lhes disse que a música falava da água e fiz-lhes as seguintes perguntas: É importante a gente cuidar da água? Como podemos cuidar melhor da água?

“Não é pra botar sujeira na água”. (Criança A).

“Não deixar a torneira aberta”. (Criança J).

“Não deixar o chuveiro aberto senão sai toda a água”. (Criança I).

“Cuidar da água senão o peixinho morre e a gente não consegue mais ver ele, só vai ter na imaginação”. (Criança A).

“A gente tem que cuidar da vida do peixinho”. (Criança L).

“Nós cuidamos da água pro peixinho poder fazer as coisas melhor, fazer as imagens do que acontece lá embaixo das águas”. (Criança L).

“O peixinho pode morrer sem água. Eles vão morrer com a água suja. Os peixinhos vão ficar em cima da água, eles não vão conseguir respirar e vão morrer”. (Criança K).

Assim, as crianças demonstraram o que já haviam aprendido sobre a preservação e proteção da água. Elas sabiam da importância do uso racional da água para o equilíbrio da natureza.

Retomamos a música que as crianças já sabiam cantar sem o cd. E eu segui explorando algumas de suas partes. Na música que ouvimos tem uma parte que diz assim: “Se eu não cuida deste mundo, onde é que eu vou viver”. Como podemos cuidar melhor do mundo?

E elas apresentaram uma série de respostas: *cuidar dos brinquedos, varrer o chão, cuidar do peixe, do pato, do gato, da formiguinha, da joaninha*. Houve uma criança que deu uma resposta imponente: *reciclando*. Surpreendi-me com a convicção com que ela disse a palavra e lhe perguntei onde havia aprendido aquela palavra. *“Eu aprendi. Eu reciclava lá em casa, mas meus pais jogavam tudo fora. Eu reciclava tudo o que eu encontrava na rua, tudo o que eu podia usar para eu fazer alguma coisa, eu pegava e levava”.*

Elogiei-a pela resposta e disse-lhe que tínhamos uma Roda de Conversa que seria sobre o lixo e então iríamos explorar melhor essa palavra. Ela concordou.

A música fala do cuidado da água, da avezinha, do peixinho, da terra. Vocês concordam que a gente tem que cuidar de tudo isso? Por que devemos cuidar do peixinho, da avezinha, da terra?

“Porque a gente tem que comer o peixe. Serve também pra enfeitar a nossa vida”. (Criança E).

Tem que alimentar pra eles terem a vida deles quietinhos no canto deles. (Criança I).

A criança B disse: *“Eu quero falar outra coisa. Sabia que o passarinho da minha casa morreu e ficou só a gaiola?”*

Tem que cuidar da avezinha pra ela não morrer. Tem que alimentar elas, né. Cuidar bem dos passarinhos”. (Criança G).

“Era uma vez, o meu irmãozinho abriu a gaiola e o passarinho fugiu. A minha mãe tentou pegar, ele bateu no sofá e fugiu. A minha avó deu outro”. (Criança I).

As crianças demonstraram um sentimento de afeto, proteção e cuidados pelos animaizinhos, sobretudo, os de estimação. Mas, sentiram-se extremamente tristes quando os animais fugiram. Elas não admitiram a separação imprevista do animalzinho. Manifestaram dor intensa e uma sensação de angústia e vazio pela impotência em não conseguir evitar a perda.

A maioria deles tem um animalzinho de estimação, como já vimos. Sabe-se que a convivência da criança com animais ajuda a desenvolver-se e ampliar seus laços de amizade, além de aumentar a sua imunidade. Quando a criança é a responsável pelo cuidado do animalzinho, ela desenvolve o senso de responsabilidade, o que proporciona uma relação de cuidado e um relacionamento saudável.

Insisti na pergunta com a finalidade de explorar um pouco mais a música e obter novas respostas.

Por que devemos cuidar dos passarinhos?

“Eu vi eles fazendo um coração assim voando. Porque é o coração da vida”. (Criança E).

Ele falava e uma revoada de pássaros que passou no ar e na sua percepção eles formavam um coração.

“Tem que cuidar pra eles não morrer”. (Criança I).

“E pra ter uma música. Quando acordam, eles cantam”. (Criança G).

“Devemos cuidar dos animais para a natureza ficar mais bonita”. (Criança J).

Percebi aqui que as crianças já despertam para apreciar o que é belo. Têm a sensibilidade de apreciar o canto dos passarinhos ao amanhecer, a magnitude da revoada que passa desfilando no ar, assim como a beleza da natureza.

Elas destacaram alguns outros aspectos pelos quais devemos cuidar dos animaizinhos: *“Ter cuidado para não machucar, dar comida, dar água, sair para passear com ele”*.

Perguntado a elas se tinham um animalzinho de estimação ou um animalzinho qualquer, em casa e a maioria disse tê-lo. Então pedi que falasse sobre ele, o que faziam com seu animalzinho. As crianças começaram a relatar suas experiências de convivência com os animaizinhos da família:

“Eu tenho uma gatinha que se chama Mia. E eu gosto muito dela. Sempre dou carinho pra ela. Dou comida, brinco com ela. Eu sempre pego ela no colo, mas, só que a minha mãe não deixa, ela deixa só um pouquinho, mas eu pego, eu dou carinho. Eu também dou banho, às vezes, nela”. (Criança L).

Novamente aqui aparece uma forte relação de amizade e cuidado entre a criança e seu animalzinho de estimação. Boff, (2012,129) afirma que “a essência humana vem marcada pelas várias modalidades de cuidado”. Daí a compreensão do carinho, do aconchego da criança para com o animalzinho.

“Eu tenho um passarinho e um cachorro. Um dia eu dei massa pra minha cadela, eu brinquei muito com ela e ela ficou me lambendo. E o meu passarinho criou um ovo”. (Criança M).

“O cuidado estabelece sempre uma relação recíproca entre quem cuida e quem é cuidado. Ambos se ajudam mutuamente [...] (BOFF, 2012, p. 130). A criança deu carinho e, em troca, recebeu carinho.

A criança D, disse: *“Eu tenho um cachorro. Eu dou comida pra ele, mas eu tenho medo de chegar perto dele porque ele é muito grande. Eu tenho medo de ele me morder*.

Senti certa frustração da Criança D em sua relação com seu animal, sobretudo, porque as demais crianças relataram suas experiências de proximidade com os animaizinhos e ela sentia medo pelo porte físico do seu animal. A finalidade principal de um animal de estimação é tornar a vida das pessoas, nesse caso, das crianças, mais agradável, prazerosa. É importante que a criança seja consultada sobre seus desejos quanto ao animal de estimação que deseja tê-lo a fim de evitar frustrações, medos e constrangimento para com o animal. Na maioria das vezes são os pais que determinam o animal que vão ter em casa e as crianças têm que conviver com eles mesmo que não sejam os seus preferidos.

“Eu tenho cinco. Mas eu cuido deles. Eu cuido da minha gata que eu já falei. Eu cuido também do Peter, que é meio bagunceiro. Ele morde de mentirinha, mas machuca. Mas eu tenho medo de ele me morder forte. Eu também tenho a cadela Pinscher e uma Vira-lata. Eu também cuido, dou comida pra eles e dou banho neles de mangueira. E também cuido da minha cadela Neguinha

que, ela não morde, ela é carinhosa. Eu dou sempre carinho nela., dou banho, dou comida. Eu sempre dou muito carinho e ensino eles a brincar e fazer as coisas direitinho” (Criança L).

Duas dentre as crianças disseram não ter animalzinho em casa. Sentiram-se tristes por não terem experiências a partilhar sobre os animaizinhos de estimação. E uma das crianças disse:

“Eu queria ter um canguru em casa, mas a minha mãe não deixa”. (Criança B).

Um destaque aqui foi a imaginação infantil. A criança cria uma fantasia e acredita ser um sonho possível. É a mãe que não a deixa ter um canguru. Essa fantasia é fruto de seu envolvimento com as histórias da literatura infantil.

[...] a criança, curiosa, não se conforma em só reproduzir aquilo que conhece e passa a inventar outros modos singulares de fazer, transformando tanto a realidade conhecida pela novidade que conquistou quanto a si mesma pela ação que realizou. A novidade veio do imaginário, da invenção, da criação que faz do real outro real (RICHTER 1999, p. 187).

A Educação Infantil é um tempo propício para o desenvolvimento da imaginação da criança pequena, sobretudo, no ensino das Artes, momento privilegiado de criação e recriação, de dar asas à imaginação.

6.3.2 Queimadas: prejuízo irreparável ao Meio Ambiente e à Saúde

Numa perspectiva ecológica, há atitudes e atos que podem ser gravemente danosos, como a prática e usar intensivamente defensivos agrícolas, desmatar vasta região para dar lugar à pecuária ou a derrubada da mata ciliar dos rios. (BOFF, 2012, p. 146).

A segunda Roda de Conversa sobre o Ecocuidado versou sobre a temática Queimadas e seus prejuízos ao Meio Ambiente e à Saúde das pessoas. Consciente de que não era uma temática fácil para se discutir com Educação Infantil, continuei utilizando o recurso da música. Apesar de as turmas de Jardim B terem desenvolvido um projeto sobre o Meio Ambiente, na Semana do Meio Ambiente, alguns temas lhes pareciam complexos.

Conversei com as crianças que trabalharíamos outra música e que, a partir da música iríamos discutir nossas ideias e opiniões sobre o assunto.

QUEIMADAS – Newton Heliton

O homem está destruindo
 Queimadas em todo lugar
 Do pouco do verde que ainda há
 Será que ainda dá pra salvar?
 O homem se esquece que o amanhã
 Pertence às crianças que estão a nascer
 Pense um pouco no que representa
 O verde em nosso viver.

A árvore fixa a terra ao chão
 Evitando a erosão
 Purifica o nosso ar
 Nos dá os frutos pra alimentar.

Terminado de ouvir a música, li a letra, verso por verso, e elas foram repetindo. Perguntei-lhes se gostariam de falar sobre a música. Todas concordaram. Então, disse: A música fala de queimadas. Quem sabe me dizer o que são as queimadas?

“Um fogo que aparece se um cigarro for jogado no chão. Queima a grama, a madeira e tudo o que estiver na frente”. (Criança A).

“Queimada é quando pega fogo”. (Criança C).

“Dá para eu falar outra coisa?”

Depende! O que você quer falar?

O meu pai, uma vez eu mostrei que tinha uma cobra no pau. Aí a cobra subiu no galhinho que ele colocou. Ele jogou a cobra no fogo e virou churrasco de cobra”.

Essa temática, como disse anteriormente, se apresentou bastante difícil para a compreensão das crianças e necessitou de mediação para clarear o assunto. Retomamos várias vezes a música. Perguntei-lhes: Por que as pessoas fazem queimadas?

“Para estragar a natureza”. (criança M).

“Para colocar prédios”. (Criança A).

“Pra construir casa, um monte de casa pra quem é pobre”. (Criança C).

“Eles fazem queimadas porque eles obedecem ao diabinho”. (Criança B).

“Se eles queimarem as crianças não vão ter mais mundo, né?”. (Criança G).

“Ola aqui, ó. Eu quero falar. Quem quer queimar as árvores é quem não tem casa e quer fazer uma casinha pra eles morar. Ou pra fazer uma plantinha pra eles criar”. (Criança I).

Apesar da tenra idade, as crianças já têm noção da ambição desmedida do ser humano. Apesar de o desmatamento ocasionado por queimadas, que foi uma tradição no passado, ter diminuído muito nos últimos tempos, essa forma de crime ambiental, em escala bem reduzida, ainda acontece, com o pretexto de ser acidental.

Sabemos que, com o período da seca, os riscos de acontecerem queimadas acidentais são inúmeros. Precisamos redobrar os cuidados, pois, além de destruir as matas e florestas, as queimadas matam uma grande quantidade de animais. E, além do mais, o solo onde são feitas as queimadas torna-se pobre e enfraquecido necessitando de um longo período de tratamento para ser parcialmente recuperado.

Continuando nossa conversa, disse-lhes: “A musica diz: será que ainda dá pra salvar?”.

Imediatamente a criança F se manifestou: *“Não queimado. Plantando outras árvores no lugar”.*

Aqui surge, de forma não verbalizada, a noção do equilíbrio ecológico que a criança já possui: *“plantando outras árvores no lugar das que foram destruídas”.*

“Quando acontece um fogo fala para os bombeiros e eles apagam”. (Criança B).

Outro aspecto muito importante a salientar é a questão da saúde.

Por ser um assunto complexo para a criança pequena, passamos a discutir sobre essa questão. “As queimadas também fazem mal à saúde. *Que tipo de mal elas fazem à saúde”?*

“Fazem não respirar, dá tosse” (Criança A).

“A fumaça mata”. (Criança Criança C).

“Faz mal pro pulmão da gente”. (Criança I).

“O que você sabe sobre isso?”

“Eu não sei nada, mas eu estou falando porque eu estou lembrando. Um dia pegou fogo lá no parque e teve que chamar os bombeiros. Isso faz mal pra saúde, a gente respira. A gente respira esse ar com fumaça das queimadas, faz mal pros nossos pulmões”. (Criança I).

As crianças abordaram alguns malefícios que a fumaça proveniente das queimadas pode trazer à nossa saúde. Os gases emanados das queimadas são prejudiciais à saúde das pessoas, aumentando, assim, o número de pessoas que apresentam doenças respiratórias, conjuntivites ou irritação nos olhos e intoxicações, entre outros.

A literatura especializada indica que os principais efeitos à saúde humana da poluição atmosférica são problemas oftálmicos, doenças dermatológicas, gastrointestinais, cardiovasculares e pulmonares, além de alguns tipos de câncer. Efeitos sobre o sistema nervoso também podem ocorrer após exposição a altos níveis de monóxido de carbono no ar. (RIBEIRO E ASSUNÇÃO, 2002, p. 132).

Finalizando essa roda de conversas perguntei-lhes: “O que mais acontece quando são feitas queimadas”?

“Pode queimar os animaizinhos”. (Criança B).

“Não pode queimar senão não vai ter mais mundo, o mundo vai ficar diferente. E também vocês já falaram o que acontece quando fazem queimadas”. (Criança G).

“Queimada, pode queimar a natureza, pode queimar as plantinhas. Não pode destruir a natureza, nem botar fogo. Porque a natureza é legal. Pode passear, pode tomar um lanche legal. Aí não pode, abe por quê? Porque o Papai do Céu fica muito triste. Destruir a natureza é destruir a nossa felicidade, destruir a vida dele, destruir a nossa vida. E quando o homem destrói a natureza Papai do Céu fica muito bravo aí chove. Não dá pras criancinhas e as pessoas brincar.” (Criança I).

“Se queimar o país não tem mais país pra gente. Se queimar tudo vai ficar tudo queimado. Se queimar as plantinhas não vai nascer nenhuma mais, só se plantar” (Criança G).

Além do impacto sobre o clima, o comprometimento da saúde humana, e tantos outros malefícios, as queimadas contribuem também para a modificação da paisagem natural.

A partir do século XX, vimos presenciando o processo acelerado de urbanização que muitas vezes acontece com a liberação do espaço por meio de queimadas. Há grande descaso com a vida do Planeta. O impacto ambiental das queimadas é muito grande: destruição da fertilidade do solo e da biodiversidade, problemas com a saúde da população, diminuição da visibilidade atmosférica, limitando assim o tráfego aéreo, modificação da paisagem natural, aumento de acidentes nas rodovias, entre outros.

Dada a complexidade do tema, finalizamos nossa Roda de Conversa. Percebi o quão preocupadas as crianças se mostraram quanto às questões ambientais, sobretudo com a preservação da vida e da saúde. Porém, sensibilizaram-se com a perda significativa da fauna e da flora, decorrente dos efeitos das queimadas.

6.3.3 Cuidar do lixo é cuidar da sobrevivência do Planeta

Entramos na era ecozoica, quer dizer, face à crise global que afeta todas as instâncias, está surgindo uma nova era na qual a ecologia (daí era ecozoica: o cuidado pela Terra) constitui um dos eixos articuladores da nova ordem do mundo. O sucesso desta nova era passará inevitavelmente pela incorporação ou não do paradigma do cuidado. (BOFF, 2012, p.238).

Com o objetivo de avaliar, se as crianças desenvolveram consciência ecologia, no que diz respeito à separação do lixo, coleta seletiva, reciclagem, e atitudes de conservação do meio ambiente em geral, realizamos mais uma roda de conversa com a utilização do recurso: música, o que já havia sido combinado previamente com elas. Com a música O Lixo do CD Coisas de Criança, música esta já trabalhada pelas crianças na Semana do Meio Ambiente e no Projeto “Sua sala bem limpinha”, iniciamos nossa Roda de Conversa relembrando a letra da música:

O Lixo

Newton Heliton

Jogue o lixo no lixo
Não jogue nada no chão
Vamos deixar esta escola
Brilhando com esta canção.

Papel de bala
Ponta de lápis
Pó de borracha
Não jogue nada no chão!

Casca de fruta
Restos de lanches
Lenço de papel
Não jogue nada no chão!

Jogue o lixo no lixo
 Não jogue nada no chão
 Vamos deixar esta escola
 Brilhando com esta canção.

Copo descartável
 Goma de mascar
 Papel amassado
 Não jogue nada no chão
 Casca de fruta
 Restos de lanches
 Lenço de papel
 Não jogue nada no chão!

Antes, porém, de ouvir a música eu lembrei a eles que, quando falamos da água uma das crianças falou sobre a reciclagem e que, nessa Roda de Conversa teríamos a oportunidade de aprofundar um pouco mais aquele assunto. Convidei-as a ouvirem a música com atenção. Logo as crianças começaram a cantar e encenar a música que, por seu ritmo e melodia agradável fez com que todas dançassem.

Depois desse momento de descontração, sentamo-nos ao redor da mesa redonda e iniciamos uma conversa bem descontraída, iniciando por uma tempestade de ideias sobre o que é lixo:

“Lixo tem que jogar no lixo. O que não presta tem que jogar no lixo. O que não serve mais tem que vender pra outra pessoa. Não pode botar fora, mas cabe ainda nas outras crianças que são pequenas. Em nós não cabe porque a gente vai crescendo, crescendo, dormindo, crescendo”.
 (Criança I).

“Lixo é papel de bala”. (Criança K).

“É uma coisa que os faz parar de respirar”. (Criança L).

“É tudo o que tem que ser jogado”. (Criança A).

“Lixo é uma coisa que não presta”. (Criança M).

“É alguma coisa que a gente bota fora”. (Criança L).

“Eu acho que é uma sujeira que tem que botar fora”. (Criança F).

“O lixo contamina também” (Criança A).

“Lixo é sujeira, contamina e a gente tem que botar fora, nós não precisamos usar essas coisas”. (Criança L).

“Não pode comer lixo. Se a mãe não tá em casa nem o pai”. (Criança C).

Valorizei as respostas dadas à pergunta e disse-lhes: “Quando nós falamos da água, ouve uma criança que falou da reciclagem. Essa palavrinha, a palavra reciclagem vem ligada ao lixo. Vocês disseram que lixo é aquilo que não presta que a gente joga fora. Mas, muitas vezes a gente joga fora algo que pode ser aproveitado. Algo que poder ser...” Antes de eu terminar uma criança disse: *“reciclado”!*

“Muito bem, aprenderam bem a lição com a profe de vocês!”

“Não foi só com a profe, mas com a mãe também”. (Criança F).

“Na sala de aula de vocês tem algum objeto reciclado?”

“Copo descartável”. (Criança A).

Expliquei-lhes que reciclado é tudo o que poderia ter ido para o lixo e foi reaproveitado. O copo descartável em si não era reciclado. Mas poderia reciclado depois ser usado.

“Como bala de... quer dizer, papel de bala, dá pra fazer a cabeça de um robzinho”. (Criança F).

“Eu uso as caixas de lixo para fazer coisas pra eu brincar”. (Criança M).

“Eu uso o lixo para reciclar. Minha avó comprou um fogão novo e eu usei a caixa como casinha”. (Criança A).

“Eu usei a caixa do meu chinelo novo que eu ganhei e fiz um robzinho de brinquedo”. (Criança M).

“E eu usei a caixa do meu chinelo novo que eu ganhei de presente aqui da creche e arrebentei, peguei a borracha e fiz uma trancinha e botei na minha cadela”. (Criança L).

“Eu gostaria de falar que minha mãe me deu uma caixinha deste tamanho e eu fiz uma casa para meu filhotinho”. (Criança C).

Apesar de não ter uma ideia formada sobre a importância da reciclagem as crianças começavam a despertar a consciência ecológica de reaproveitar objetos que poderiam ser jogado fora os transformando em algo útil, como por exemplo, brinquedos. A produção de lixo vem aumentando assustadoramente em nosso país.

Faz-se necessário, educar desde cedo as crianças da Educação Infantil para a conservação do Planeta. Desde a mais tenra idade a criança já se pode ensinar às crianças a prática dos 3r da Sustentabilidade: (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), práticas que ajudam a estabelecer uma relação mais harmônica entre a pessoa (consumidor) e o Meio Ambiente. Essas práticas, além de reduzir gastos proporcionam a preservação do Meio Ambiente. Boff, (2012, p. 98) ressalta a importância de educar para o cuidado praticando atitudes de cuidado:

Um primeiro passo, como expressão do cuidado, são os vários erros enunciados pela Carta da Terra: reduzir, reutilizar, reciclar tudo o que é consumido. Apraz-nos acrescentar outros erros: respeitar cada ser por seu valor intrínseco, rejeitar todo tipo de propaganda que incita o consumo e reflorestar o mais que pudermos, porque cada planta regenera a Terra, sequestra dióxido de carbono, devolve-nos oxigênio, entregando-nos flores, frutos e biomassa.

Ao longo das Rodas de Conversa sobre o ecocuidado, pude perceber que as crianças já têm consciência de atitudes que ajudam a preservar a natureza como usar racionalmente a água: o tomar banhos mais curtos, desligar a torneira enquanto se esfregam no banho, enquanto lavam as mãos ou escovam os dentes.

Além do uso racional da água, outra atitude de preservação ambiental bem presente na vida dessas crianças é a criatividade em transformar, embalagens, papéis, potes em brinquedos.

Quanto ao reciclar, nem tudo pode ser feito em casa e muito menos pelas crianças, por isso, existem os centros ou galpões de reciclagem. O que pode ser feito é ensinar às crianças atitudes ambientais que contribuam com o processo de reciclagem como, por exemplo, a coleta seletiva: separar o lixo reciclável (plástico, metais, vidros e papel) do lixo orgânico. Ensiná-las a observar os dias da coleta de cada tipo de lixo, a ajudar os pais nessa tarefa. Desenvolver nelas a consciência de que tudo o que é reciclável pode ser transformado livrando, assim, o Meio Ambiente de resíduos que poderão levar muitos anos ou até mesmo séculos para serem decompostos, além de gerar emprego para pessoas que trabalham na reciclagem garantindo-lhes emprego e salário.

É necessária uma parceria escola-família para que esses hábitos sejam ensinados e exigidos que a criança os pratique tanto em casa quanto na escola a fim de que esses passem a fazer parte do seu cotidiano. Criança gosta de aprender e também de ensinar. E nessa etapa de desenvolvimento que ela está mais aberta a

novas aprendizagens e descobertas. Se esses ensinamentos forem convincentes elas passarão a utilizá-los em seu dia a dia contribuindo para a harmonia e bem estar da nossa relação com o meio ambiente. É muito mais fácil ensinar crianças pequenas a praticar atitudes de cuidado com o meio ambiente do que reeducar adultos já acostumados a degradá-lo.

A educação ambiental deve começar em casa. Quando aprendem, as crianças cobram dos adultos, atitudes mais sustentáveis.

Continuando nossa Roda de Conversa, realizamos uma espécie de aula-passeio. Quando perguntei às crianças se na sala delas tinha algum objeto que foi reutilizado ou mesmo transformado, as respostas evidenciaram que poucas crianças tinham percebido algo reciclado ou transformado em sua sala.

“Lá na sala a profe guarda as tesourinhas num potinho. Ela botou um monte de coraçõezinhos nele. E na porta tem um coração vermelho”. (Criança J).

Propus-lhes fazer um tour pelas salas de aula da escola, entrevistar as outras educadoras perguntando-lhes se tinham algum objeto reutilizado ou reciclado em sua sala de aula. Foram utilizadas câmeras digitais pelas crianças para registrar as fotos da visita. Na filmagem e entrevistas fomos auxiliados pela coordenadora pedagógica, Janete e pela professora Laura.

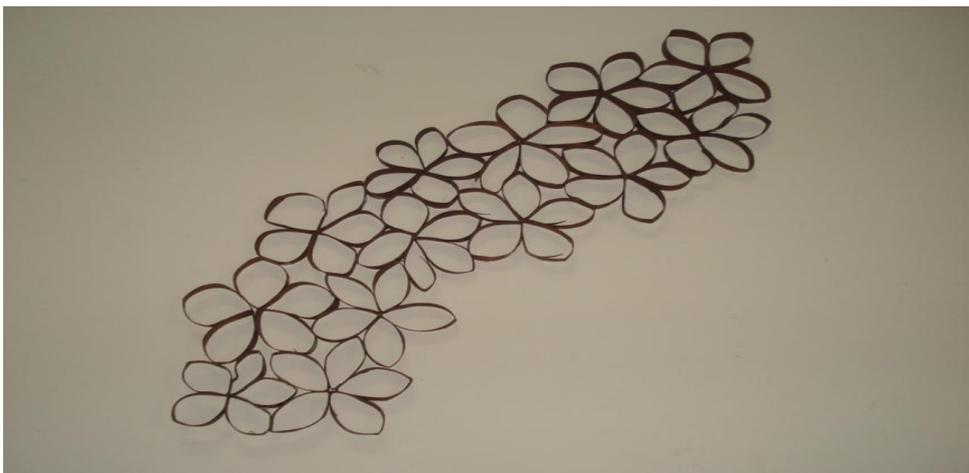
Foi perguntado às Educadoras: Você tem, em sua sala, algum objeto reciclado ou reutilizado? O que você tem? Como foi feito? Você considera importante reciclar ou reutilizar objetos? Por quê?

Figura 17 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Claudete



Fonte: Foto capturada pela autora.

Figura 18 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Claudete



Fonte: Foto capturada pela autora.

“Eu tenho um pote de sorvete enfeitado com retalhos de EVA que se transformou num porta-trecos. E Esse enfeite de parede foi feito com rolinhos de papel higiênico”. (Educadora Claudete - Jardim A).

Figura 19 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Fernanda



Fonte: Foto capturada pela autora.

“Eu tenho uma caixa de papelão encapada com TNT colorido que serve para colocar jogos”.
(Educadora Fernanda – Maternal I).

Figura 20 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Michele



Fonte: Foto capturada pela autora.

Figura 21 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Michele



Fonte: Foto capturada pela autora.

Figura 22 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Michele



Fonte: Foto capturada pela autora.

“Esse sapo foi feito com papelão e retalhos de EVA a guardar brinquedos. E o palhacinho foi feito de tampinhas de garrafas (pernas e braços); corpinho com vidro de Yakut a cabeça com bolinha de roll-on. Cada criança fez um para o Dia das Crianças”.

“Essa caixa é um guarda trecos. É uma caixa de papelão, enfeitada com restos de EVA, cola e cola glíter”.

“Você considera importante reciclar os objetos que poderiam ir para o lixo?”

“Sim, eu considero. Pra ajudar o meio ambiente, pra não ter desperdício, não sujar, não poluir também”. (Educadora Michele – Jardim A)

Nós estamos aqui na sala da professora Maria Cristina e nós vamos fazer uma pergunta pra ela. “Você tem algum objeto que você fez com material reciclado”?

Figura 23 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Maria Cristina



Fonte: Foto capturada pela autora..

“Tenho. Tenho as flores, que foram feitas com revista, cola e tina têmpera. A gente cortou, passou uma colinha, esperou secar e passou tinta com o pincel assim e colocou um pouquinho de gl ter para ficar bem bonito”.

“Por que você fez essas flores?”

“Primeiro porque a minha sala esse ano   a turma das flores, aí não precisou utilizar outro papel da escola, só as revistas, e pra enfeitar, deixar nossa sala mais bonita. Mas tudo com material reciclado”.

Você considera importante reaproveitar os materiais e os transformar em outros objetos?

Ah, claro, sempre.   importante porque dá para produzir outros brinquedos, não vai botar material fora, a gente pode utilizar tudo. A tampinha da garrafa a gente pode fazer jogo de dama, as garrafas pet se transformam em carrinhos, as revistas em flores, folhas.   importante, por qu ? Ficar botando tudo no lixo não d , n  gente! Tem que aproveitar. A gente aproveita pra ajudar a natureza, a não poluir os rios, as ruas, n . E ainda dá pra brincar.

Profe Laura, você tem algum objeto na sua sala que foi feito de material reciclado?

Figura 24 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura



Fonte: Foto capturada pela autora.

Reciclado? Vamos ver aqui, ó.

Aqui tem. É um vaso com flores de dobradura. De papel ó, que se pode usar papel jornal ou papel que já vai fora. Pode-se fazer dobradura e se torna um vaso. Pode botar no lápis também, na caneta.

Que tri! – disse o Rafael.

Por que você fez esse vaso cheio de flores?

Primeiro pra decorar a nossa sala pra ficar bonita, né. E segundo porque tem um perfumezinho, tem um algodãozinho aqui dentro ó, que é perfumado, daí tem cheirinho.

Você considera importante reciclar os objetos?

Considero porque é importante para a natureza.

Perfeito! Mas eu vejo que você tem mais coisa reciclada aqui.

Isso daqui é de tampinha de marmitex, aquelas quentinhas que a gente compra. Aqui vai um babado de papel crepon e usa pra fazer os nomezinhos.

O trenzinho é feito de caixa de leite, pra decorar e colocar os nomes.

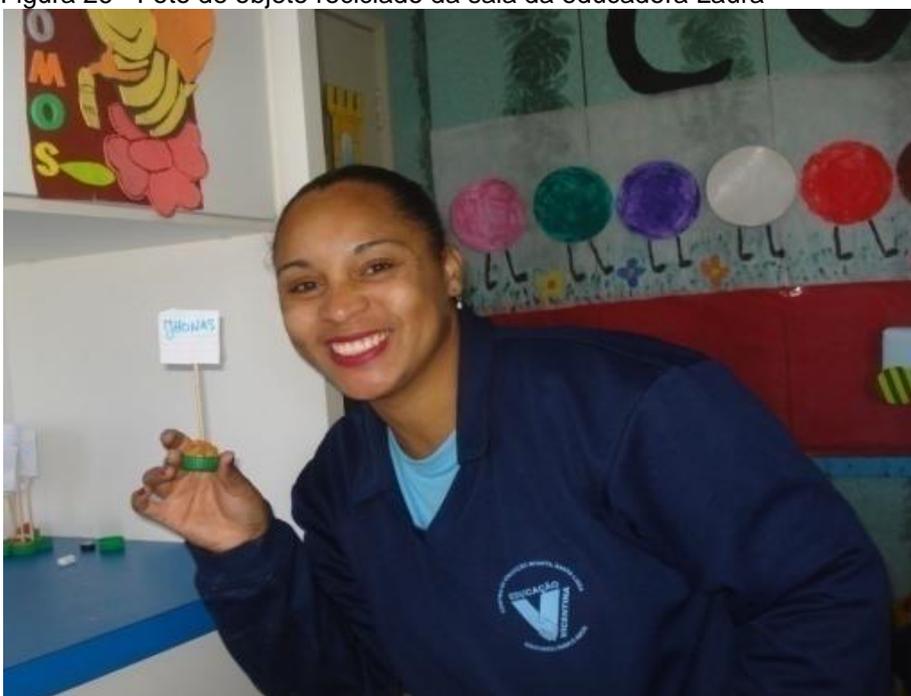
Figura 25 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura



Fonte: Foto capturada pela autora.

Outros objetos na sala da Professora Laura:

Figura 26 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura



Fonte: Foto capturada pela autora.

Figura 27 - Foto de objeto reciclado da sala da educadora Laura



Fonte: Foto capturada pela autora.

O registro final foi feito em forma de painel exposto no hall de entrada da escola.

6.4 TRANSCUIDADO: UM JEITO DE EDUCAR A SENSIBILIDADE

Educar as emoções é um ato de amor (Monte-Serrat, 2007, p.59).

Com o objetivo de proporcionar momentos de reflexão sobre a importância e gratidão pelo dom da vida, o respeito às diferenças que existem em cada ser como complementaridade, e a contemplar e preservar as maravilhas criadas, essa Roda de Conversa foi introduzida por um filme infantil: A Moda Amarela, com uma linguagem fácil e um enredo instigante que prendeu a atenção das crianças durante toda a sua exibição. Por meio de histórias educativas, as crianças aprendem de modo lúdico e prazeroso.

Uma sinopse do filme:

“A História começa com o Smilinguido, que é uma formiguinha, limpando suas botinhas amarelas. Todas as demais formiguinhas, cada qual tinha uma cor diferente. Num passeio pela floresta, a rainha Formosa percebeu as botinhas

brilhantes de Smilinguido e o elogiou. Isso fez com que seu amigo Piriá ficasse com inveja e desejasse ter botinhas iguais às do Smilinguido.

Alguns dias depois, Piriá conseguiu fabricar uma tinta amarela usando uma fruta chamada gabioba e pintou suas botinhas. Logo foi seguido por todas as formiguinhas. Mas, para dar tinta aos amigos, eles tinham que lhe dar uma fruta.

Chegando à escola, Mestre Formisã não os reconhece e passam a usar crachá. Mas a sabedoria do mestre o fez levar seus alunos para a floresta e ensiná-los que Deus criou todas as criaturas diferentes, mas Ele os ama com igual amor.

Assim, a formiguinhas voltaram à sua cor original e a paz voltou a reinar no reino das formiguinhas. Piriá aprendeu a lição de que não é bom ter inveja, no mundo as diferenças nos complementam”.

Após a exibição do filme, iniciamos nossa Roda de Conversa. Foi um momento de reflexão. Comecei perguntando o nome do filme e deixei que elas recontassem a história a partir de sua compreensão. Cada criança foi construindo uma parte do filme fazendo assim uma síntese.

A partir daí começamos a explorar a ideia central do filme: Deus criou cada um de nós com suas especificidades para que pudéssemos nos complementar e tornar o mundo mais feliz.

Partindo das falas das crianças, busquei explorar a importância do respeito para tornar a convivência e o ambiente em que frequentamos saudáveis.

Como o filme foi muito envolvente, as crianças todas quiseram falar. Solicitei à criança L que expressasse sua opinião.

“Eu gostei por causa que o Piriá, eu gostei da cor dele: vermelha. Ele era vermelho e como ele botou a tinta amarela eu achava que todo mundo era igual. Daí todo mundo ficou igualzinho aos dois. Daí foram lá na árvore de borracha e voltaram na cor normal”. (Criança L).

“O Piriá, viu que a rainha olhou só para o amigo dele que estava brilhante, né. Depois ele foi lá, jogou a comida fora e aprontou uma tinta. Depois ele entrou dentro e botou as mãozinhas e os pezinhos. E ficou da cor do amigo dele”.

Mas por quê? Por que as formigas queriam ser todas amarelas, iguais ao Smilinguido?

“Porque a rainha gostou muito e eles pensavam que ela ia amar”. (Criança M).

“Eles pensavam que a rainha gosta da cor amarela”. Criança D).

“Como o outro, o amarelinho (eu disse: o amarelinho era o Smilinguido). O Smilinguido, ele já era amarelinho e depois ele ficou branquinho no pé e na mão e daí a rainha gostou. E depois o Piriá fez a tinta e ficou igual o Smilinguido. E daí a rainha não gostou da cor deles, como eles eram tão

iguazinhos e ela não sabia quem era o Smilinguido e o Piriá. Aí todo mundo usou crachá pra saber quem é”. (Criança L).

Foi legal essa atitude de ficarem todos iguais?

“Não foi tanto, mas foi um pouquinho. Eu gostei quando o Piriá e o Smilinguido ficaram iguais, daí eles podiam ser irmãos gêmeos”. (Criança A).

“É que eu achei uma parte engraçada quando aquele que não era amarelo ficou todo amarelinho”. (Criança D).

“Ficou chato”. (Criança L).

“Aí eles pegaram um pedaço de papel, pegaram um pau e fizeram o nome deles e colocaram no pescoço para o professor saber quem era e quem era”. (Criança L).

“Isso, fizeram um crachá”.

“Aquele parte em que ele (Smilinguido) ficou triste, muito triste, eu fiquei com pena. Mas depois, ele não ficou mais.” (Criança M).

“Mas por que ele ficou triste”?

“Porque ele queria que o amarelinho fosse a cor favorita da rainha”.

“Por que as pessoas são diferentes”?

“Assim, ó. Pra ficar todos iguaizinhos como ele (Smilinguido) eram, eles botaram a cor pra ser todos amarelinhos. Eles gostaram de ficar amarelinhos, mas depois eles ficaram enjoados e voltaram a ser da mesma cor como eram”. (Criança K).

“Elas são de cores diferentes e daí dá pra saber quem é quem”. (Criança E).

“E como seria o mundo se as pessoas fossem todas iguaizinhas”?

“O jacaré quase pegou as formiguinhas”. (Criança E).

Por quê?

“E daí elas correram e acharam um lugar escondido para esconder do jacaré que estava pegando elas porque elas eram todas amarelas”. (Criança E).

“O dragão pensou que eram ovos” (Criança G).

“E por que as formiguinhas queriam ser todas iguais ao Smilinguido”?

“Pra ficar brilhante”. (Criança E).

“Eles ficaram cansados de ficar assim dessa cor. Depois o outro foi lá na árvore da borracha e se lavou todinho e ficou da cor dele”. (Criança I).

“Mas, deixa eu ver se vocês conseguem se lembrar. Cada um tinha uma cor e a do Piriá era amarela. Por que os colegas queriam ficar amarelos”?

“Por causa que o outro estava amarelo”. (Criança K).

“Mas tinha outro motivo”!

“Pergunta pro Zambi, ele é mais inteligente”. (Criança M).

“Vocês são todos inteligentes”.

“Como que é o nome do outro que a rainha viu”? (Criança L).

“O amigo do Smilinguido? Piriá”.

“O Piriá viu as botas dele brilhando, que a rainha disse que estavam bonitas. Disse que ele era um ouro. E depois ele ficou triste. Foi lá na hora da comida, ele jogou a comida fora, foi lá e pegou um pouquinho de milho, misturou e depois ele botou um pauzinho e mexeu. Depois dividiu com os outros. Pra ficarem todos da mesma cor”.(criança K)

“E o que vocês acham de eles ficarem todos iguais”?

“Porque o professor ficou bravo que tinha que botar crachás neles”. (Criança J).

Mas por que tinha que botar crachá?

Por que o professor não sabia quem era e ficava gritando.(Criança I).

Foi legal eles serem todos iguais?

“Não. Eles deviam ficar da mesma cor que eles estavam”. Criança K).

“Eu acho feio. Porque todo mundo tem uma cor de sapata, olha aí (e mostrou o tênis). E das meias. A minha é do Batman”. Criança B).

“Eles tentaram ficar todos iguais, isso não foi legal”.(Criança G).

Continuei a conversa perguntando:

Por que as pessoas são diferentes?

“Porque as pessoas não podem ser todas da mesma cor. Você tem a cor marrom e eu tenho a cor branquinha. Deus fez a gente assim pra ficar mais bonito”. (Criança B).

“Porque senão o professor não vai saber quem é eles”. (Criança K).

“Porque senão Deus ia saber quem era se a gente fosse todos da mesma cor”. (Criança E).

Então, lancei a última pergunta de nossa Roda de Conversa, com o intuito e obter, a opinião das crianças sobre a importância da diversidade:

Como vocês acham que seria o mundo se as pessoas fossem todas iguais?

“Eu achava feio. Por que ó... porque ia ficar muito feio tudo igual”. (Criança B).

“Muito amarelo”. (Criança E).

Você acha que o mundo seria amarelo? Todas amarelas iguais as do filme?

“O mundo seria todo amarelo”. (Criança C).

“Eu acho que ia ser bem sem graça. As pessoas todas iguais ninguém ia saber quem era quem. Todos iriam ter que usar crachás”. (Criança M).

“Se a gente fosse tudo igual, a vida ia ser triste”. (Criança F).

Esse diálogo sobre o filme levou as crianças a compreenderem a importância de sermos diferentes, detalhe que não passou despercebido por elas, como se pode perceber na fala anteriormente destacada:

“Porque as pessoas não podem ser todas da mesma cor. Você tem a cor marrom e eu tenho a cor branquinha. Deus fez a gente assim pra ficar mais bonito”. (Criança B).

É muito importante favorecer às crianças oportunidades para que reflitam sobre questões existenciais. Essa prática fortalece a espiritualidade das crianças. Lembro, porém, que espiritualidade não deve ser confundida com religiosidade, o

que poderia ser associada às práticas devocionais de cada crença ou religião. Não se trata de impor às crianças a crença da instituição, mas levá-las a valorizar o dom da vida, a valorizar a experiência do diálogo interior e a intimidade com um ser Transcendente.

Pereira, (2005,p. 37) afirma: “Viver a espiritualidade em sua plenitude é dom, mistério, graça e beleza”. O caminho da espiritualidade deve ser ensinado às crianças. Não se trata de ensinar práticas devocionais, mas sim, apreciar o que é belo, a contemplar as maravilhas que nos cercam, a desenvolver uma intimidade com o Criador e a viver o mandamento do amor.

As crianças pequenas, me parecem não ter formado, ainda, os conceitos de inveja, competição, concorrência, ambição, mas, conseguem compreender atitudes que demonstram esse tipo de comportamento não são aceitáveis para a boa convivência em sociedade, em comunidade. Compreendem que a felicidade é fundamental para uma relação harmoniosa e que, sem a pessoalidade, não há felicidade, mas sim, concorrência, o desentendimento, a desestabilização de uma ordem existente, a quebra da harmonia:

É importante nutrir a espiritualidade da criança pequena fortalecendo-lhe a autoestima. A agitação do mundo moderno e competitivo leva, gradativamente, a pessoa a um esgotamento emocional e físico que pode lhe causar a diminuição do gosto pela vida. Marmilicz, (2006, p. 10), afirma:

Para poder superar todos esses obstáculos, o homem moderno precisa encontrar formas de recuperar as energias perdidas, e sentir que tem o controle sobre as coisas, e não é dominado e massacrado por elas. Tarefa difícil, exigente, mas possível. Viver com autoestima é no fundo sentir-se senhor de sua própria história, da sua caminhada, do seu dia-a-dia, e não apenas um ser passivo, repetidor e consumidor do que lhe é apresentado.

É essencial educar as crianças para a autoestima, pois é nessa fase que ela começa a manifestar o sentimento de inferioridade, sentimento esse que muitas vezes não é percebido pelo adulto. A criança acredita ser incapaz de realizar determinado feito, executar atividades propostas ou mesmo partilhar suas respostas.

Um outro elemento que as crianças perceberam foi a ambição:

“Assim, ó. Pra ficarem todos iguaizinhos como ele (Smilinguido) era, eles botaram a cor pra ser todos amarelinhos. Eles gostaram de ficar amarelinhos, mas depois eles ficaram enjoados e voltaram a ser da mesma cor como eram”. (Criança K).

A ambição é uma emoção negativa. De acordo com Grün, (2007, p. 21), “emoções negativas escurecem as fontes das quais nos abastecemos”.

As crianças perceberam, auxiliadas e incentivadas pelo filme, que mudar o jeito de ser para ficar igual ao outro é uma reação de curta duração. Quando não se é o real, cansa-se, perde a motivação: “*eles ficaram enjoados e voltaram a ser da mesma cor como eram*”. (Criança K).

A ambição, principalmente quando existe de modo exagerado, torna as fontes de nossa força e as possibilidades de regeneração igualmente turvas. [...] A ambição também se pode uma prisão interna da qual é difícil escapar. (Grün, 2007, p.22).

Quando a criança está fortalecida espiritualmente, aprenderá a lidar com suas emoções negativas. Dessa forma, a escola e a família, são as principais responsáveis por fortalecer a autoestima da criança de maneira que possam resistir às dificuldades do cotidiano, lidar com as influências externas e enfrentar as adversidades com amor, coragem e determinação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS EM ABERTO

O propósito dessa pesquisa foi refletir e compreender as dimensões do cuidado por meio de uma educação baseada em valores, ofertada na Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, a fim de propiciar situações que desenvolvam na criança pequena uma atitude de gradual avanço no sentido da autonomia, da responsabilidade em assumir seu próprio desenvolvimento, buscando uma convivência social harmoniosa tendo como base o cuidado e seu princípio do amor. Para realizar essas reflexões, fez-se necessário retomar o ponto de partida e relatar as primeiras impressões e impactos dessa realização.

No início da investigação, depois de consultar os adultos interessados, chegou a hora de falar com os protagonistas da pesquisa: as crianças pequenas. Carmem Tereza Gonçalves Trautwein, in Souza, (2010, p. 257), diz que: “entrevistar criança pequena envolve dor e delícia”. Palavras animadoras, mas, ao mesmo tempo, desafiantes. Como já relatei anteriormente, apesar de minha proximidade com as crianças envolvidas nessa pesquisa, por ser a diretora da escola e nela estar por 9 anos, a minha inexperiência em trabalhar diretamente com elas, em sala, me levava a temer a dor. Por outro lado, como sou uma pessoa otimista frente aos desafios que a vida apresenta, decidi apostar na delícia.

Ao apresentar às crianças a proposta de passarmos algumas horas juntos, nas próximas semanas, onde iríamos realizar atividades e conversarmos sobre alguns assuntos, apesar da vibração de todas, senti um misto de “dor e delícia”, por estar enveredando por caminhos novos que poderiam trazer muitas surpresas e deslumbramentos.

Essa pesquisa, em particular, foi desenvolvida em uma condição peculiar. Contemplou apenas um pequeno grupo de crianças que satisfaziam os requisitos exigidos: estar no Jardim B em 2012 e ter ingressado na escola antes de completar um ano de idade. Esses requisitos possibilitaram o enriquecimento das Rodas de Conversa pelo fato de as crianças já se conhecerem há alguns anos, apesar de serem de duas turmas diferentes, e todas já terem completado seis anos de idade na ocasião da pesquisa, o que facilitou a desinibição e fluidez nas manifestações.

A metodologia de Rodas de Conversa com a temática principal: cuidado, foi muito rica e enriquecedora. Deixar as crianças falarem, dar asas à sua imaginação, não foi tarefa fácil, porém, muito eficaz na compreensão de cada criança como ator

social, sujeito de sua história. As Rodas de Conversa constituíram uma ferramenta muito importante para compreender o que as crianças sabem e o que elas “querem saber”. (JUNQUEIRA FILHO, 2011, p.11).

Diante da investigação realizada e dos resultados obtidos, concluí ser fundamental os educadores de crianças pequenas terem a compreensão de que um novo paradigma se instaura sobre a compreensão do ser criança. Não se concebe mais a criança do período colonial à década de 80, época em que as crianças eram consideradas seres sem voz e sem vez, além de, muitas vezes, escravizadas e privadas de direitos. Urge a superação de uma visão reducionista da infância e a abertura para uma abordagem mais realista e abrangente da concepção de criança.

Gimeno Sacristán fala de “recuperar uma humanidade que se sente desfalecer”, por meio do cuidado: “O cuidado da infância não pode ser tido como uma tarefa a mais, mas como a decisiva e única possibilidade de recuperar uma humanidade que se sente desfalecer” (2005, p.40).

Essas palavras reafirmam minhas convicções da importância de educar as crianças pequenas para valores, por meio de uma práxis permeada de cuidado, tendo como base o amor, componente essencial para a educação para a vida. É na infância que se começa a refletir com a criança sobre o sentido da vida e sua preservação, as escolhas que fazemos e as consequências de nossos atos.

Respalhada no estudo realizado concluí a importância de se educar crianças pequenas para valores a fim de propiciar a elas oportunidades de uma convivência saudável consigo mesmas, com os outros, com o ambiente e com o cosmo. Pois, os resultados evidenciados mostraram que, as crianças pequenas estão abertas a novos aprendizados. Elas aprendem por meio das brincadeiras, das interações com os adultos e com outras crianças, da exploração das coisas que as cercam, relacionando-se com as pessoas e realizando experimentos.

Aprender a conviver, desde a mais tenra idade, é base para a felicidade e o sucesso na vida pessoal e, posteriormente, profissional. É importante saber dar sentido às coisas, às pessoas, valorizar a tudo e a todos como requisito básico de um relacionamento saudável e feliz.

Conforme se observou nessa investigação, a educação para valores por meio de uma práxis impregnada de cuidado, recebida por essas crianças, desde seu ingresso na Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, e que, nesse final de ano, despedem-se para ingressar na segunda etapa da Educação Básica, foi

fundamental para a aquisição de uma visão mais otimista da vida diante da realidade que nos cerca e da rapidez com que acontecem as mudanças no mundo contemporâneo, para o fortalecimento dos laços de amizade e para a convivência na família, na escola e na sociedade. Esses aprendizados constituíram uma espécie de alicerce para o fortalecimento das relações intrapessoais e interpessoais de qualidade, vividos e experienciados nessa escola. Essas conclusões, as pude perceber mediante as falas de cada criança ao longo dos encontros, nas Rodas de Conversa.

Em relação às temáticas das Rodas de Conversa: autocuidado: (cuidado de si), altercuidado: (cuidado do outro), ecocuidado: (cuidado das relações que sustentam a vida e transcuidado: (cuidado com um Ser Transcendente), posso avaliá-las como proveitosas e significativas devido ao interesse demonstrado pelas crianças. Os assuntos foram interessantes e elas tinham sempre uma opinião a dar ou a complementar. Foram muitos os aprendizados socializados pelas crianças.

Por ser a Educação Infantil um espaço onde a aprendizagem se dá através do lúdico, onde o brincar e o aprender acontecem simultaneamente, a multiplicidade de experiências e o contato com as diversas linguagens contribuem para a criança desenvolver a capacidade de socialização e a autonomia. O respeito, a valorização da opinião do outro, o pedido de desculpa, a acolhida da participação dos outros e as mais diversas manifestações de uma boa convivência, ocorridos durante as Rodas de Conversa, falaram muito do aprendizado da importância de ser cuidado, do cuidar de si mesmo, cuidar do outro, das relações, do cosmo e da relação Transcendental.

Outra constatação foi a de que, quando desafiadas, as crianças pequenas são capazes de nos surpreender. E a escola, enquanto mediadora do processo de educação, é também desafiada a auxiliar o desenvolvimento das crianças em relação ao seu processo de autonomia, favorecendo atividades instigantes, que valorizem a infância e os interesses da criança. Urge uma educação que dê espaço, voz e vez às crianças pequenas, que as leve a desenvolver a sensibilidade e relações mais conscientes e solidárias.

Acredito que, as reflexões aqui feitas, as descobertas evidenciadas, a partir da pesquisa empírica, antes de apontar fragilidades no processo ensino-aprendizagem das crianças pequenas da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, desvelam um novo olhar sobre a Educação Infantil, um descortinar para

novos horizontes, revelam, a partir das falas dos protagonistas, caminhos novos a serem traçados e palmilhados, práticas a serem incentivadas. Na sutileza da fala das crianças, grandes contribuições para um novo pensar e agir, para planejamentos futuros.

Na qualidade de Diretora da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, função que ora exerço, e diante dos resultados obtidos, ousou afirmar que, caminhos novos se abrem para essa instituição, que, a partir dessa investigação traçará seus planos de ação, buscando dar voz e vez às crianças pequenas, valorizando-as e escutando-as “em suas curiosidades, dúvidas e interesses” (JUNQUEIRA FILHO, 2011, p. 76).

Estas reflexões não podem ser encaradas como um trabalho conclusivo, mas como reflexões desafiadoras a novas buscas e descobertas, a mim e àqueles que sonham com uma educação infantil que prime pela criança como ator social, capaz de contribuir com suas reflexões para a melhoria da qualidade da educação. Aos que acreditam na educação das emoções, na importância de se educar para a sensibilidade, para os valores essenciais para a convivência, para uma visão mais otimista de si mesmo, da vida, dos outros e do mundo. Uma educação pra a vida. Uma práxis impregnada de amor e cuidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de e GALIAZZI, Maria do Carmo. **A Formação do Professor em Rodas de Formação**. R. Bras. Est. Pedag. Brasília. V.92. nº 231. P. 386-398. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/1742/1609>. Acessado em 17/08/2012

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Editora LCT, 1981.

_____. **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa, PT. Relógio D'Água Editora, 1988.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W e GASKEL, George. Trad. Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BELTRÃO, Ricardo Ernesto Vasquez. **Convênio creches comunitárias em Porto Alegre: uma alternativa democrática na alocação de recursos públicos escassos**. In: FUJIWARA, Luis Mario; ALESSIO, Nelson Luiz Nouvel; FARAH, Marta Ferreira Santos. 20 experiências de gestão pública e cidadania. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 1999. Versão em PDF, disponível em: <
<http://www.eaesp.fgvsp.br/subportais/ceapg/Acervo%20Virtual/Cadernos/Experi%C3%AAs/1998/17%20-%20creches%20comunitarias.pdf>>. Acessado em: 24/02/2012.

BOFF, Leonardo. **A força da Ternura: Pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

_____. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **O Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2012.

BRASIL. **Política Nacional de educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Coordenação de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Volumes 1, 2 e 3.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil**. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRAZELTON, T. Berry e GREENSPAN, Stanley I. **As Necessidades Essenciais das Crianças: o que toda criança precisa para crescer, aprender e se desenvolver.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. SPARROW, Josuá D. Tradução: Cristina Monteiro. **3 a 6 anos Momentos decisivos do desenvolvimento infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

BUB, Maria Bettina Camargo et al. **A Noção de cuidado de si mesmo e o conceito de autocuidado na enfermagem.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006; 15 (Esp): 152-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15nspe/v15nspea18.pdf>. Acesso: 19/03/2012.

CANCIAN, Renato, Revista Pedagogia&Comunicação (online). Disponível em http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/historia/historia_do_brasil. Acessado em: 11/04/2013.

CANDIOTTO, Cesar. **Subjetividade e verdade no último Foucault.** Trans/Form/Ação [online]. 2008, vol. 31, no. 1, pp. 87-103. ISSN 0101-3173. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10/08/2011.

CAVALCANTI, Margarida Tavares. **Sobre o "dizer verdadeiro" no espaço analítico.** Ágora (Rio J.) [online]. 2004, vol. 7, no. 1, pp. 55-72. ISSN 1516-1498. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/08/2011.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 2001.

_____. **Pedagogia do Amor - A contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações.** São Paulo: Gente, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da Infância.** Ed. 2. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon.** Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_o_aspecto_socioafetivo.asp?f_id_artigo=549>. Acesso em: 04/11/2011.

COSTTA, Sílvio. **Educação Sonora e Musical: oficina de sons.** São Paulo: Paulinas, 2012.

CRUZ, Maria Waleska. **Saberes Epistêmico-solidários na Formação Humanizadoras de Educadores e Educadoras Emancipatórios para a Escola e para além da Escola: por uma sociedade de utopia.** Porto Alegre, 2002.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **Ouvir crianças: uma tarefa complexa e necessária.** In: A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia.** *Educ. Soc.* [online]. 2006, vol. 27, no. 97, pp. 1113-1135. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/11/2011.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** – 10. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

D'HAESE, Márcia. Smilingüido em moda amarela. 1 DVD Desenho (37 min). Luz e Vida, 2011.

DIDONET, Vidal et. al. **Plano Nacional pela Primeira Infância.** Brasília: Bernard van Leer Foundation, 2010.

DÍEZ NAVARRO, M. Carmem. **Afetos e Emoções no dia-a-dia da Educação Infantil.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre. Artmed, 2004.

FILÁRTIGA, V. A. (org.). **Vivendo e Aprendendo com grupos:** uma metodologia construtivista para dinâmica em grupos. Rio de Janeiro: Manole, 2001.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FROTA, Mirna Albuquerque; ALBUQUERQUE, Conceição de Maria de e LINARD, Andrea Gomes. **Educação popular em saúde no cuidado à criança desnutrida.** *Texto contexto - enferm.* [online]. 2007, vol. 16, no. 2, pp. 246-253. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

GARCIA, Agnaldo e COSTA PEREIRA, Paula Coimbra da. **Amizade na Infância: um estudo empírico.** *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v 9, n.1, p. 25-34, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v9n1/v9n1a04.pdf>; acessado em 15/06/2012.

GIMENO SACRISTÁN, j. **O Aluno como invenção;** trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. **Ética Biofílica como fundamento de uma Educação para Valores.** Disponível em: <http://www.cetrans.com.br/novo/textos/a-etica-biofilica.pdf>. acesso em: 03/10/2011.

_____. **Entrevista à Revista Pontocom,** 2007. Disponível em <http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-entrevista/entrevista-com-antonio-carlos-gomes-da-costa>. Acesso em: 20/05/2011.

GOMES DA COSTA, Antonio Carlos Gomes e OLIVEIRA LIMA, Isabel Maria Sampaio. Programa Cuidar. As várias dimensões do autocuidado. *Modus Faciendi.* Belo Horizonte, MG. 2002.

_____. **Programa Cuidar. Autocuidado:** um conceito em evolução. Modus Faciendi. Belo Horizonte, MG. 2002.

_____. **Programa Cuidar.** Educação para valores com base na ética biofílica. Modus Faciendi. Belo Horizonte, MG. 2002.

GRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

GRAUE, M. Elizabeth e Walsh, Daniel J. **Investigação Etnográfica com crianças:** Teorias, Método e Ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GRÜN, Anselm. **Fontes da Força Interior** – Evitar o esgotamento, aproveitar as energias positivas. Tradução: Lorena Kim Richter. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HELITON, Newton. Intérprete. Coisas de criança. **Queimadas.** 1 CD faixa 2 (3 min 30s). Paulinas-COMEPE.

_____. Newton. Intérprete. Coisas de criança. **O lixo.** 1 CD faixa 7 (2 min 41s). Paulinas-COMEPE.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância:** da Idade Média á época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Interdisciplinaridade na pré-escola:** anotações de um educador “onthe Road”. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. **Linguagens geradoras:** seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de Educação Infantil:** gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.

MACHADO, Maria Lucia de A. **Criança Pequena, educação infantil e formação dos profissionais.** Revista Perspectiva. Florianópolis. Edição Especial p. 85-98 – jul/dez.1999.

MARMILICZ, André. **Auto-estima: fundamentos para uma vida saudável.** Curitiba, Vicentina, 2005.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MAYEROFF, M. **A arte de viver e servir ao próximo para servir a si mesmo.** Rio de Janeiro: Record, 1971.

- MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.**In: . (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed.Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.
- MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade.** 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós-Graduação. FAFIUV/ 2008.
- MOLAR, Jonathan de Oliveira. **A Alteridade na Educação: Noção em construção.** Campo Mourão – PR. Revista NUPEM, v.3, n.5, ago./dez.2011. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/59>. Acesso: 25/03/2012.
- MONARCHA, Carlos (org.). **Educação da Infância Brasileira: 1875-1983.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001. Col. Educação Contemporânea.
- MONTANHA, Joel. **A responsabilidade dos pais na formação espiritual dos filhos.**2010. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS).
- MONTE-SERRAT, Fernando. **Emoção, afeto e amor.** São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.
- NASCIMENTO, Elisabet Ristow. SANTOS, Ademir Valdir. **Cuidado ou educação? A prática educativa nas creches comunitárias de Curitiba.** In: REUNIÃO DA ANPED, 33ª. Disponível em: <<http://anped.org.br>>. Acesso em: 11 abr. 2011.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. (org.). **A Escola vista pelas Crianças.** Porto – Portugal, Editora Porto, 2008.
- PEREIRA, Simone. **Descobrimo o caminho da espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005.
- PÉREZ ESCLARÍN, Antonio. **Educar Valores e o Valor de Educar – parábolas.** Tradução: Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Paulus, 2007, 3. Ed.
- PÉREZ SERRANO, Glória. **Educação em Valores: Como educar para a Democracia.** Trad: Fátima Murad. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 2002
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs.). **As crianças: contextos e identidades.**Portugal: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.
- PORTAL, Leda Lísia Franciosi. **Educação para inteireza: um(re)descobrir-se.** Revista Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 285-296, out. 2007.
- POZZOLI, Thereza Christina. (lexicógrafa). **Dicionário da Língua Portuguesa Larousse Cultural.** Editora Nova Cultural Ltda. 1992.
- PUEBLA. **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina: São Paulo: Edições Loyola, 1979.**

RANGEL, Ana Cristina Souza. **Educação matemática e a construção do número pela criança:** Uma experiência em diferentes contextos sócios – econômicos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

REIGADA, Carolina. REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental para crianças no ambiente urbano:** uma proposta de pesquisa-ação. Revista Ciência e Educação, vol. 10, n. 2. P. 149-159, 2004.

RICHTER, Sandra. **Infância e Imaginação:** o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (org). A Educação do Olhar no Ensino das Artes. Porto Alegre: Mediação, 1999 (p. 180-198).

ROCHA, H.A.C. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente de consolidação de uma pedagogia.** Florianópolis: UFSC, 1999.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; RAMON, F.; SILVA, A. P. S. **Políticas de Atendimento à crianças pequenas nos países em desenvolvimento.** Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 65-100, març. 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SARDENBERG, Maria. Intérprete. Trá-lá-lá: vamos comemorar. **O que será de mim?** 1 CD faixa 13 (2 min 26s). Semana do meio ambiente jun 01 a 07.

SILVA, Sonia Aparecida Ignacio. **Valores em Educação:** a compreensão e a operacionalização dos valores na prática educativa. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SOUZA, M.P.R (org.). **Ouvindo crianças na escola:** abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SUZIN, Maria Otília Kroeff. **Educação Infantil.** Conhecendo a Resolução nº 003/2001 – CME. Publicação: Prefeitura de Porto Alegre, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **A. Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidado Humano: o resgate necessário.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto. 1998.

_____. **O Cuidado na Saúde:** As relações entre o eu, o outro e o cosmos. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2004.

_____. **Atualização do Cuidar.** Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, Espanha e Portugal. Universidade Autónoma Del Estado de México. Universidad de La Sabana. Aquichan, Abril, año/vol.8. número 001. Chia,

Colômbia, p. 85-96. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/741/74108109.pdf>. Acesso em: 05/04/2012.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Rodas e narrativas**: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In: AMARAL, Silvia (Coord.) *Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna*. Editora Vozes, Petrópolis, 2004.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIOGRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- PPGE/PUCRS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados Pais

Sou aluna mestranda do PPGE/PUCRS, estou realizando uma pesquisa denominada: **Educar criança pequena para valores: uma práxis impregnada de cuidado.**

Esta pesquisa envolve (11) onze crianças de Jardim B, seus pais (11) e 07 (sete) educadoras que trabalharam com essas crianças desde seu ingresso na Educação Infantil, aos dias atuais.

Seu filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa, por ter estado neste estabelecimento de ensino desde bebê, porém, sua adesão é voluntária e o(a) mesmo (a) poderá desistir a qualquer momento. Os encontros serão Rodas de Conversa, realizadas durante a semana, momento em que as crianças já se encontram na escola. Os dados obtidos nesses encontros serão utilizados na investigação dessa pesquisa.

Como são crianças pequenas pedimos a gentileza de autorizar a participação do mesmo, porém, a adesão é voluntária.

Contando com sua participação, antecipo meus agradecimentos.

Atenciosamente
Maria Souza dos Santos
Mestranda em Educação/PUCRS

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS**TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS**

Autorizo meu filho (a) a participar da pesquisa, estando ciente de seus objetivos e de meu envolvimento, estando conforme que as informações sejam divulgadas nos meios científicos, respeitando o anonimato de meu filho (a).

Nome do Responsável: _____

Assinatura do Responsável: _____

Porto Alegre, _____ de 2012.

APÊNDICE C –TERMO DE AUTORIZAÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIOGRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- PPGE/PUCRS

Prezada Educadora

Como aluna do Programa de Pós Graduação da PUCRS - Mestrado em Educação, estou realizando uma pesquisa denominada: **Educar criança pequena para valores: uma práxis impregnada de cuidado.**

Essa pesquisa envolve (13) onze crianças de Jardim B, turma que está sob sua responsabilidade. Por essas crianças permanecerem na Escola durante todo o dia, venho por meio dessa, solicitar a liberação das crianças envolvidas na Pesquisa, para nove sessões de Roda de Conversa, durante o mês de outubro de 2012, por aproximadamente uma (01) hora.

Contando com sua compreensão, antecipo meus agradecimentos.

Atenciosamente

Maria Souza dos Santos
Mestranda em Educação/PUCRS

Porto Alegre, _____ de 2012.

APÊNDICE D – CARTA DE ESCLARECIMENTO

Carta de Esclarecimento para uso de imagem da criança

Senhores Pais!

Sendo do conhecimento dos senhores a participação de seu (sua) filho(a) na Pesquisa de Mestrado da Diretora da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, Irmã Maria Souza dos Santos, venho por meio desta informar-lhes o motivo da solicitação de uso da imagem de seu(sua) filho(a).

Em uma de nossas Rodas de Conversa, cada criança escolherá seu local preferido na Escola, falará do motivo de sua preferência por esse determinado espaço e será nele fotografada. A imagem será exibida aos colegas de classe e passará a fazer parte do Relatório da referida dissertação, que será disponibilizada para leitura na biblioteca da PUCRS, sendo assim, necessária a autorização de um adulto, responsável pela criança. Certa de sua compreensão, antecipo meus agradecimentos.

Porto Alegre, _____ de _____, de 2012.

Maria Souza dos Santos
Mestranda em Educação/PUCRS

APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
responsável por _____ aluno (a)
do Jardim B da Instituição de Educação Infantil Santa Luiza, autorizo a publicação
da imagem de meu (minha) filho (a) na Dissertação de Mestrado de Maria Souza
dos Santos, intitulada: **“Educar crianças pequenas para valores: uma práxis
impregnada de cuidado”**, ciente de que a mesma estará disponível, em formato
eletrônico e impresso, na Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul (PUCRS) para consultas e empréstimos.

A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo a referida
produção, ser, posteriormente publicada.

Nome: _____

CPF ou RG: _____

Assinatura: _____

Porto Alegre , ____ de _____, de 2012